

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**PRESERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES
MUSEOLÓGICAS NO MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO
(2001-2024)**

Relatório de Estágio Curricular no Museu Arqueológico do Carmo

Antonia Perry Camacho

Nº: 164081

Relatório de Estágio Curricular orientado pela Professora Doutora Clara Moura Soares e supervisionado pela Doutora Célia Nunes Pereira, especialmente elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em História da Arte e Património.

LISBOA

2025

Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha sincera gratidão a todos que contribuíram, de forma direta ou indireta, para a realização deste relatório de estágio e dissertação. Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Clara Moura Soares, pelo acompanhamento contínuo, pelo incentivo constante e pelas orientações fundamentais ao longo deste percurso académico.

Agradeço também à Doutora Célia Nunes Pereira, pela supervisão do meu estágio curricular, pelo acompanhamento detalhado e solícito, pelas valiosas orientações que enriqueceram a experiência prática no Museu Arqueológico do Carmo e pelo esclarecimento das dúvidas e questionamentos surgidos durante o desenvolvimento da escrita do trabalho. Estendo a minha gratidão à equipa do Museu Arqueológico do Carmo pelo apoio, disponibilidade e partilha de conhecimento, fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho.

Agradeço ainda à Universidade de Lisboa, à Faculdade de Letras e ao corpo docente pelos ensinamentos, pela transmissão de saberes e pelos recursos disponibilizados ao longo de todo o percurso académico, que foram determinantes para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço aos meus amigos e à minha família pelo apoio incondicional, pela paciência e pelo incentivo constante, que foram essenciais para a concretização desta etapa.

Resumo

Este trabalho investiga as transformações do Museu Arqueológico do Carmo (MAC) entre 2001 e 2024, período marcado pela reabertura da instituição após seis anos de fechamento para reformas estruturais e pela implementação de novas estratégias de gestão, comunicação e mediação cultural. O estudo tem como objetivo analisar como o MAC se reposicionou como um centro cultural dinâmico e inclusivo, ampliando seu público e consolidando sua relevância no cenário museológico contemporâneo. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e quantitativa, combinando análise documental, observação direta das práticas institucionais e análise de dados sobre o número de visitantes. O trabalho contextualiza historicamente o MAC, abordando sua fundação, trajetória institucional e as principais intervenções estruturais e museológicas ocorridas ao longo do tempo. O período analisado permite compreender a evolução do museu em termos de gestão, comunicação, mediação cultural e diversificação de públicos, situando-o no contexto mais amplo da museologia contemporânea e das políticas culturais em Portugal.

Palavras-chave: Museu Arqueológico do Carmo, museus de arqueologia, museologia, gestão museológica, análise de público, património.

Abstract

This study investigates the transformations of the Museu Arqueológico do Carmo (MAC) between 2001 and 2024, a period marked by the museum's reopening after six years of closure for structural renovations and the implementation of new management, communication, and cultural mediation strategies. The research aims to analyze how MAC repositioned itself as a dynamic and inclusive cultural center, expanding its audience and consolidating its relevance in the contemporary museological landscape. The study adopts a qualitative and quantitative approach, combining documentary analysis, direct observation of institutional practices, and visitor data analysis. It provides a historical context of MAC, covering its foundation, institutional trajectory, and the main structural and museological interventions over time. The period under study allows for an understanding of the museum's evolution in terms of management, communication, cultural mediation, and audience diversification, situating it within the broader framework of contemporary museology and cultural policies in Portugal.

Keywords: Museu Arqueológico do Carmo, archaeology museums, museology, museum management, audience analysis, heritage.

Índice

Introdução.....	6
Estado da arte.....	11
Capítulo I: Fundamentos teóricos para a compreensão do museu como espaço cultural e patrimonial.....	18
1.1 Museus: história, função e reconfiguração.....	19
1.2 Património: memória, identidade e preservação cultural.....	25
1.3 Museus de Arqueologia: conceitos e especificidades.....	30
Capítulo II: Trajetórias históricas e mudanças estruturais no Museu Arqueológico do Carmo... 36	
2.1 A igreja do Carmo: o edifício antes do museu.....	37
2.2 A primeira fase do museu: A fundação e gestão pela Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses.....	46
2.3 A segunda fase do museu: a gestão da Associação dos Arqueólogos Portugueses.....	56
2.4 Suspensão das atividades do Museu Arqueológico do Carmo (1995-2001).....	65
Capítulo III: Da reabertura à reconfiguração: a evolução do Museu Arqueológico do Carmo (2001-2024).....	70
3.1 Projeto de musealização e reformulação do Museu Arqueológico do Carmo.....	70
3.2 A dualidade do Museu Arqueológico do Carmo: monumento histórico e espaço museológico.....	73
3.2.1 O edifício como testemunho histórico.....	74
3.2.2 Preservar e expor: gestão patrimonial e musealização contemporânea.....	77
3.2.3 Desafios e estratégias em sua reabertura.....	80
3.3 Acervo, coleções e exposições temporárias.....	86
3.3.1 Composição do acervo e itens emblemáticos.....	87
3.3.2 Exposições temporárias e sua relevância estratégica.....	101
3.4 Estratégias de comunicação e divulgação.....	107
3.4.1 O marco de 2001 e a redefinição institucional.....	108
3.4.2 Comunicação educativa e cultural.....	111
3.4.3 Parcerias e redes institucionais.....	115
3.5 Público e visitantes: perfis, percepções e impacto das transformações institucionais.....	120
3.5.1 Evolução do público e crescimento de visitantes.....	121
3.5.2 Perfis e origens do público.....	127
3.5.3 As percepções dos visitantes.....	132
Reflexões finais sobre a renovação museológica do Museu Arqueológico do Carmo.....	139
Referências Bibliográficas.....	144

Introdução

O presente trabalho constitui o relatório do estágio curricular realizado no Museu Arqueológico do Carmo (MAC), sob a orientação da Professora Doutora Clara Moura Soares e supervisão da conservadora do museu, Doutora Célia Nunes Pereira, no âmbito do Mestrado em História da Arte e Património. O estágio teve início no dia 06 de novembro de 2024 e término no dia 13 de dezembro de 2024, totalizando 210 horas.

A estrutura do estágio foi organizada em três módulos principais, cada um dedicado a diferentes áreas da prática museológica. O primeiro módulo teve como foco a criação e montagem de exposições, oferecendo a oportunidade de acompanhar de perto duas exposições distintas. A exposição *Convento do Carmo, de Moura a Lisboa* foi desenvolvida em parceria com o projeto arqueológico do Convento do Carmo de Moura, com o apoio da Câmara Municipal de Moura, e foi inaugurada em 14 de novembro de 2024. Já a exposição *Por este Côa Acima!* contou com a colaboração da Fundação Côa Parque e foi aberta ao público em 23 de novembro de 2024. Durante esse módulo, foi possível vivenciar diretamente os processos de concepção curatorial, planejamento expositivo e montagem técnica, proporcionando uma compreensão prática das etapas envolvidas na execução de exposições.

O segundo módulo concentrou-se em visitas guiadas e mediação cultural, com ênfase no estudo do edifício histórico e de suas coleções. Este módulo incluiu a preparação de roteiros, o desenvolvimento de estratégias de mediação cultural e a adaptação do discurso às especificidades dos diversos públicos que visitam o museu, como escolares, turistas, especialistas e público com necessidades especiais.

O terceiro módulo dedicou-se ao inventário e gestão de reservas técnicas, com foco na organização, catalogação e acondicionamento do acervo. Este módulo possibilitou um contato aprofundado com as práticas de conservação preventiva e gestão, essenciais para a preservação do património museológico.

Este estágio configurou-se como uma experiência prática enriquecedora, complementando a formação teórica de estudante ao ser possível inserir-se diretamente na dinâmica de uma instituição museológica. Com base no conhecimento teórico adquirido ao longo do curso, foi possível aplicar conceitos, métodos e teorias em situações reais, especialmente nas áreas de preservação, gestão, pesquisa e difusão do património. Durante a experiência, foi possível ter a oportunidade de familiarizar-se com as práticas administrativas, técnicas e operacionais do museu, desenvolvendo competências específicas como análise

crítica da prática profissional e articulação entre teoria e prática. Esse processo inclui reflexões acerca dos desafios sociais, culturais e financeiros que permeiam a gestão de um museu e do património.

Ademais, a vivência direta com o cotidiano museológico proporcionou um aprofundamento em competências como trabalho em equipe, planejamento estratégico, comunicação interdisciplinar e resolução de problemas práticos. A interação com diferentes públicos também ressaltou a importância da acessibilidade e inclusão no contexto museológico, enfatizando o papel social do museu como espaço de diálogo cultural.

A experiência singular do estágio permitiu não apenas a aplicação de conhecimentos acadêmicos, mas também uma reflexão crítica sobre o papel do profissional de história da arte e património na sociedade contemporânea, destacando a relevância da integração entre preservação do património e educação.

A escolha do Museu Arqueológico do Carmo como objeto de estudo desta investigação fundamenta-se na sua singularidade enquanto instituição museológica instalada em um edifício de elevado valor histórico e patrimonial. Localizado nas ruínas do antigo Convento do Carmo, edificado no século XIV por iniciativa do Condestável D. Nuno Álvares Pereira (1360-1431), o museu constitui um exemplo paradigmático da articulação entre monumento e museu, entre espaço de memória e lugar de conservação, estudo e difusão do património. Essa configuração híbrida confere ao MAC uma identidade complexa, que transcende a função expositiva tradicional ao incorporar o próprio edifício e sua trajetória histórica no discurso museológico proposto.

Enquanto monumento gótico de referência no panorama de Lisboa, a Igreja do Carmo sofreu profundas alterações ao longo dos séculos, tendo sido severamente afetada pelo terremoto de 1755. A posterior musealização das ruínas, iniciada em 1864, representou não apenas uma estratégia de salvaguarda patrimonial, mas também um gesto simbólico de reintegração do edifício na memória coletiva da cidade. A singularidade do MAC reside, portanto, na sua capacidade de conjugar a dimensão arqueológica do acervo com a carga histórica do espaço edificado, promovendo uma experiência museológica onde a arquitetura, o conteúdo expositivo e o percurso do visitante se entrelaçam de modo indissociável.

Nesse sentido, a análise do Museu Arqueológico do Carmo revela-se particularmente pertinente para uma reflexão crítica sobre os desafios contemporâneos da museologia, especialmente no que concerne à gestão de instituições inseridas em sítios históricos. A investigação proposta parte da premissa de que a trajetória recente do MAC, marcada por processos de requalificação, reabertura e diversificação de públicos, oferece um campo fértil

para se pensar as novas dinâmicas museológicas que procuram articular preservação patrimonial, acessibilidade cultural e renovação institucional no século XXI.

O trabalho aqui desenvolvido, busca ir além da descrição da vivência prática do estágio e das atividades acompanhadas no Museu Arqueológico do Carmo. Dessa forma, levando como base a experiência prática, delineou-se um recorte de pesquisa para a elaboração do trabalho final de mestrado. Para isso, estabeleceu-se como objeto da pesquisa a análise das transformações do museu ao longo de sua trajetória recente, com foco no período de 2001 a 2024. Este recorte tem como objetivo investigar como o museu se reposicionou estrategicamente, expandindo sua comunicação e diversificando seu público após sua reabertura. O enfoque principal da pesquisa então volta-se para o início do século XXI, com ênfase em 2001, ano que marcou uma série de transformações no museu e na sua gestão, nomeadamente após o fechamento do MAC em 1995. Naquele ano, o Museu Arqueológico do Carmo foi obrigado a fechar ao público para executar uma série de intervenções estruturais no edifício, devido ao impacto causado pela construção de duas novas linhas do metropolitano no seu subsolo. O museu só conseguiu reabrir suas portas em 2001, após uma completa remodelação.

A partir deste enfoque, a pesquisa será estruturada em torno de eixos como estratégias de gestão, táticas de comunicação, ações culturais e a diversificação do perfil do público visitante. O objetivo central é analisar as transformações ocorridas no Museu Arqueológico do Carmo entre os anos de 2001 e 2024, com ênfase nas mudanças nos modelos de gestão, bem como na ampliação das práticas comunicacionais e de acessibilidade. Busca-se compreender os processos de evolução institucional que permitiram ao museu deixar de ser um espaço voltado principalmente a um público especializado, composto por intelectuais e estudiosos, para consolidar-se como um centro cultural dinâmico, inclusivo e voltado a um público mais amplo e diversificado. A investigação irá se basear nas transformações estratégicas e na adaptação do MAC às novas exigências culturais e sociais, incluindo a criação de novas formas de engajamento com diferentes tipos de público e a ampliação de sua rede de parcerias institucionais.

A estrutura deste relatório divide-se em três capítulos principais, precedidos pela introdução. O primeiro capítulo apresenta os fundamentos teóricos que sustentam a análise desenvolvida ao longo do trabalho, com ênfase nos conceitos de museologia, património e, mais especificamente, de museus arqueológicos. Esses eixos teóricos são fundamentais para a construção do referencial analítico da pesquisa, pois permitem compreender as dinâmicas institucionais e sociais que moldam o funcionamento dos museus na contemporaneidade.

Serão mobilizadas referências acadêmicas e institucionais que contextualizam as práticas museológicas atuais, oferecendo subsídios para a interpretação crítica das transformações ocorridas no Museu Arqueológico do Carmo. Assim, o capítulo inicial não apenas delimita o campo conceitual da investigação, como também estabelece os pressupostos teóricos necessários para a leitura das estratégias de gestão, comunicação e mediação cultural abordadas posteriormente.

O segundo capítulo volta-se para uma contextualização histórica do Museu Arqueológico do Carmo. Inicialmente, será brevemente abordada a Igreja do Convento do Carmo, mandada construir, em 1389, pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira, levando em consideração que o objeto de pesquisa não só se configura como um museu, mas também como um monumento gótico, devendo também receber destaque a história do edifício antes de sua musealização. Para além das origens do edifício, o foco principal da contextualização histórica se volta para o percurso do Museu Arqueológico do Carmo, traçando sua trajetória desde a fundação em 1863 até o início do século XXI. Serão destacadas as principais transformações institucionais, a mudança de gestão entre diferentes associações e o papel de figuras-chave, como Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896), seu fundador, e o Conde de São Januário, João de Almeida (1829-1901), sucessor à presidência da associação e importante contribuidor para o acervo do museu.

Compreender o percurso do museu permite identificar não apenas as mudanças estruturais e as adaptações às novas demandas culturais, mas também as relações institucionais que ajudaram a moldar as decisões tomadas no século XXI. Dessa forma, é possível perceber como o passado do museu influenciou as estratégias e a visão adotadas no contexto atual, contribuindo para sua renovação e adaptação aos novos desafios e exigências da sociedade contemporânea. Esse conhecimento histórico é fundamental para realizar uma análise comparativa, permitindo entender de forma mais clara as transformações ocorridas ao longo do tempo e identificar os pontos de continuidade e ruptura nas políticas e práticas museológicas, além de destacar as transformações mais significativas entre 2001 e 2024.

Por fim, o terceiro capítulo, que constitui o foco principal da pesquisa e o cerne das análises propostas, será dedicado à investigação das mudanças implementadas no museu a partir de 2001, inserindo-as no contexto do século XXI. Nesse segmento, será investigada a configuração do acervo e da coleção, com destaque para os itens mais emblemáticos e aqueles que exercem maior atratividade sobre o público visitante. Pretende-se também explorar como o MAC tem equilibrado sua dualidade como monumento histórico e espaço museológico, examinando de que maneira essa identidade multifacetada tem sido integrada

nas estratégias institucionais. Além disso, neste capítulo planeja-se discutir o caráter patrimonial e cultural do espaço, analisando como tais características têm orientado as estratégias de comunicação, as iniciativas culturais e a ampliação da acessibilidade. Serão avaliados os impactos dessas ações na percepção pública do museu e no alcance de um público mais amplo e diversificado. Conjuntamente será abordada a evolução do perfil de seus frequentadores, que, no século XIX e XX era mais restrito a um círculo de especialistas e intelectuais, passou a englobar diferentes segmentos sociais em seu público no século XXI. Nesse viés, o ano de 2001 será tratado como um marco fundamental no processo de transformação do museu, pois foi o ano em que o MAC reabriu suas portas após seis anos de fechamento para obras e reformas estruturais. Esse período de reclusão obrigou a instituição a se reconfigurar, tanto em termos de infraestrutura quanto em sua abordagem museológica. A reabertura, após as reformas, permitiu uma reflexão crítica sobre as mudanças estruturais e conceituais que reposicionaram o museu enquanto um agente ativo no campo da cultura e da memória.

Levando em consideração os pontos acima abordados, para a definição da direção da pesquisa, levantam-se os seguintes problemas: como, a partir da revitalização do Museu Arqueológico do Carmo, ocorrida no início do século XXI, foi possível equilibrar a preservação do patrimônio histórico com a adaptação às novas necessidades museológicas e culturais? De que maneira essa revitalização contribuiu para a renovação do museu enquanto instituição cultural contemporânea? Além disso, como o MAC se reposicionou estrategicamente entre 2001 e 2024? E por fim, quais foram os impactos dessa transformação na sua visibilidade e relevância cultural no cenário contemporâneo?

Os problemas levantados envolvem uma análise das estratégias e desafios enfrentados na reestruturação do MAC, considerando as complexas questões de preservação, requalificação do espaço, gestão de coleções e integração de novas práticas museológicas, sem perder o caráter histórico e a identidade que marcaram o museu ao longo de mais de um século. Essas questões serão investigadas com o objetivo de entender como o museu conseguiu se reinventar ao longo do tempo, respondendo às exigências do contexto atual e ao mesmo tempo mantendo sua identidade histórica.

Essa pesquisa, portanto, pretende não apenas documentar a experiência do estágio, mas também contribuir para o entendimento do papel do Museu Arqueológico do Carmo enquanto espaço cultural. Refletir sobre essas mudanças permite avaliar as estratégias implementadas ao longo das últimas décadas e oferecer uma visão crítica sobre os desafios e oportunidades futuras para o museu enquanto agente de preservação e inclusão cultural.

Estado da arte

O Museu Arqueológico do Carmo, administrado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, tem sido objeto de diversas publicações acadêmicas que exploram sua relevância histórica, seu papel na preservação patrimonial e as iniciativas culturais e educativas realizadas em suas instalações. Esses estudos destacam a centralidade do museu no panorama museológico e arqueológico português, consolidando-o como um tema relevante para análises em diferentes abordagens de pesquisa. O museu se configura como um ponto significativo nos estudos de museologia, especialmente no que diz respeito à história da arqueologia em Portugal. Nos últimos anos, diversas pesquisas têm se dedicado a investigar sua evolução, as práticas museológicas adotadas e a relevância de seu acervo, consolidando-o como um campo significativo de estudo. Os principais trabalhos sobre o tema serão brevemente analisados a seguir.

Ana Cristina Martins, autora com diversas publicações sobre o Museu Arqueológico do Carmo, no livro *Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória: Um Percurso na Arqueologia de Oitocentos* (2003), oferece uma análise sobre a trajetória de Possidónio da Silva, fundador do Museu Arqueológico do Carmo. A autora examina o impacto de Possidónio da Silva na consolidação da arqueologia como disciplina científica em Portugal, destacando o seu papel no resgate da memória histórica e cultural nacional e sua importância na formação de uma narrativa sobre o passado de Portugal, contribuindo para a valorização do património. O livro oferece uma reflexão crítica sobre as práticas arqueológicas no século XIX, revelando a interconexão entre arqueologia, história e identidade nacional.¹

Em outro trabalho de sua autoria, Martins realiza uma análise detalhada do papel do museu e sua importância histórica e cultural no artigo *A Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses e o Museu Arqueológico do Carmo: alguns percursos internacionais (abordagem preliminar)* (2017). Martins investiga a atuação da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses e como suas práticas influenciaram a evolução do MAC, com ênfase nas relações internacionais que marcaram a trajetória do museu. A autora também examina a contribuição dessa associação para a

¹MARTINS, Ana Cristina. *Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória: Um Percurso na Arqueologia de Oitocentos*. Arqueologia & História: monografias. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, 2003, p.155-168.

formação do campo arqueológico em Portugal, além de refletir sobre questões como a memória histórica, identidade cultural e as tensões entre preservação e poder.²

No artigo *Museu Arqueológico do Carmo, exposições temporárias e sociedade civil na I República: uma síntese* (2020), Martins examina a evolução do MAC e suas exposições temporárias durante a I República Portuguesa. A autora destaca a adaptação do museu às transformações políticas e sociais da época, abordando o impacto das exposições realizadas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, como a *Exposição Olisiponense* de 1914. Martins sublinha o papel do MAC como um elo entre a sociedade civil, a ciência e a memória coletiva, além de destacar como as exposições temporárias, ao enfatizarem a preservação de tradições, contribuíram para a consolidação do museu como um espaço de valorização do patrimônio cultural e da identidade nacional.³

Célia Nunes Pereira, atual conservadora responsável pelo Museu Arqueológico do Carmo, em sua obra *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)* (2019), analisa a história e a transformação deste importante conjunto arquitetônico e cultural. A autora oferece uma visão detalhada sobre a fundação e evolução do Convento do Carmo, abordando aspectos históricos, políticos e arquitetônicos desde a sua criação até os impactos do terremoto de 1755.⁴ Além da análise histórica, a autora propõe identificar as obras de arte que originalmente pertenciam à Igreja do Carmo e indicar sua localização atual. O estudo de Pereira é essencial para compreender a trajetória histórica do MAC, visto que o convento, antes de se tornar um museu, desempenhou papel central na história cultural e religiosa de Lisboa.

As obras de Ana Cristina Martins e Célia Nunes Pereira oferecem contribuições indispensáveis para o entendimento do contexto histórico do Museu Arqueológico do Carmo, sua evolução e o papel desempenhado por essa instituição no campo da museologia e da preservação do patrimônio. Seus estudos fundamentam a análise do desenvolvimento institucional do museu, essencial para a pesquisa proposta, especialmente no que tange ao capítulo II, que trata do contexto histórico do edifício, da instituição e suas práticas.

²MARTINS, Ana Cristina. *A Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses e o Museu Arqueológico do Carmo: alguns percursos internacionais (abordagem preliminar)*. Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 2017, p.99-131.

³MARTINS, Ana Cristina. *Museu Arqueológico do Carmo, exposições temporárias e sociedade civil na I República: uma síntese*. in: In ARNALD, J.; DELAVENAY, A. H.; DI PAOLA, M. (eds.) *Historia de los museos, historia de la museología*. Espanha, Portugal, America. Gijón: Ediciones Trea, 2020, p.319-325.

⁴PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa*. vol.I. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa, 2019.

Analisando dissertações mais recentes sobre o MAC, destaca-se a dissertação de mestrado intitulada *Os Museus de Arqueologia e os Jovens: A Oferta Educativa para o Público Adolescente* (2017), de autoria de Beatriz Correia Vicente Barata, apresentada para obtenção de grau de mestre em arqueologia. A pesquisa oferece uma análise da oferta educativa dos museus arqueológicos e seu impacto no público adolescente, um grupo frequentemente negligenciado nas programações museológicas.⁵ Barata utiliza o Museu Arqueológico do Carmo como um dos seus casos de estudo, destacando que, embora o MAC desenvolva uma série de atividades educativas voltadas para o público jovem, a faixa etária de 13 a 17 anos continua em grande parte à margem das iniciativas museológicas, com poucas atividades específicas para esse público. A autora enfatiza o papel educativo do museu, reconhecendo o serviço educativo como uma ferramenta fundamental para promover o conhecimento e a vivência da coleção. Embora a maior parte da programação se concentre em crianças e jovens de 6 a 15 anos, o serviço educativo também se dedica a ações para o público adulto.⁶

Outra dissertação recente analisada, é a pesquisa de Carine Silva de Souza, para a obtenção do grau de mestre em arqueologia, intitulada *A coleção do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro no Museu Arqueológico do Carmo: uma proposta de exposição* (2022). O trabalho final de mestrado propõe uma nova abordagem para uma das exposições mais importantes do MAC: a coleção arqueológica do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro. A autora argumenta que a exposição, concebida há cerca de 20 anos, necessita ser atualizada para alinhar-se às práticas museológicas contemporâneas. Souza propõe uma reformulação dessa exposição, de modo a integrar práticas atuais de museologia, com ênfase na atualização do discurso arqueológico e na consideração de novas demandas socioculturais. O trabalho enfatiza a importância de transformar a exposição em uma experiência dialógica e participativa, destacando a Arqueologia como uma prática social contemporânea e promovendo a preservação do patrimônio cultural.⁷

A dissertação de Joana Mendonça de Sousa Braz, intitulada *Estágio no Departamento do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo* (2024), apresentada no Mestrado em

⁵BARATA, Beatriz Correia Vicente. *Os Museus de Arqueologia e os Jovens: A oferta educativa para o público adolescente*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2017, p.5.

⁶*Ibidem*, p.48-49.

⁷SOUZA, Carine Silva de. *A coleção do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro no Museu Arqueológico do Carmo: uma proposta de exposição*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2022, p.1-4.

Museologia da Universidade Nova de Lisboa, reflete sobre as atividades do serviço educativo do MAC e analisa a sua programação escolar, com ênfase nas atividades realizadas durante o estágio curricular entre outubro de 2021 e abril de 2022. A dissertação está estruturada em quatro capítulos: o primeiro oferece uma contextualização histórica do museu, abordando seu perfil funcional, espaços, visitantes, percurso museográfico e acervo; o segundo caracteriza as atividades do departamento educativo, sua programação e evolução; o terceiro capítulo analisa a programação escolar do ano letivo; e o quarto capítulo descreve as atividades realizadas durante o estágio, como a concepção de materiais didáticos, reformulação de atividades educativas e identificação de oportunidades de melhoria. Este trabalho oferece uma análise detalhada sobre o trabalho educativo no museu e as práticas de mediação e comunicação educativa direcionadas ao público escolar.⁸

Foi pioneira a dissertação de Margarida Maria do Vale Jordão Gonçalves Soares, intitulada *A Igreja de Santa Maria do Monte do Carmo de Lisboa: memória e ruína* (2001), apresentada para obtenção do grau de Mestre em Arte, Património e Restauro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Esta investigação inaugura o enfoque crítico sobre a identidade museológica do Museu Arqueológico do Carmo ao explorar as dimensões simbólicas da ruína e da memória coletiva, evidenciando como o edifício, enquanto testemunho arquitetónico e elemento do património, assume um papel central na construção de narrativas contemporâneas sobre o passado.⁹

As dissertações de Carine Silva de Souza, Beatriz Correia Vicente Barata e Joana Mendonça de Sousa Braz contribuem de maneira significativa para a análise das práticas educativas no Museu Arqueológico do Carmo, ampliando a compreensão sobre o papel do museu na formação de públicos diversos e na comunicação do património. A pesquisa de Souza, ao propor uma reformulação da exposição do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, dialoga diretamente com a necessidade de atualizar o discurso museológico e integrar práticas mais inclusivas, alinhadas às exigências contemporâneas de acessibilidade e interpretação crítica do património. Esse foco em novas abordagens expositivas se complementa com a dissertação de Beatriz Barata, que, ao analisar a oferta educativa para adolescentes, revela uma lacuna importante no envolvimento desse público nas atividades do

⁸BRAZ, Joana Mendonça de Sousa. *Estágio no departamento do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo*. Dissertação de Mestrado em Museologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2024, p.2-6.

⁹SOARES, Margarida Maria do Vale Jordão Gonçalves. *A Igreja de Santa Maria do Monte do Carmo de Lisboa: memória e ruína*. Vol. 1. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001.

MAC. Juntas, essas pesquisas indicam um esforço para modernizar e diversificar a comunicação e o acesso à coleção, buscando estabelecer uma maior conexão entre as exposições e os diferentes tipos de visitantes. Nesse contexto, o trabalho de Margarida Maria do Vale Jordão Gonçalves Soares, ao examinar a memória e a ruína da Igreja do Carmo, fornece uma reflexão essencial sobre a materialidade e a narrativa histórica do espaço, estabelecendo um elo entre a dimensão patrimonial do edifício e as estratégias educativas posteriores. Por sua vez, o estudo de Joana Braz, focado no serviço educativo, oferece uma perspectiva prática, refletindo sobre as dinâmicas cotidianas de mediação no museu e destacando a importância de atividades que conectem o público escolar à arqueologia de maneira mais eficaz.

Voltando a análise para artigos publicados sobre o MAC, um dos estudos examinados foi o artigo *Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a coleção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)* (2020) publicado por Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz e José Morais Arnaud. Esse artigo foca-se na coleção de artefactos cilíndricos provenientes de Vila Nova de São Pedro, atualmente preservada no MAC. A análise detalha aspectos técnicos e iconográficos da coleção, destacando a relevância do museu como espaço de preservação de artefatos arqueológicos de grande valor histórico. Essa publicação sublinha a importância do MAC na conservação e estudo de materiais representativos da pré-história ibérica, evidenciando sua contribuição para a pesquisa arqueológica.¹⁰

Outro artigo que coloca o museu em destaque é *Gestos e Técnicas de Vila Nova de São Pedro: workshops de Arqueologia Experimental no Museu Arqueológico do Carmo, em 2019* (2020), escrito por Pedro Cura, Andrea Martins e César Neves. Aqui, os autores examinam atividades práticas realizadas no museu, como workshops de arqueologia experimental, que conectam o público contemporâneo às práticas artesanais do passado. Essas iniciativas baseiam-se na coleção arqueológica do MAC e demonstram como o museu não apenas exhibe artefatos, mas também atua como espaço dinâmico de interação educacional.¹¹

Além disso, o artigo *Arqueologia pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo* (2023), de Carla Quirino, Andrea Martins e Mariana Diniz, analisa um evento cultural de grande sucesso promovido pelo museu. A Festa da Arqueologia, organizada pela

¹⁰MARTINS, A.; NEVES, C.; DINIZ, M.; ARNAUD, J. M. *Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a coleção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)*. *Arqueologia & História*, v70, 2020, p. 203-224.

¹¹CURA, P.; MARTINS, A.; NEVES, C. *Gestos e Técnicas de Vila Nova de São Pedro: workshops de Arqueologia Experimental no Museu Arqueológico do Carmo, em 2019*. *Al-madan on-line*, 23(1), 2020, p.168-170.

Associação de Arqueólogos Portugueses, é discutida no contexto da arqueologia pública, com ênfase em como atividades como esta ajudam a aproximar o público da arqueologia e do patrimônio cultural. A publicação ressalta o papel do MAC como um mediador entre o conhecimento científico e a sociedade, reafirmando sua relevância como um espaço de educação patrimonial e envolvimento comunitário.¹²

Essas publicações evidenciam como o Museu Arqueológico do Carmo é tanto um guardião de coleções relevantes quanto um agente ativo na disseminação do conhecimento arqueológico, confirmando seu papel central na museologia e no patrimônio cultural português. No entanto, observa-se que a maioria dos artigos publicados sobre o MAC gira em torno de temas estritamente relacionados à arqueologia, explorando coleções, artefatos e iniciativas educacionais vinculadas a contextos arqueológicos específicos. Isso é compreensível, considerando que o museu é administrado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses e abriga um acervo de materiais arqueológicos, além de ser um espaço reconhecido para práticas educativas e experimentais nesse campo. Contudo, o enfoque predominante na arqueologia nos estudos publicados deixa em aberto uma lacuna no que se refere à análise das práticas museológicas específicas do Museu Arqueológico do Carmo enquanto instituição cultural.

As pesquisas existentes apresentam avanços relevantes na compreensão das coleções arqueológicas e na contextualização histórica e cultural dos artefatos preservados no museu. Estudos recentes demonstram um esforço contínuo para ampliar o conhecimento sobre peças específicas, como os artefatos de Vila Nova de São Pedro, além de práticas educacionais e experimentais associadas ao acervo. Contudo, tais discussões tendem a concentrar-se no conteúdo do museu, relegando a segundo plano a dimensão institucional e as práticas que consolidam o MAC como um agente cultural ativo.

O corpus existente de pesquisas e publicações sobre o Museu Arqueológico do Carmo, embora vasto, apresenta limitações no que se refere à análise institucional e museológica. As dissertações de Beatriz Barata e Joana Braz, por exemplo, apesar de contemplarem questões museológicas e institucionais do MAC, voltam-se para um recorte específico, que envolve o serviço educativo do museu.

¹²QUIRINO, C.; MARTINS, A.; DINIZ, M.. Arqueologia Pública: A Festa da Arqueologia como Caso de Estudo. In: ARNAUD, José Morais; NEVES, César, MARTINS, Andrea (Eds.), *Arqueologia em Portugal. 2023 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS20 e IA-FLUC, 2023, p.1993-2012.

A predominância de estudos voltados para o acervo arqueológico e iniciativas pontuais de educação e experimentação técnica, como workshops e exposições, evidencia uma lacuna que procurámos colmatar parcialmente neste estudo: a ausência de análises sobre as estratégias museológicas que orientam a gestão, a curadoria e a construção de narrativas expositivas no MAC. Questões fundamentais, como a evolução histórica das práticas do museu, sua relação com o público e seu papel como instituição cultural na construção da memória histórica em Portugal, permanecem subexploradas.

Por conta disso, a presente pesquisa busca contemplar essa lacuna, deslocando o eixo de análise para o próprio museu como objeto de estudo. Ao invés de centrar-se exclusivamente nos artefatos ou nas práticas arqueológicas realizadas em seu espaço, a investigação desenvolvida aqui pretende explorar como as práticas museológicas do MAC evoluíram ao longo do tempo, considerando aspectos como gestão, curadoria, narrativa expositiva e interação com diferentes públicos. Essa abordagem busca oferecer uma perspectiva complementar, focando não apenas no conteúdo do acervo, mas no papel do museu como mediador cultural e espaço de memória. Assim, a pesquisa pode diferenciar-se do escopo tradicional dos estudos existentes ao propor um olhar voltado para as dinâmicas institucionais e sociais que moldam o Museu Arqueológico do Carmo, conectando-o de forma mais ampla às transformações e desafios do campo museológico contemporâneo.

Nesse sentido, a pesquisa aqui desenvolvida sobre o Museu Arqueológico do Carmo justifica-se por sua capacidade de abordar lacunas no entendimento das práticas museológicas aplicadas à instituição. Apesar de seu reconhecido papel como guardião de um rico acervo arqueológico e espaço de diálogo entre passado e presente, as investigações existentes, como referido, tendem a priorizar a dimensão arqueológica, com menos atenção dedicada à análise sistemática das práticas de curadoria, gestão e interação pública que moldam a identidade do museu. Tal abordagem é essencial para compreender como o MAC desempenha sua função enquanto mediador cultural, especialmente em um cenário contemporâneo em que os museus enfrentam desafios relacionados à acessibilidade, representatividade e adaptação às novas demandas sociais e educacionais.

Assim sendo, a presente investigação propõe trazer novos contributos ao explorar a evolução das práticas museológicas do Museu Arqueológico do Carmo desde a sua fundação, 1863, até à contemporaneidade.

Capítulo I: Fundamentos teóricos para a compreensão do museu como espaço cultural e patrimonial

Este capítulo tem por finalidade estabelecer a estrutura teórica que sustenta a presente investigação, oferecendo as bases conceituais necessárias à compreensão crítica do papel desempenhado pelos museus na contemporaneidade. A reflexão aqui desenvolvida apoia-se em uma abordagem multidisciplinar, articulando contribuições da museologia, do património e mais especificamente, de museus de arqueologia, com o objetivo de construir uma visão analítica e contextualizada sobre a função social dessas instituições no cenário atual.

O capítulo estrutura-se em três eixos principais, que articulam os fundamentos teóricos indispensáveis à análise proposta. Inicialmente, é apresentada a evolução histórica da museologia enquanto campo científico e prático, com ênfase nas transformações paradigmáticas que deslocaram o foco da simples preservação de coleções para abordagens voltadas à comunicação, ao público e à construção partilhada de significados. Em seguida, discute-se o conceito de património em sua complexidade, concebido como uma construção social e política atravessada por disputas simbólicas e processos contínuos de ressignificação, diretamente vinculados à memória, à identidade e ao pertencimento. Por fim, examinam-se as especificidades dos museus de arqueologia, situados no cruzamento entre ciência, cultura e educação, refletindo sobre seus desafios interpretativos, responsabilidades éticas e papel como espaços de mediação cultural e reflexão crítica sobre o passado material.

A construção desse referencial teórico se mostra indispensável à compreensão dos processos de transformação institucional observados no Museu Arqueológico do Carmo, objeto da presente pesquisa. Ainda que este capítulo não se detenha diretamente sobre o MAC, sua elaboração é essencial para fundamentar analiticamente as reflexões desenvolvidas nos capítulos subsequentes. A mobilização dos conceitos de museologia, património e museus de arqueologia permite, assim, configurar um conjunto de ferramentas interpretativas capazes de iluminar criticamente as estratégias de gestão, mediação e preservação patrimonial implementadas pelo MAC ao longo do século XXI, após sua reabertura.

A experiência prática adquirida no estágio curricular realizado no Museu Arqueológico do Carmo revelou com clareza a complexidade e a transversalidade dos processos museológicos contemporâneos. O acompanhamento das atividades desenvolvidas no museu, desde a criação e montagem de exposições, passando pela mediação cultural até a gestão de reservas técnicas, permitiu vivenciar na prática a articulação entre preservação patrimonial, comunicação institucional, inclusão social e requalificação do espaço

museológico. Esses aspectos evidenciam que os museus, para além de espaços de conservação e exposição, configuram-se como lugares de produção de sentidos, construção de narrativas, negociação de memórias e exercício de poder simbólico. Diante disso, torna-se necessário compreender como os pressupostos da museologia contemporânea respondem aos desafios de um mundo em constante transformação, tanto no que se refere às dinâmicas sociais e culturais, quanto às exigências éticas e políticas do campo patrimonial.

Neste contexto, a decisão de dedicar um capítulo exclusivamente ao referencial teórico reflete não apenas a necessidade de rigor metodológico, mas também o compromisso com uma análise aprofundada e situada. Busca-se, assim, inserir o estudo de caso do Museu Arqueológico do Carmo em debates mais amplos que atravessam a museologia crítica, a teoria do património e os estudos sobre memória e identidade cultural. O objetivo é compreender os museus não apenas como instituições voltadas à preservação do passado, mas como agentes ativos na construção da memória coletiva, na democratização do acesso à cultura e na promoção de uma cidadania patrimonial crítica e participativa.

Ao percorrer esse caminho teórico, pretende-se disponibilizar os instrumentos analíticos indispensáveis à compreensão dos fenômenos abordados nos capítulos seguintes. Busca-se, com isso, fortalecer o diálogo entre teoria e prática, entre vivência institucional e reflexão crítica, contribuindo para a consolidação de uma abordagem integrada e reflexiva sobre o papel dos museus, e em particular do Museu Arqueológico do Carmo, no contexto cultural contemporâneo.

1.1 Museus: história, função e reconfiguração

O conceito de museu sofreu transformações significativas ao longo dos séculos, acompanhando as mudanças nas necessidades e nos contextos sociais, culturais e políticos das diferentes épocas. Nos seus primórdios, os museus eram instituições privadas, geralmente associadas à nobreza, à aristocracia ou à Igreja, e tinham como função principal a coleção e exibição de objetos raros, curiosos e de valor simbólico. Nessa fase inicial, os museus não eram vistos como espaços públicos ou educativos, mas como locais de ostentação e prestígio, onde os itens em exibição eram apreciados mais por seu caráter exótico ou incomum do que por sua relevância histórica ou cultural.

Muitos desses museus surgiram como coleções privadas, muitas vezes organizadas em gabinetes de curiosidades, um espaço em que se reuniam objetos de diversas naturezas, com o

propósito de encantar e surpreender o público.¹³ De acordo com Peter Vergo, renomado historiador da arte, essa configuração das coleções dos gabinetes de curiosidades, mais voltada à exibição de riquezas e maravilhas do que à sistematização do conhecimento, reflete um momento em que os museus ainda não estavam comprometidos com um propósito educativo ou científico.¹⁴ Contudo, essa era uma base sobre a qual a museologia moderna se reconfigurou. Nesse sentido, é possível estabelecer uma analogia com o Museu Arqueológico do Carmo, que em suas origens também se aproximava de uma lógica colecionista oitocentista, marcada mais pela reunião de objetos do que pela preocupação pedagógica estruturada, evoluindo posteriormente para incorporar práticas museológicas alinhadas às transformações do campo.

Foi ao longo do século XIX, impulsionado pelos processos de transformação social e pelas revoluções culturais, que o conceito de museu começou a passar por uma redefinição fundamental. A ideia de museu passou a ser associada à função pública, voltada à preservação e à interpretação do património cultural e natural. Esse movimento esteve intimamente ligado ao crescente desejo de democratizar o acesso ao conhecimento e ao reconhecimento do património como um elemento constitutivo da identidade coletiva. Em vez de coleções privadas, os museus começaram a se tornar espaços de preservação pública e de disseminação de valores culturais, acessíveis a um público mais amplo. Nesse contexto, os museus se tornaram instituições acessíveis ao público em geral, e não mais restritos a um grupo elitista.¹⁵ A própria fundação do Museu Arqueológico do Carmo, em 1864, inscreve-se nesse movimento de valorização pública do património, refletindo a transição entre a tradição colecionista privada e a criação de espaços museológicos de carácter cívico e educativo.

No século XX, o conceito de museu continuou a se expandir e se diversificar, impulsionado pela evolução das ciências sociais e pela profissionalização da museologia. O museu, que antes se limitava ao papel de “depósito” de objetos, passou a se afirmar como um espaço de diálogo, onde se reconfiguraram as memórias coletivas à luz das questões contemporâneas. A função dos museus também se ampliou, incorporando a educação, a inclusão social e a interação com o público. A partir desse ponto, os museus começaram a se tornar locais de reflexão crítica, onde as coleções não eram apenas expostas, mas discutidas, repensadas e reinterpretadas em um processo contínuo de adaptação ao contexto social e

¹³VERGO, Peter. *The New Museology*. London: Reaktion Books, 1989, p.1-2.

¹⁴*Ibidem*, p.1-2.

¹⁵ICOM – Conselho Internacional de Museus. *Código de ética para museus*. Paris: ICOM, 2017. Disponível em: <https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/ICOM-code-En-web.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2025, p.12.

cultural.¹⁶ Ao longo do século XX, essa ampliação do papel dos museus não se deu apenas pela adição de novas funções, como a educação e a inclusão social, mas também pela transformação do museu em um espaço de diálogo e de questionamento. Esse processo de ressignificação também pode ser observado no MAC, que passou a articular o seu acervo não apenas como testemunho material da história, mas como ponto de partida para reflexões críticas sobre a memória e a identidade cultural portuguesa. Como os museus contemporâneos têm demonstrado, as coleções não são mais apenas para contemplação passiva; elas se tornam centros de reflexão sobre temas sociais, culturais e políticos.

Os museus contemporâneos, além de sua função de preservação e exibição de coleções, assumiram um papel cada vez mais central na educação, destacando-se como espaços dinâmicos de aprendizado e desenvolvimento intelectual. Conforme exposto por Eilean Hooper-Greenhill, museóloga com a pesquisa dedicada ao papel educativo e social, a transformação do museu de um local de simples exibição para um ambiente educativo é uma das mais significativas mudanças no campo da museologia nos últimos séculos.¹⁷ Para a autora, o aprendizado promovido pelos museus vai além da simples transmissão de conteúdos: esse processo de aprendizagem é descrito como sendo imersivo, holístico e integrado, no qual os aspectos cognitivos e emocionais se entrelaçam, tornando a experiência museológica algo mais do que uma atividade intelectual, mas também sensorial e afetiva.¹⁸ O ensino nos museus não se limita então à memorização de fatos, mas envolve a experiência de aprender de maneira ativa, por meio da interação direta com os objetos e com o espaço expositivo. Essa abordagem conecta a mente e o corpo, criando uma experiência mais rica e envolvente.¹⁹ No caso do Carmo, esse caráter educativo manifesta-se tanto nas atividades pedagógicas desenvolvidas para públicos escolares, como nas estratégias de mediação cultural voltadas para visitantes ocasionais e turistas, que encontram no espaço do museu um ambiente de aprendizagem estimulante.

Essa ressignificação da função educativa dos museus evidencia uma evolução na própria museologia, que ultrapassa os limites da prática técnica e administrativa para se afirmar como um campo de reflexão sobre os impactos políticos e sociais das decisões curatoriais.²⁰ Nesse processo, os museus não são mais espaços passivos, eles se tornam locais de reflexão crítica, onde as narrativas são vivenciadas de maneira ativa e questionadora,

¹⁶*Ibidem*, p.24.

¹⁷HOOPER-GREENHILL, Eilean. *Museums and education: purpose, pedagogy, performance*. Londres: Routledge, 2007, p.12.

¹⁸*Ibidem*, p.9.

¹⁹*Ibidem*, p.13.

²⁰*Ibidem*, p.14.

convidando o público a participar da construção do conhecimento.²¹ As narrativas que apresentam não são apenas absorvidas pelo público, mas vividas, questionadas e reinterpretadas em um processo participativo de construção de sentido.²²

Hoje, o museu contemporâneo é um espaço dinâmico e multifacetado, onde as coleções são discutidas e reinterpretadas de acordo com as necessidades e os interesses da sociedade atual. Essa transformação refletiu, também, as preocupações com a inclusão e a democratização do acesso à cultura. Nas últimas décadas, temas como acessibilidade e inclusão social passaram a ser centrais na missão dos museus contemporâneos. Muitas instituições ao redor do mundo vêm implementando estratégias de democratização do acesso, buscando envolver um público diversificado, incluindo pessoas com deficiência, comunidades marginalizadas e populações com menos acesso à cultura.²³ Ao ampliarem seu alcance e se tornarem mais receptivos a diferentes públicos, os museus contribuem para a construção de uma sociedade mais plural e democrática.²⁴ A educação museal contemporânea visa não apenas transmitir conhecimento, mas também criar espaços que incentivem a escuta, o intercâmbio de ideias e a reflexão a partir de diversas perspectivas. Essa abordagem acompanha uma tendência mais ampla no campo museológico, que entende os museus como espaços de diálogo e pensamento analítico sobre questões culturais e sociais, sempre em interação com as demandas da sociedade contemporânea.²⁵

Ao longo de sua evolução, os museus passaram de espaços destinados unicamente à preservação de coleções para se consolidarem como instituições educacionais, sociais e culturais. Essa transformação foi acompanhada por uma mudança no entendimento da museologia. Nesse viés, Peter Vergo destaca que museologia é muito mais do que o simples estudo da história dos museus e suas coleções, pois ela envolve também uma reflexão crítica sobre os impactos políticos, sociais e culturais das escolhas feitas pelos museus, especialmente na sua forma de apresentar os objetos ao público.²⁶

A museologia moderna, segundo Vergo, não deve se restringir às técnicas tradicionais, mas incorporar uma análise mais ampla sobre os objetivos e impactos das instituições museológicas. Diferente da concepção tradicional, o museu contemporâneo exige uma reflexão crítica sobre as escolhas curatoriais e a interpretação dos acervos. Para Vergo, é essencial que a museologia vá além da administração e conservação, adotando uma postura

²¹*Ibidem*, p.15.

²²*Ibidem*, p.15.

²³ICOM, *Código de ética*, op. cit., p. 12-36.

²⁴HOOPER-GREENHILL, op. cit., p. 12.

²⁵*Ibidem*, p.24.

²⁶VERGO, Peter. *The New Museology*. op. cit., p. 1-2.

engajada com suas implicações ideológicas e sociais.²⁷ Esse novo papel também exige consciência crítica sobre as decisões tomadas em cada exposição.²⁸

Assim, os museus como espaços não neutros, não apenas refletem, mas também constroem discursos sociais e políticos, tornando cada aquisição e exposição uma escolha que expressa valores, significados e posicionamentos diante dos desafios contemporâneos.²⁹ A evolução do conceito de museu, conforme estabelecido pelo ICOM, reflete uma transformação profunda, em que os museus se distanciam dos modelos tradicionais de exposição passiva e se configuram como espaços de diálogo, educação e reflexão. O papel dos museus, nesse novo contexto, é não apenas preservar e exibir o património, mas também contribuir para o entendimento crítico e inclusivo da memória coletiva, promovendo a construção de um futuro mais democrático e plural, onde a diversidade cultural seja respeitada e valorizada.³⁰

O ICOM (International Council of Museums) define um museu como uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Aberto ao público, acessível e inclusivo, o museu promove a diversidade e a sustentabilidade, operando de forma ética e profissional, com a participação das comunidades e oferecendo experiências variadas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.³¹

O Código de Ética do ICOM destaca que os museus têm a responsabilidade de preservar e utilizar suas coleções de maneira ética e legal, tratando-as como evidência primária para o avanço do conhecimento.³² As coleções devem ser tratadas com o máximo respeito e devem ser acessíveis para pesquisa e uso público, sempre com uma abordagem que respeite as normas de confidencialidade e segurança.³³ A prática museológica também envolve a realização de pesquisas científicas que devem ser conduzidas com rigor acadêmico e em conformidade com os padrões legais e éticos estabelecidos, garantindo que o conhecimento gerado seja utilizado para a promoção da educação e o entendimento do património cultural e natural.³⁴ Além disso, os museus são incentivados a estabelecer práticas

²⁷*Ibidem*, p.3-4.

²⁸*Ibidem*, p.2.

²⁹*Ibidem*, p.2.

³⁰ICOM, *Código de ética*, op. cit., p. 12-36.

³¹ICOM – International Council of Museums. *Nova definição de museu*. Aprovada em 24 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/>. Acesso em: 16 ago. 2025.

³²ICOM, *Código de ética*, op. cit., p. 18.

³³*Ibidem*, p.19.

³⁴*Ibidem*, p.20.

que promovam a inclusão social e a acessibilidade, considerando a diversidade de suas audiências e garantindo que os espaços museológicos sejam inclusivos para todos.³⁵

No contexto das práticas museológicas contemporâneas, as estratégias de comunicação desempenham um papel central na realização da missão e adotam uma postura ética e inclusiva, buscando constantemente promover um diálogo significativo com a sociedade. Nesse cenário, as estratégias de comunicação não se limitam a divulgar informações, mas visam criar um ambiente interativo e acessível, capaz de engajar diferentes públicos, respeitando a diversidade e a inclusão. A comunicação no museu deve ser pensada de maneira a garantir que todos, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou sensoriais, possam acessar e interagir com o patrimônio exposto. Assim, a adoção de tecnologias assistivas, como audioguias, legendas, e recursos táteis, torna-se fundamental para a promoção de uma experiência museológica mais acessível e equitativa.

No que tange à responsabilidade ética, a comunicação do museu deve refletir a transparência e o compromisso com as comunidades de origem das coleções. A clareza sobre a origem e a conservação dos objetos expostos, a condução de pesquisas rigorosas e o respeito pelas diversidades culturais são elementos essenciais para garantir a confiança do público e a ética no trabalho museológico. A comunicação deve também garantir a responsabilidade social ao tratar de temas sensíveis e promover um ambiente onde todos os visitantes se sintam respeitados. Ao integrar essas práticas, o museu se posiciona como um agente ativo na construção de uma memória coletiva plural, contribuindo para a preservação e disseminação do patrimônio cultural e promovendo uma reflexão crítica sobre as questões sociais e culturais contemporâneas. Esse compromisso ético é reforçado pela obrigação de os museus manterem um diálogo com as comunidades de origem de suas coleções, com ênfase na cooperação, compartilhamento de conhecimento e, quando necessário, na restituição de bens culturais adquiridos de forma ilícita ou sem o devido consentimento.³⁶

Os museus e sua evolução conceitual revelam como essas instituições se transformaram em agentes dinâmicos e multifacetados na sociedade contemporânea. A gestão museológica moderna, que incorpora valores de inclusão e acessibilidade, é fundamental para que os museus cumpram seu papel de preservar a memória coletiva e promover a educação cultural. O trabalho museológico deve, portanto, ser entendido não apenas como uma prática técnica, mas como um processo reflexivo que envolve as escolhas curatoriais, as interações

³⁵*Ibidem*, p.24.

³⁶ICOM, *Código de ética*, *op. cit.*, p. 32-33.

com o público e as responsabilidades sociais e culturais que permeiam o campo museológico contemporâneo.

Nesse contexto de ampliação do escopo da museologia e de sua crescente atuação na sociedade, torna-se essencial compreender os conceitos de património e sua centralidade nas práticas museológicas contemporâneas.

1.2 Património: memória, identidade e preservação cultural

O conceito de património tem sido amplamente debatido nas últimas décadas, envolvendo distintas abordagens teóricas que o compreendem não apenas como um conjunto de bens materiais e imateriais, mas também como uma construção social e histórica. A noção de património cultural remete à necessidade de preservação e transmissão dos bens que carregam valores históricos, artísticos e identitários, estabelecendo vínculos entre passado, presente e futuro. No contexto da museologia, essa compreensão do património amplia a função dos museus, que não são apenas espaços expositivos, mas também guardiões e agentes ativos na conservação e difusão da memória coletiva. O Museu Arqueológico do Carmo constitui um exemplo claro desse processo, ao conservar tanto vestígios materiais, como a própria igreja e suas ruínas, quanto narrativas imateriais ligadas à memória do terramoto de 1755 e à história da cidade de Lisboa.

O conceito de património pode ser abordado sob diferentes perspectivas teóricas, sendo um dos principais referenciais o estabelecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS). De acordo com a Convenção do Património Mundial da UNESCO em 1972, o património cultural é constituído por monumentos, conjuntos e sítios que possuem um valor universal excecional do ponto de vista histórico, artístico ou científico.³⁷ Essa convenção estabeleceu um marco na definição e proteção do património, criando um sistema internacional de reconhecimento e conservação de bens culturais e naturais. A ampliação do conceito de património ao longo das décadas levou a UNESCO a reconhecer também a importância do património imaterial, definido na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial em 2003, como as práticas, expressões, conhecimentos e

³⁷UNESCO. *Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage*. Paris: UNESCO, 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/conventiontext/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

técnicas transmitidos de geração em geração, fundamentais para a identidade dos grupos e comunidades.³⁸

Complementando essa abordagem, o ICOMOS, criado em 1965 como órgão consultivo da UNESCO para assuntos de património, desempenha um papel central na definição de diretrizes para a preservação de bens culturais. A organização foi responsável pela formulação da Carta de Veneza em 1964, um dos documentos mais influentes na conservação e restauro de monumentos, que estabelece princípios fundamentais para a intervenção patrimonial, como a manutenção da autenticidade e a reversibilidade das técnicas aplicadas.³⁹ Além disso, o ICOMOS tem desenvolvido outras cartas e documentos, como a Carta de Burra (elaborada em 1979 e revisada em 2013), que introduziu o conceito de “significância cultural” como critério essencial para a gestão e conservação do património.⁴⁰ A noção de significância cultural enfatiza que a preservação não deve se restringir apenas à materialidade do bem, mas também deve considerar seus valores sociais, históricos e espirituais. Esse processo reflete-se no MAC, visto que, o valor do seu acervo não se limita à dimensão arqueológica ou arquitetónica, mas também ao seu papel simbólico como espaço de memória coletiva e como cenário de experiências afetivas para a comunidade lisboeta e para os visitantes.

Essas diretrizes e convenções refletem a evolução do conceito de património, que deixou de ser visto apenas como um conjunto de monumentos e sítios de valor artístico ou histórico e passou a abranger dimensões mais amplas, incluindo a relação das comunidades com os seus bens culturais. A expansão desse entendimento também levou ao desenvolvimento de abordagens como o património integrado, que defende a gestão do património dentro de um contexto social, ambiental e económico mais abrangente.⁴¹ Assim, a teoria do património contemporâneo considera não apenas a preservação dos bens culturais, mas também sua adaptação a novas realidades e a necessidade de garantir sua sustentabilidade para as futuras gerações.

³⁸UNESCO. *Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage*. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/convention>. Acesso em: 31 mar. 2025.

³⁹ICOMOS. *Carta de Veneza*. Veneza: ICOMOS, 1964. Disponível em: https://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf. Acesso em: 31 mar. 2025.

⁴⁰ICOMOS. *The Burra Charter: The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance*. 2013. Disponível em: <https://australia.icomos.org/wp-content/uploads/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31.10.2013.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025.

⁴¹JOKILEHTO, Jukka. *Considerations on Authenticity and Integrity in World Heritage Context*. City & Time, v. 2, n. 1, 2006, p.1-16.

O conceito de património cultural vai além da preservação de bens materiais, englobando também um processo ativo de construção de memória e identidade social. Os museus e demais instituições patrimoniais não apenas conservam artefactos, mas também participam da mediação do passado, moldando narrativas sobre a história e a cultura. Nesse sentido, o património cultural não é um conjunto fixo de objetos ou locais protegidos, mas uma construção social dinâmica, cuja significação é influenciada por contextos políticos, económicos e culturais. Ao selecionar, interpretar e expor determinados elementos, os museus desempenham um papel central na forma como o património é percebido pelo público, contribuindo para a valorização de determinadas narrativas históricas em detrimento de outras. Assim, o património não deve ser entendido apenas como um legado estático, mas como um processo contínuo de ressignificação, no qual diferentes grupos sociais disputam e negociam sua relação com o passado.

No contexto português, a concepção de património cultural tem sido moldada por políticas de preservação implementadas ao longo dos séculos XX e XXI. A proteção do património em Portugal teve um marco inicial com a Portaria de 10 de abril de 1901, que regulava as escavações, objetos, ruínas e monumentos, seguida pelo Decreto de 24 de outubro do mesmo ano, que atribuía ao Conselho dos Monumentos Nacionais a missão de classificar monumentos de importância nacional.⁴²

Ao longo do século XX, outras instituições vieram a desempenhar papéis relevantes na gestão e preservação do património. Destaca-se, em 1929, a criação da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), responsável pela conservação, restauro e inventário dos monumentos classificados. Em 1965, foi fundado o Instituto de Arqueologia, que consolidou a investigação arqueológica em Portugal, e, já em 1980, instituiu-se o Instituto Português do Património Cultural (IPPC), posteriormente substituído pelo Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), que atuou em estreita articulação com o Instituto Português de Museus (IPM). Estas entidades foram responsáveis pela definição de políticas de proteção, valorização e divulgação do património, preparando o terreno para a configuração institucional atual. O percurso institucional do MAC esteve diretamente relacionado a essas transformações, já que a sua gestão e valorização acompanharam as mudanças nas estruturas estatais de tutela do património em Portugal.

⁴²FERREIRA, Vítor Daniel Pires. *Políticas públicas de património cultural em Portugal: da génese à maioria – uma análise sobre três programas e dezenove anos de intervenções*. *Sociais e Humanas, Santa Maria*, v. 26, n. 2, mai./ago. 2013, p. 274-290.

A noção de património cultural português foi profundamente influenciada pela atuação da Direção-Geral do Património Cultural, criada em 2012 em substituição do IGESPAR, e pelo impacto das políticas europeias de conservação. A DGPC tem como missão a gestão do património cultural em Portugal, abrangendo ações de conservação, restauro e valorização de bens culturais móveis e imóveis, além da promoção da formação de recursos humanos especializados na área do património.⁴³ Entre os instrumentos de gestão, destaca-se a elaboração de planos e projetos de conservação preventiva, que envolvem o levantamento do estado de conservação e a execução de intervenções para garantir a preservação do património.⁴⁴ Além disso, a DGPC é responsável pela implementação de normas jurídicas, que estabelece o regime de proteção e valorização do património cultural.⁴⁵ Em 2023, contudo, a DGPC foi extinta, dando lugar a duas novas entidades: a Museus e Monumentos de Portugal, E. P. E., com a responsabilidade sobre os museus, palácios e monumentos nacionais, e o Património Cultural, I. P., voltado para a salvaguarda, proteção e valorização do património material e imaterial, arqueológico e arquitetónico. Estas mudanças refletem a necessidade de adaptar a gestão patrimonial a novas exigências administrativas e culturais, num país cujo vasto acervo inclui monumentos inscritos na lista da UNESCO, pelo seu valor universal excepcional, como é o caso do Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém,⁴⁶ além de diversos sítios arqueológicos e museus que desempenham papel central na difusão da história e identidade nacionais.

A necessidade de equilibrar conservação e acessibilidade, respeitando as diretrizes nacionais e internacionais, continua a ser um dos principais desafios na gestão do património cultural. O conceito de património histórico, conforme argumenta a historiadora Françoise Choay,⁴⁷ abrange um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada, constituído pela acumulação contínua de bens que reúnem a pertença comum ao passado, incluindo obras de arte, saberes e conhecimentos humanos.⁴⁸ No entanto, desde os anos 1960, essa noção evoluiu e o património edificado deixou de ser limitado a monumentos individuais, passando

⁴³DGPC. Direção-Geral do Património Cultural. *Missão*. Disponível em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/instituicao/missao/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 31 mar. 2025.

⁴⁴DGPC. Direção-Geral do Património Cultural. *Apresentação*. Disponível em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/instituicao/apresentacao/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 31 mar. 2025.

⁴⁵DGPC. Direção-Geral do Património Cultural. *Legislação*. Disponível em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/patrimonio-cultural/legislacao/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 31 mar. 2025.

⁴⁶UNESCO. *Património Mundial em Portugal*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/statesparties/pt>. Acesso em: 31 mar. 2025.

⁴⁷CHOAY, Françoise. *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70, 2000.

⁴⁸*Ibidem*, p.11.

a abranger também conjuntos edificados e outros tipos de bens culturais, o que ampliou significativamente a definição de património.⁴⁹ Esse alargamento do conceito coloca em evidência a complexidade das relações entre proteção patrimonial e usufruto público, à medida que cresce a valorização de bens culturais por diversas comunidades, com diferentes necessidades de preservação e acesso.

O conceito de monumento, em particular, assume uma dimensão profunda, ligada à memória e à afetividade. A partir do momento em que o património edificado passa a englobar não só edifícios individuais, mas também espaços urbanos e conjuntos edificados, o monumento se redefina, não apenas como um objeto material, mas como um elo com a memória afetiva da comunidade. Como ressalta Choay, o monumento carrega uma função emocional essencial: “não se trata de fazer verificar, de fornecer uma informação neutra, mas de excitar, pela emoção, uma memória viva.”⁵⁰ A ação do monumento sobre a memória é essencial, pois ele não apenas a preserva, mas a mobiliza, criando um vínculo entre o passado e o presente. Esse passado, ao ser lembrado, não é um simples fragmento da história, mas um passado cuidadosamente selecionado para preservar a identidade de uma comunidade, seja ela étnica, religiosa, nacional, ou até mesmo familiar.⁵¹ Ele não apenas preserva o passado, mas o mobiliza, tornando-o presente, permitindo que a comunidade se reconecte com sua identidade. O monumento, então, assume um papel vital na proteção da memória coletiva, funcionando como uma defesa contra a perda e a aniquilação do tempo. A igreja em ruínas que abriga o MAC ilustra de forma exemplar essa dimensão pois, mais do que um vestígio arquitetônico, o espaço é um monumento vivo que mobiliza memórias da catástrofe, da reconstrução e da identidade histórica da cidade. Nesse sentido, o património se torna uma defesa contra a incerteza da existência, funcionando como um dispositivo de segurança, pois:

O monumento assegura, sossega, tranquiliza ao conjurar o ser do tempo. É garantia das origens e acalma a inquietude que gera a incerteza dos princípios. Desafio à entropia, a ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, o monumento procura apaziguar a angústia da morte e da aniquilação.⁵²

A introdução de novas demandas sociais por acessibilidade e inclusão no espaço patrimonial tem gerado debates sobre como preservar a identidade cultural enquanto se mantém a funcionalidade desses espaços para o público. A prática de reutilização de

⁴⁹*Ibidem*, p.16.

⁵⁰*Ibidem*, p.16.

⁵¹*Ibidem*, p.16.

⁵²*Ibidem*, p.16.

monumentos, defendida por Choay, revela-se uma forma paradoxal e complexa de valorização, que vai além da mera preservação física e exige um novo destino compatível com a atual função social do espaço, levando em consideração tanto o valor afetivo quanto o uso prático.⁵³ A regulação de fluxos de visitantes e a implementação de medidas pedagógicas e políticas urbanas são fundamentais para garantir que a utilização de espaços patrimoniais não comprometa sua integridade.⁵⁴ Assim, a preservação não deve se limitar a um exercício de conservação do passado, mas também deve refletir as necessidades e transformações da sociedade contemporânea, assegurando que os bens culturais se integrem de forma significativa à vida atual.

Em síntese, o património cultural, e os monumentos, desempenham um papel fundamental na preservação da memória coletiva e na construção da identidade social. A sua gestão, longe de se limitar à simples conservação física, envolve a dinâmica entre a memória afetiva das comunidades e as necessidades do presente. A preservação do património deve, portanto, ser entendida como um processo contínuo de resignificação, que adapta o legado do passado às realidades contemporâneas, garantindo que o património não só conserve o seu valor histórico, mas também continue a ser relevante e acessível para as gerações futuras. O equilíbrio entre conservação, funcionalidade e acessibilidade é essencial para assegurar que o património permaneça um elo vital entre o passado, o presente e o futuro.

Dessa forma, compreender o património como uma construção social implica reconhecer os múltiplos interesses, conflitos e significados que se projetam sobre os bens culturais. A partir dessa compreensão ampliada do património como construção simbólica e política, os museus de arqueologia surgem como espaços estratégicos para refletir sobre a produção de memória e identidade, bem como sobre os desafios éticos e interpretativos que envolvem os vestígios materiais do passado. O Museu Arqueológico do Carmo, nesse contexto, revela como a gestão de um património que é simultaneamente material (as ruínas, os artefactos) e imaterial (as narrativas de memória e identidade) exige constantes negociações entre conservação, funcionalidade e acessibilidade.

1.3 Museus de Arqueologia: conceitos e especificidades

Os museus de arqueologia possuem características que os diferenciam de outras tipologias museológicas, uma vez que suas coleções são compostas, essencialmente, por

⁵³*Ibidem*, p.191.

⁵⁴*Ibidem*, p.202.

vestígios materiais do passado, muitas vezes fragmentários e provenientes de escavações arqueológicas. Além disso, esses museus desempenham um papel fundamental na preservação, interpretação e comunicação do património arqueológico, conectando o público com as civilizações e culturas do passado. Nesse contexto, os museus arqueológicos têm a responsabilidade de interpretar e comunicar o património arqueológico ao público, atuando como uma ponte entre as sociedades contemporâneas e as civilizações antigas, estabelecendo uma conexão entre esses dois mundos. O Museu Arqueológico do Carmo, por exemplo, assume essa função de ponte entre passado e presente ao expor vestígios arqueológicos provenientes tanto de escavações locais como de doações históricas, articulando-os com a própria ruína arquitetônica do convento, que por si só constitui um testemunho material do passado.

Nesse sentido, a curadoria em museus de arqueologia não se limita à organização estética ou cronológica dos objetos, mas envolve uma profunda responsabilidade interpretativa. É necessário considerar os contextos culturais, simbólicos e até mesmo os usos rituais dos objetos, respeitando suas origens e significados originais. No caso do MAC, a curadoria enfrenta precisamente esse desafio, ao expor fragmentos arqueológicos e esculturas sacras fora dos seus contextos originais, traduzindo-os para uma narrativa acessível sem reduzir sua complexidade histórica e simbólica. A curadoria torna-se, portanto, um exercício de tradução cultural, em que os achados arqueológicos são apresentados de maneira acessível sem perder sua complexidade. A mediação museológica também deve estar atenta às múltiplas camadas de significação atribuídas a esses objetos, tanto pelas culturas originárias quanto pelas interpretações científicas contemporâneas.

A especificidade dos museus de arqueologia está na interseção entre a museologia e a arqueologia, exigindo estratégias expositivas que consigam traduzir contextos históricos e sociais a partir de objetos que, isoladamente, podem ter pouco significado para o público geral. Dessa forma, a curadoria desses museus deve enfatizar a reconstituição dos contextos originais dos achados, proporcionando narrativas que auxiliem na compreensão dos processos históricos e culturais que deram origem aos artefatos. As vitrinas e núcleos expositivos do MAC procuram cumprir essa função, contextualizando os objetos não apenas como peças isoladas, mas como parte de processos mais amplos da história de Lisboa e de Portugal.

Além disso, esses museus desempenham um papel fundamental como mediadores entre o passado e o presente, interpretando vestígios materiais de civilizações antigas e atribuindo-lhes significados dentro de um contexto histórico e cultural. Diferentemente de museus voltados para arte ou ciências naturais, essas instituições não apenas preservam

objetos, mas também constroem narrativas que influenciam a maneira como o público percebe o passado. A forma como os artefatos são expostos e contextualizados impacta diretamente a compreensão coletiva da história, podendo reforçar ou desafiar interpretações tradicionais sobre sociedades antigas. Dessa maneira, os museus de arqueologia não são apenas espaços de preservação, mas também de diálogo e construção de conhecimento histórico. Ao contextualizar os vestígios materiais dentro de narrativas acessíveis, essas instituições tornam a arqueologia mais compreensível e relevante, conectando os visitantes à história e à cultura das sociedades antigas. Nesse sentido, os museus arqueológicos funcionam como espaços de mediação entre o conhecimento acadêmico e o público geral, promovendo o ensino da arqueologia e da história local.

Os museus de arqueologia, tal como se apresentam atualmente, são herdeiros de um longo processo histórico relacionado ao colecionismo e à pesquisa arqueológica. No século XVI e XVII, o colecionismo adquiriu um papel fundamental, refletindo não apenas a busca por uma cultura universal e científica, mas também a descoberta de culturas estrangeiras, como as da América e do Oriente.⁵⁵ Estes objetos, retirados do uso cotidiano, passaram a ser valorizados e expostos. Nesse contexto, as coleções arqueológicas, que sempre estiveram presentes em gabinetes de curiosidades e espaços de prestígio, marcaram o início da institucionalização dos museus, sendo reconhecidas como um símbolo de poder e saber.⁵⁶

Com a evolução histórica, especialmente a partir do Renascimento, essas coleções foram sistematizadas e passaram a representar uma tentativa de organizar o conhecimento humano sobre diferentes épocas e civilizações. O surgimento de museus como o Ashmolean Museum e o British Museum no século XVIII, exemplo clássico de museus de grande porte e públicos, evidenciou o movimento em direção a um modelo de instituição pública dedicada ao estudo, preservação e difusão do patrimônio arqueológico.⁵⁷ Esses museus passaram a exercer um papel central na construção e disseminação de narrativas hegemônicas⁵⁸ sobre o passado, frequentemente moldadas por perspectivas eurocêntricas e pelos interesses das elites coloniais. Por meio da organização e exibição de coleções arqueológicas, essas instituições

⁵⁵BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus de arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 6, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996, p. 293.

⁵⁶*Ibidem*, p.294.

⁵⁷*Ibidem*, p.296-297.

⁵⁸O conceito de narrativas hegemônicas refere-se às formas dominantes de representar o passado, que se impõem como legítimas ao mesmo tempo em que silenciam outras versões. Trouillot (1995) argumenta que a produção da história é permeada por silêncios estruturais desde a origem das fontes até sua interpretação final. Stuart Hall (1997) complementa ao afirmar que essas narrativas são construídas dentro de contextos ideológicos e de poder que definem o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido.

têm contribuído para a legitimação de interpretações específicas da história, silenciando outras vozes e experiências, especialmente as de culturas subalternizadas ou colonizadas. Ainda que o MAC não se tenha constituído a partir de expedições coloniais, a sua coleção também reflete escolhas históricas de valorização e exclusão, revelando como os processos de patrimonialização são sempre seletivos e atravessados por contextos de poder.

Nesse viés, o papel dos museus de arqueologia não é isento de controvérsias, especialmente quando se trata das origens de muitas de suas coleções e das narrativas históricas que perpetuam. A trajetória dos museus arqueológicos também está profundamente entrelaçada com a história do colonialismo e da apropriação cultural. Muitos dos grandes museus europeus formaram suas coleções a partir de expedições em territórios colonizados, o que levanta, até hoje, importantes debates éticos sobre a posse e a restituição desses bens culturais. A discussão sobre a descolonização dos museus tem se intensificado nas últimas décadas, questionando as narrativas dominantes que foram historicamente construídas em torno desses objetos. Esse processo implica não apenas na devolução de artefatos a seus países de origem, mas também na reconfiguração dos discursos museológicos, incorporando outras vozes, especialmente as das comunidades diretamente ligadas ao património em exibição. Como destacam Waterton e Smith,⁵⁹ a patrimonialização não é neutra, mas atravessada por relações de poder e exclusão que determinam quem tem autoridade para definir o que deve ser lembrado, exposto e preservado.⁶⁰ Nesse sentido, o processo de descolonização envolve reconhecer que o património é também uma construção social e política, e que sua interpretação deve incluir múltiplas perspectivas.⁶¹

O século XX, entretanto, foi um período de profundas transformações para os museus, com uma reconfiguração significativa em sua função e estrutura. Os museus arqueológicos, inicialmente baseados em grandes coleções e edifícios monumentais, como palácios e castelos, começaram a se distanciar do modelo tradicional de guarda e estudo eclético de coleções. Esse modelo inicial estava fundamentado nas ideias do positivismo e do evolucionismo, mas também era fortemente influenciado pela industrialização e pelos movimentos nacionalistas dos países colonizados.⁶² Conforme o século avançava, os museus começaram a ser desafiados pela necessidade de redefinir sua relação com as coleções e com

⁵⁹SMITH, Laurajane; WATERTON, Emma. *Heritage, Communities and Archaeology*. London: Duckworth, 2009.

⁶⁰*Ibidem*, p.103-107.

⁶¹*Ibidem*, p.108-110.

⁶²BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *op. cit.*, p.302.

o público. As funções de comunicação e educação ganharam destaque, especialmente com a crescente valorização da ação educativa voltada para o público infanto-juvenil.⁶³

Esse movimento de transformação no século XX culminou na criação de novos perfis institucionais para os museus, com um foco maior na interação com a sociedade e no compromisso com a educação e a difusão do património cultural. O papel dos museus passou a incluir não apenas a preservação, mas também a promoção de diálogos interativos com o público. As exposições interativas, os ecomuseus e os projetos comunitários exemplificam essa mudança, permitindo que o público se envolvesse mais diretamente com os objetos e contextos culturais apresentados.⁶⁴ Esse movimento ecoou também no MAC, que a partir da segunda metade do século XX passou por reconfigurações expositivas e institucionais, adaptando-se às novas demandas educativas e de comunicação com o público. No contexto arqueológico, os museus começaram a assumir um papel essencial na construção de identidades locais e nacionais, adaptando-se às rápidas mudanças sociais e culturais do século XX. O Museu Nacional de Antropologia do México é um exemplo claro dessa adaptação, transformando-se em um espelho museográfico que permitia à população se reconhecer no passado monumental de sua própria cultura.⁶⁵

Além disso, a arqueologia passou a ser cada vez mais integrada aos processos de musealização, que englobam tanto a pesquisa científica quanto a divulgação pública. Com isso, os museus de arqueologia se consolidaram como espaços de ensino, reflexão e engajamento com o público, promovendo uma compreensão mais profunda das culturas e sociedades do passado.

Os museus arqueológicos desempenham um papel crucial na preservação, interpretação e difusão do património arqueológico, funcionando como espaços de mediação entre especialistas e o público. Esses museus, ao apresentarem artefatos e narrativas sobre o passado, não apenas educam, mas também promovem a reflexão sobre as identidades culturais e os processos históricos das sociedades. Nesse contexto, os museus têm se tornado centros de arqueologia pública, uma prática que envolve a participação ativa da comunidade na construção e interpretação do património.⁶⁶ A arqueologia pública, por sua vez, propõe uma abordagem participativa, em que o público não é apenas um espectador, mas um agente ativo na construção do significado do património.⁶⁷ Dentro dos museus, essa abordagem se

⁶³*Ibidem*, p.302.

⁶⁴*Ibidem*, p.302-303.

⁶⁵*Ibidem*, p.305-306.

⁶⁶MERRIMAN, Nick. Introduction: Diversity and dissonance in public archaeology. In: MERRIMAN, Nick (Ed.). *Public archaeology*. Londres: Routledge, 2004. p. 1-17.

⁶⁷*Ibidem*, p.2.

manifesta por meio de atividades que permitem aos visitantes interagir com o património, seja por exposições, eventos educativos ou projetos de preservação comunitária. Essa prática contribui para o fortalecimento da identidade cultural, promovendo uma abordagem de educação patrimonial que vai além do conteúdo acadêmico, criando vínculos entre a sociedade e sua história. No contexto português, o MAC exemplifica esse papel ao se afirmar não apenas como espaço de preservação, mas também como lugar de encontro e de apropriação comunitária da memória, recebendo atividades educativas, eventos culturais e visitas escolares que aproximam diferentes públicos da arqueologia e da história da cidade.

Com o crescimento da participação do público, os museus arqueológicos tornam-se espaços essenciais para o acesso democrático ao conhecimento sobre o passado, funcionando como pontos de encontro entre diferentes perspectivas sobre a história e o património.⁶⁸ Além disso, a arqueologia pública tem influenciado os museus a refletirem sobre questões éticas e identitárias, especialmente quando se trata da inclusão de comunidades marginalizadas, como as comunidades indígenas, no processo de preservação e interpretação de seu próprio património.⁶⁹

Portanto, pensar os museus de arqueologia na contemporaneidade exige uma abordagem multidisciplinar e sensível às transformações sociais, políticas e culturais em curso. Mais do que preservar e expor objetos antigos, essas instituições têm o desafio de atuar como agentes ativos na construção do conhecimento histórico, promovendo o diálogo entre diferentes saberes, temporalidades e comunidades. É nesse cruzamento entre passado e presente, ciência e sociedade, que os museus arqueológicos afirmam sua relevância e seu potencial transformador. O Museu Arqueológico do Carmo é capaz de sintetizar essa condição pois, mais do que um depositário de artefactos, o espaço atua como mediador entre memória coletiva, investigação arqueológica e apreciação cultural contemporânea.

Dessa forma, ao integrar os fundamentos da museologia, a complexidade do património e as especificidades dos museus de arqueologia, evidencia-se o papel dessas instituições como agentes ativos na mediação entre ciência, memória e sociedade.

⁶⁸*Ibidem*, p.3.

⁶⁹*Ibidem*, p.5.

Capítulo II: Trajetórias históricas e mudanças estruturais no Museu Arqueológico do Carmo

Este capítulo tem como objetivo apresentar a contextualização histórica do Museu Arqueológico do Carmo, um elemento fundamental para compreender as transformações que ocorreram no espaço museológico ao longo dos séculos e, principalmente, as mudanças significativas no período contemporâneo (2001-2024). Ao analisar a trajetória do edifício, desde a fundação do convento até sua conversão em museu, será possível traçar as bases que sustentam as transformações ocorridas após a reabertura do museu, período que marcou uma reconfiguração da sua identidade e a implementação de novas estratégias de gestão para o seu retorno.

Por meio da revisão das fases históricas mais relevantes, serão abordadas as mudanças institucionais, a gestão e o papel de figuras-chave que influenciaram a configuração do museu. Mais do que um levantamento cronológico, essa análise visa compreender as condições que moldaram sua identidade como espaço de património cultural. Esse percurso histórico é essencial para embasar uma comparação entre o passado e as transformações implementadas no século XXI, sobretudo no que diz respeito à revitalização da instituição e à ampliação de seu público.

Compreender o contexto histórico e suas fases anteriores às intervenções recentes permite uma reflexão crítica sobre as escolhas feitas após a reabertura do museu, bem como sobre as estratégias adotadas para sua adaptação às exigências contemporâneas. O estudo desse passado não apenas fornece subsídios para uma análise aprofundada das mudanças ao longo do tempo, mas também possibilita uma compreensão mais ampla dos processos de preservação e revitalização que definem sua atuação atual.

O edifício do Museu Arqueológico do Carmo, como património histórico, tem sua própria história, que não é apenas um reflexo das transformações institucionais e museológicas, mas também um testemunho de como a sociedade valoriza e preserva seu legado cultural. Estudar o contexto histórico é, portanto, essencial para entender as motivações por trás das intervenções no museu e, mais amplamente, para refletir sobre a relação entre a preservação do património e a necessidade de adaptação às mudanças sociais e culturais, que são cruciais para a relevância do museu no presente. Assim, a contextualização histórica não só fundamenta a análise das mudanças no museu, como também revela a importância da preservação e revitalização no cenário atual da museologia.

Dessa maneira, ao revisitar o percurso histórico do Museu Arqueológico do Carmo, não se pretende apenas compreender as transformações pelas quais passou, mas também identificar subsídios para o aprimoramento contínuo da instituição. A análise de seu passado permite não apenas a compreensão das motivações e impactos das mudanças implementadas, mas também a reflexão sobre estratégias que possam assegurar sua relevância no presente e no futuro. Assim, ao contextualizar historicamente o museu, busca-se fundamentar a construção de diretrizes que conciliam a preservação do património com a necessidade de adaptação às demandas contemporâneas, garantindo sua sustentabilidade e capacidade de interlocução com a sociedade atual.

2.1 A igreja do Carmo: o edifício antes do museu

A origem do edifício que hoje abriga o Museu Arqueológico do Carmo merece atenção especial, considerando que o objeto de pesquisa transcende sua atual configuração como museu, sendo também um importante património histórico e cultural de Portugal. Nesse sentido, torna-se essencial destacar a história do edifício anterior ao seu processo de musealização, abordando seu significado enquanto marco arquitetónico e religioso de Lisboa. Sem um desenvolvimento excessivo, a compreensão do seu percurso histórico é, todavia, fundamental para entender as transformações que levaram à sua musealização. Recorremos à bibliografia fundamental para o efeito, incluindo as obras *O Convento e Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo* (PEREIRA, 2005)⁷⁰, *A Igreja do Carmo de Lisboa* (ARNAUD; PEREIRA, 2019)⁷¹ e *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)* (PEREIRA, 2019)⁷², *Conceitos e atitudes de intervenção arquitetónica em Portugal (1755-1834)*⁷³ (LIMA, 2013), *A Igreja e Convento do Carmo: do gótico ao*

⁷⁰PEREIRA, Paulo. O Convento e Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo. In: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2005.

⁷¹ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja do Carmo de Lisboa*. In: ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2019.

⁷²PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa, 2019.

⁷³LIMA, Maria Madalena Gonçalves da Costa. *Conceitos e atitudes de intervenção arquitetónica em Portugal (1755-1834)*. 2013. Tese de Doutoramento em História, especialidade em Arte, Património e Restauro, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

revivalismo⁷⁴ (PEREIRA, 1989) e *A Igreja de Santa Maria do Monte do Carmo de Lisboa: memória e ruína*⁷⁵ que abordam aspectos históricos e arquitetônicos da Igreja do Carmo.

Inicialmente concebida como Igreja do Carmo, a edificação carrega consigo uma grande relevância histórica, sendo um exemplo notável da arquitetura gótica⁷⁶ em Lisboa. Sua construção reflete o contexto urbano, social e espiritual da cidade na época medieval, além de seu papel central como espaço de devoção religiosa.

A análise do edifício da Igreja do Carmo, enquanto património antes de ser museu, é fundamental para contextualizar a transição do espaço e compreender como sua importância histórica e cultural influenciou sua transformação em um museu. Estudar o edifício enquanto Igreja é de extrema importância, pois a sua história anterior à musealização permite uma compreensão mais profunda da evolução da sua identidade. Com isso, podemos estabelecer as bases para uma reflexão mais ampla sobre a valorização do património, a preservação de espaços históricos e como a reutilização desses edifícios contribui para sua adaptação ao longo do tempo, mantendo suas raízes e relevância simbólica.

A Igreja do Carmo, antes de ser transformada em museu em 1864,⁷⁷ já representava um testemunho material da cidade e de suas adversidades, consolidando-se como um ícone de património cultural. Este aspecto histórico contribui significativamente para a construção da sua identidade como um espaço que une memória, arquitetura e cultura.

Mandada erguer em 1389 por D. Nuno Álvares Pereira (1360-1431), Condestável-mor do reino, a Igreja do Carmo é considerada um dos mais belos templos da cidade de Lisboa, desde os primórdios de sua construção.⁷⁸ O edifício religioso, assim como indica seu nome, foi erguido em honra de Nossa Senhora do Carmo, como forma de voto de agradecimento, pela proteção divina recebida durante as batalhas travadas contra os castelhanos.⁷⁹ A dedicação da igreja a Santa Maria do Carmo foi comprovada por uma carta de quitamento da

⁷⁴PEREIRA, Paulo. A Igreja e Convento do Carmo: do gótico ao revivalismo. In: Comemoração dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo em Lisboa. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1989.

⁷⁵SOARES, Margarida Maria do Vale Jordão Gonçalves. *A Igreja de Santa Maria do Monte do Carmo de Lisboa: memória e ruína*. Vol. 1. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001.

⁷⁶PEREIRA, Paulo. *O Convento e Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo*. op. cit., p. 21.

⁷⁷DIAS, E. 1907, p. 126 e 170, apud ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. Guia do Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo, 2019, p. 31.

⁷⁸ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. A Igreja do Carmo de Lisboa. In: ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2019, p.15.

⁷⁹*Ibidem*, p.15.

chancelaria de D. João I, datada de 1405.⁸⁰ Sua construção se iniciou em 1389, quase certamente no dia 16, dia da invocação da padroeira, Nossa Senhora do Carmo.⁸¹ Contudo, a construção do edifício foi concluída apenas em 1423, ano em que o Condestável formalizou a doação integral do convento à Ordem do Carmo.⁸²

Contou com apoio régio para o seu erguimento, tendo obtido a autorização de D. João I, além da permissão concedida pelo pontífice Urbano VI.⁸³ Com as escavações arqueológicas realizadas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses entre 1996 e 2000, revelou-se que a sepultura original de D. Nuno Álvares Pereira era uma campa rasa, localizada no lado da Epístola, no centro da capela-mor.⁸⁴ Durante esse processo, junto aos vestígios do corpo do Condestável, foi também encontrado um selo pertencente a uma Bula Papal emitida por Bonifácio IX. Embora ainda não tenha sido identificado o privilégio concedido a D. Nuno Álvares Pereira, pois ainda não se encontrou o documento que vinha agregado a esse selo, a presença desse selo junto aos seus restos mortais sugere sua relevância. De acordo com Célia Pereira, conservadora do museu, no livro *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*, considera-se a hipótese de que a bula tenha sido uma confirmação autorizando a construção da igreja e do convento do Carmo, já que foi emitida em julho de 1389, antes do início das obras.⁸⁵ Como Bonifácio IX só assumiu o papado em novembro daquele ano, supõe-se que a autorização possa ter sido concedida por seu sucessor, uma prática comum quando ocorria a morte de um papa.⁸⁶

Figura 1: Selo de Bula Papal de Bonifácio IX, encontrado nas escavações no MAC (1996-2000).

⁸⁰ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. D. Nuno Álvares Pereira. In: ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2019, p.27.

⁸¹PEREIRA, Paulo. *O Convento e Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo*. op. cit., p. 24.

⁸²ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 27.

⁸³PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*. op. cit., p. 25.

⁸⁴*Ibidem*, p.43.

⁸⁵*Ibidem*, p.25.

⁸⁶*Ibidem*, p.25.



Fonte: Instagram do Museu Arqueológico do Carmo, disponível em:

https://www.instagram.com/p/DCeADrMhkpZ/?img_index=2 acesso em 15 de fevereiro de 2025.

A igreja destacou-se devido à sua arquitetura singular no panorama arquitetónico da época. Esse destaque deve-se principalmente à sua robusta estrutura sobressair de forma imponente, principalmente quando vista do seu exterior. Os pilares, além de sustentarem as cinco capelas da cabeceira, também funcionam como contrafortes, reforçando toda a edificação desde a base até a zona do envasamento.⁸⁷ No período em que teve início a construção da igreja do Carmo, apenas dois monumentos em Lisboa se equiparavam em dimensão e grandiosidade ao projeto liderado por D. Nuno Álvares Pereira. Destacavam-se a obra da Sé, ainda em processo de ampliação, e o imponente Convento de São Francisco, situado no topo da encosta homônima.⁸⁸

O terreno escolhido para a construção da igreja do Carmo, era caracterizado por um declive acentuado e um solo arenoso e instável, que apresentava desafios significativos, resultando no desmoronamento das estruturas iniciais logo nas primeiras etapas da obra.⁸⁹ Para garantir a estabilidade do edifício, foram adquiridos terrenos adjacentes, pertencentes ao cunhado de D. Nuno Álvares Pereira, onde se instalaram cinco arcobotantes como medida de reforço estrutural.⁹⁰ Essa aquisição foi realizada por meio de uma troca, conforme registrado

⁸⁷ ARNAUD; PEREIRA. *A Igreja do Carmo de Lisboa. op. cit.*, p. 17.

⁸⁸ PEREIRA, Paulo. O Convento e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. In: ARNAUD, José Morais. Preâmbulo. In: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Roteiro da Exposição Permanente: Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2002, p.13.

⁸⁹ *Ibidem*, p.14.

⁹⁰ *Ibidem*, p.15.

em um documento datado de 28 de agosto de 1399, no qual também é mencionado outro responsável pela construção, Gomes Martins, identificado como “Mestre da Obra do Conde”.⁹¹ Seu nome aparece associado ao portal sul da igreja, onde assinou a obra com a sigla *Gomez*.⁹² Apesar dos desafios estruturais e da instabilidade do terreno, o Condestável não reconsiderou sua escolha de localização. A decisão de construir ali, mesmo diante das dificuldades, sugere que o projeto não se baseava apenas em fatores técnicos, mas também em uma intenção deliberada.

A localização da igreja do Carmo não foi fruto do acaso, mas resultado de um planejamento meticuloso. Estabelecida em uma das mais íngremes colinas na cidade de Lisboa, a escolha do local foi fundamentada em razões míticas, que o associam ao Monte Carmelo, na Palestina, ponto onde oficialmente havia se originado a Ordem do Carmo.⁹³ Além desse fator, outra razão que levou o Condestável a optar por essa localização foi sua posição em frente ao Castelo de São Jorge, o que também evidencia uma motivação político-ideológica.⁹⁴ Ao erguer uma obra de tal magnitude, o Condestável colocava-se em uma certa posição de concorrência com o rei, erguendo um convento que simbolizava seu poder, ao mesmo tempo em que realizava um pronunciamento espiritual, dado que a Ordem do Carmo, até então secundária, começava a assumir um novo protagonismo.⁹⁵ O feito de D. Nuno Álvares Pereira ao consagrar o edifício a Santa Maria do Carmo, em reconhecimento pelos feitos bélicos que lhe foram concedidos, assemelha-se ao feito de D. João I na Batalha, quando mandou construir o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, em celebração da vitória na batalha de Aljubarrota.⁹⁶ Nesse contexto, a construção do edifício pode ser interpretada como uma manifestação de poder político por meio da arquitetura,⁹⁷ e ao erguer a igreja do Carmo, o Condestável afirmava sua posição e influência em relação ao rei.

Figura 2: Fachada principal da igreja do Carmo. Crónica dos Carmelitas, 1745.

⁹¹*Ibidem*, p.15.

⁹²*Ibidem*, p.16.

⁹³ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 26.

⁹⁴*Ibidem*, p.26.

⁹⁵*Ibidem*, p.26.

⁹⁶*Ibidem*, p.26.

⁹⁷PEREIRA, Paulo. *O Convento e Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo*. op. cit., p. 22.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital, disponível em: <https://purl.pt/12391> acesso em 25 de março de 2025.

Figura 3: Perspectiva posterior da igreja do Carmo. Crónica dos Carmelitas, 1745.



Desde sua fundação, a igreja do Carmo foi valorizada pela corte e recebeu frequente atenção da realeza, o que contribuiu para seu contínuo desenvolvimento artístico ao longo dos séculos seguintes.⁹⁸ Esse crescimento foi impulsionado pela evolução artística que a igreja vivenciou, contando com o apoio de mecenas abastados interessados em presentear o edifício sagrado com as melhores obras de arte de sua época.⁹⁹ Assim, seus espaços e estruturas arquitetônicas foram enriquecidos com peças suntuosas que preenchiam e revestiam o interior do templo. Esse embelezamento ocorreu, sobretudo, nos séculos XVII e XVIII, havendo poucos registros de encomendas artísticas em períodos anteriores.¹⁰⁰

Um dos grandes marcos que envolve a igreja do Carmo é o terremoto de 1755, que danificou profundamente o edifício que “outrora foi uma das mais imponentes e ricas igrejas de Lisboa”.¹⁰¹ Não só o terremoto em si, mas também o grande incêndio que se seguiu e destruiu grande parte de seu conteúdo artístico. Após o trágico desastre, grande parte do valioso conteúdo da igreja foi perdida, incluindo o monumental cadeiral da capela-mor, executado por Diogo de Çarça,¹⁰² possivelmente 1544 e 1548,¹⁰³ entalhador espanhol também responsável pelo cadeiral do Mosteiro dos Jerónimos, realizado entre 1548 e 1550.¹⁰⁴ O terremoto comprometeu gravemente a estrutura do corpo da igreja, restando de pé apenas a zona da cabeceira, exceto o teto da capela-mor, além da fachada principal, que sofreu danos na parte superior, e algumas frações das paredes norte e sul.¹⁰⁵

⁹⁸PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*. *op. cit.*, p. 21.

⁹⁹*Ibidem*, p.39.

¹⁰⁰*Ibidem*, p.39.

¹⁰¹ARNAUD, José Morais. Prólogo. In: PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa, 2019, p.13.

¹⁰²PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*. *op. cit.*, p. 19.

¹⁰³Segundo Frei Joseph Pereira de Santa Anna, o cadeiral teria sido encomendado em 1548, data amplamente aceita pela maioria dos estudiosos. No entanto, Diogo Maleitas Corrêa questiona essa cronologia, argumentando que a data merece uma reavaliação. O autor menciona que o Visconde de Juromenha teria encontrado, no cartório do Convento do Carmo, um recibo referente ao cadeiral datado de 1554. Além disso, Corrêa sugere que, se a encomenda tivesse ocorrido em 1548, o tempo disponível para a execução simultânea do cadeiral do Mosteiro dos Jerónimos teria sido muito curto. Assim, ele aponta a possibilidade de que o cadeiral do Convento do Carmo tenha sido encomendado já em 1544, o que tornaria mais viável a realização das duas obras no período. CORRÊA, Diogo Maleitas. Diogo de Çarça e a obra de talha maneirista do Mosteiro dos Jerónimos. In: *O largo tempo do Renascimento: arte, propaganda e poder*. Lisboa: Caleidoscópico, 2008, p. 449.

¹⁰⁴CORRÊA, Diogo Maleitas. Diogo de Çarça e a obra de talha maneirista do Mosteiro dos Jerónimos. In: *O largo tempo do Renascimento: arte, propaganda e poder*. Lisboa: Caleidoscópico, 2008, p. 415.

¹⁰⁵PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*. *op. cit.*, p. 81.

Após o terremoto, a igreja do Carmo necessitava de uma intervenção urgente, levando à realização das primeiras obras de reconstrução em 1756, financiadas pela Irmandade Carmelita, que à época contava com 105 frades, tendo perdido 14 na catástrofe. O empenho dos carmelitas foi notável, buscando apoio financeiro de diversas irmandades, confrarias e particulares, que contribuíram com doações ou empréstimos a juros.¹⁰⁶

As obras foram supervisionadas por Frei Patrício José e seguiram um modelo que recriava as estruturas originais da igreja, respeitando os cânones estéticos e estilísticos associados ao seu fundador. O respeito por um edifício, refletido na consideração pelo estilo arquitetônico do passado, resulta do reconhecimento de sua importância histórica ou simbólica, sendo essencial para a preservação da sua preexistência.¹⁰⁷ No caso do Carmo, a biografia de D. Nuno está entrelaçada com a história da ordem, o que justificou a reedificação da igreja com feições góticas, buscando resgatar seu valor histórico.¹⁰⁸

O historiador Paulo Pereira sugere que os religiosos do Convento do Carmo recorreram a um arquiteto tardo-barroco para restaurar a dignidade do monumento, artificialmente representando o gótico.¹⁰⁹ O trabalho também esteve associado a Inácio de Oliveira Bernardes, que, ao realizar as decorações cenográficas no final do século XVIII, pontualmente incorporou elementos góticos, criando um ambiente medievalizante.¹¹⁰ Nesse contexto, Paulo Pereira defende que os freires carmelitas buscaram “devolver a dignidade gótica ao convento”, no entanto, não conseguiram superar as dificuldades impostas pela falta de estudos e pela carência de uma literatura especializada sobre o gótico em Portugal naquele momento.¹¹¹ Portanto, o resultado da reedificação não ultrapassará a criação de “um gótico falso ou um pseudo-neo-gótico.”¹¹² Segundo Margarida Soares, na reconstrução, decidiu-se cobrir a estrutura remanescente original com molduras de efeito goticizante, de modo a integrá-la ao todo envolvente, evocando o ambiente medieval ao qual o monumento estava incondicionalmente ligado.¹¹³

Apesar dos esforços, a reconstrução foi prejudicada pela escassez de recursos financeiros diante da devastação sofrida pela cidade. A vida claustral entrou em declínio,

¹⁰⁶*Ibidem*, p.81.

¹⁰⁷LIMA, Maria Madalena Gonçalves da Costa. *Conceitos e atitudes de intervenção arquitetónica em Portugal (1755-1834)*. *op. cit.*, p. 145.

¹⁰⁸*Ibidem*, p.149.

¹⁰⁹PEREIRA, Paulo. *A Igreja e Convento do Carmo: do gótico ao revivalismo*. *op. cit.*, p. 110.

¹¹⁰*Ibidem*, p.110.

¹¹¹*Ibidem*, p.110.

¹¹²*Ibidem*, p.110.

¹¹³SOARES, Margarida Maria do Vale Jordão Gonçalves. *A Igreja de Santa Maria do Monte do Carmo de Lisboa: memória e ruína*. *op. cit.*, p. 99.

especialmente após 1821, quando a entrada de noviços nos conventos foi proibida. A situação se agravou ainda mais com a apropriação dos espaços monacais para abrigar aquartelamentos, tribunais e outras instituições públicas.¹¹⁴

Para a sua reconstrução, o intuito era preservar o esquema arquitetônico e a organização das antigas capelas, mantendo as características originais sempre que possível.¹¹⁵ A fachada principal da igreja, em particular, destaca-se por reunir os elementos mais autênticos, com um vocabulário decorativo típico do tardogótico do século XIV.¹¹⁶ O objetivo da reconstrução era perpetuar a imagem da igreja como uma das mais emblemáticas construções de Lisboa, *status* que ela ainda mantém até hoje.¹¹⁷

No entanto, nem tudo foi perdido no incêndio. Algumas obras artísticas sobreviveram ao terremoto, mas foram dispersas após a catástrofe, que comprometeu gravemente a estrutura do edifício e resultou na perda da maior parte de seu valioso conteúdo artístico, sobretudo devido ao incêndio que teria durado vários dias. Na obra *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa*, a autora e conservadora Célia Pereira, se dedica a identificar e localizar as peças que outrora pertenceram à Igreja do Carmo, descrevendo onde se encontram atualmente. No decorrer de sua investigação, foi possível identificar o paradeiro de aproximadamente cinquenta peças, das quais trinta e seis foram selecionadas para análise. O objetivo de sua seleção foi de apresentar uma amostra representativa do extraordinário acervo artístico que a Igreja e o Convento do Carmo possuíam antes de 1755.¹¹⁸ O acervo artístico que integrava a igreja e conseguiu escapar das diversas adversidades mencionadas ao longo do estudo encontra-se hoje bastante disperso. Algumas dessas peças foram destinadas, desde a laicização dos bens eclesiásticos, a instituições como o Museu Nacional de Arte Antiga, a capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo, a igreja de Santa Catarina do Monte Sinai, a igreja do Santíssimo Sacramento, o Museu Nacional Soares dos Reis e o Museu Arqueológico do Carmo.¹¹⁹ É provável que muitas outras peças tenham tido um destino semelhante, embora ainda não tenham sido localizadas. Existe a possibilidade de que tenham sido incorporadas em coleções artísticas de outras igrejas, instituições públicas e privadas ou transferidas para outros conventos carmelitas.¹²⁰

¹¹⁴*Ibidem*, p.82.

¹¹⁵ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit.*, p. 19.

¹¹⁶*Ibidem*, p.19.

¹¹⁷*Ibidem*, p.22.

¹¹⁸PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755). op. cit.*, p. 91.

¹¹⁹*Ibidem*, p.91.

¹²⁰*Ibidem*, p.91.

O desastre transformou profundamente a estrutura física e a percepção simbólica do edifício. A singularidade arquitetônica que o espaço adquiriu após o terremoto, com suas ruínas góticas parcialmente preservadas, tornou-se um elemento de destaque e interesse, tanto para a memória coletiva lisboeta quanto para o imaginário turístico e cultural contemporâneo. O edifício já se figurava como um testemunho material da resiliência da cidade frente ao desastre, e também se transforma em um memorial do terremoto, um verdadeiro monumento à catástrofe, e, ao mesmo tempo, uma “espécie de 'monumento do monumento' [...] uma 'ode' ao ruïnismo romântico”.¹²¹

2.2 A primeira fase do museu: A fundação e gestão pela Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses

A primeira fase do Museu Arqueológico do Carmo está intrinsecamente ligada à atuação da Associação dos Arquitectos Civis Portugueses e à figura central de Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896), que desempenhou um papel fundamental na idealização e concretização deste projeto. Este período é marcado pela aquisição do edifício e pela sua transformação inicial em espaço museológico, um processo que refletiu as preocupações crescentes, na época, com a preservação do património cultural em Portugal.

A Associação dos Arquitectos Civis Portugueses (AACP) foi fundada em 22 de novembro de 1863 pelo arquiteto da Casa Real, Joaquim Possidónio da Silva, juntamente com outros sete arquitetos: João Pires da Fonte e José da Costa Sequeira (professores da Academia de Belas Artes de Lisboa), Feliciano José Correa, Manuel José de Oliveira Cruz, Paulo Ferreira da Costa, Verissimo Jose da Costa e Valentim José Correa (arquitectos do Ministério das Obras Públicas).¹²² A criação dessa organização tinha como propósito central a promoção da prática da arquitetura civil em um contexto nacional ainda amplamente influenciado pelo prestígio da arquitetura e da engenharia militar. Esse prestígio foi consolidado durante o processo de reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755, quando a direção das obras foi confiada pelo Marquês de Pombal a arquitetos e engenheiros militares, como Manuel da Maia e Eugénio dos Santos, reafirmando o protagonismo desses profissionais no desenvolvimento urbano do país.¹²³ Os sócios da AACP, ao contribuírem com o pagamento regular de quotas, colaboravam para as receitas da associação, viabilizando

¹²¹PEREIRA, Paulo. *O Convento e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. op. cit.*, p. 21.

¹²²ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa, 2013, p.14.

¹²³ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit.*, p. 29.

a continuidade de suas atividades e o cumprimento de seus objetivos institucionais. Além disso, eram ativos na participação nas assembleias gerais e em diversas iniciativas, influenciando diretamente as decisões e políticas da instituição, bem como no incentivo ao desenvolvimento da arquitetura civil no país. A Associação dos Arquitectos Civis Portugueses é a mais antiga instituição na área do património cultural que ainda subsiste em Portugal.¹²⁴

Possidónio demonstrava uma acentuada consciência crítica em relação à destruição do património arquitetónico e artístico ocorrida em Portugal após 1834. Desde cedo, percebeu a necessidade de angariar apoios para a defesa desse património junto às esferas mais elevadas do regime liberal.¹²⁵ Além disso, foi o idealizador da primeira associação voltada à atuação conjunta de arquitetos e arqueólogos, a qual também se constituiu como a primeira associação de defesa do património. Essa organização tinha como objetivo promover a preservação, investigação e valorização do património arquitetónico e arqueológico do país.¹²⁶

Uma das principais áreas de intervenção de Possidónio da Silva e da Associação foi a classificação dos monumentos nacionais. Possidónio demonstrava uma consciência crítica acentuada quanto à destruição do património monumental e artístico que ocorreu em todo o país após 1834. Esse processo resultou na dilapidação e no abandono de conventos e mosteiros, consequência direta da Lei de Desamortização dos Bens da Igreja, promulgada por Joaquim António de Aguiar.¹²⁷ Em 24 de outubro de 1880, o Ministro das Obras Públicas, Saraiva de Carvalho, solicitou à Associação que designasse os monumentos a serem considerados nacionais, além de realizar a classificação dos edifícios públicos do Reino, trabalho iniciado e depois publicado no *Diário do Governo* nº 62 de 1881.¹²⁸ Em 1907, foram oficialmente declarados os primeiros monumentos nacionais. Entre os incluídos na lista, estavam as ruínas do Templo de Évora e da Igreja do Carmo de Lisboa, além da Torre de Belém, os conjuntos monásticos dos Jerónimos, de Tomar, Alcobaça e Mafra, e as Sés de Coimbra, Guarda, Lisboa e Évora.¹²⁹

¹²⁴ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. op. cit., p. 9.

¹²⁵ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 29.

¹²⁶*Ibidem*, p.31.

¹²⁷ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. op. cit., p.15-16.

¹²⁸DIAS, E. 1907, apud ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 34.

¹²⁹*Diário do Governo* nº 14, de 17 de janeiro de 1907, apud ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo, 2019, p. 34.

Foi em julho de 1864 que a Associação obteve a concessão de uma parte das ruínas do edifício do Carmo, abrangendo as três naves que se estendiam da porta principal até ao cruzeiro. Na época, essa estrutura encontrava-se em avançado estado de degradação, mas foi escolhida para abrigar a sede da instituição, bem como um museu dedicado à preservação e exposição de antiguidades relacionadas à arquitetura.¹³⁰ O intuito da aquisição do edifício, além de servir como sede, sempre contemplou sua utilização para “servir de depósito dos objetos de belas-artes, arqueológicos, e os monumentais que se poderem encontrar na capital ou em quaisquer terras do Reino”.¹³¹ Sendo assim, o Museu Arqueológico do Carmo funcionava como um depósito de antiguidades artísticas, com o objetivo de centralizar o conhecimento do património nacional, atribuindo-lhe um papel de recolha semelhante ao da Biblioteca Nacional.¹³²

Ao conceber a constituição do Museu Arqueológico do Carmo dessa forma, ficava implícita a relação indissociável entre a sede administrativa e o espaço museológico.¹³³ Dessa forma, segundo José Arnaud, atual presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), foi nesse momento que se estabeleceu o primeiro museu arqueológico do país.¹³⁴

Conforme a tese de Rute Andreia Massano Rodrigues,¹³⁵ a extinção das ordens religiosas em 1834, no contexto das políticas liberais, levou ao desmantelamento dos conventos, resultando na descontextualização e perda de muitas obras de arte. No entanto, medidas de salvaguarda do património, promovidas por figuras como D. Pedro IV, D. Maria II e seus sucessores, D. Pedro V e D. Luís, contribuíram para a preservação de parte desse legado artístico. Nesse cenário, o Museu Arqueológico do Carmo surge não só como o primeiro museu arqueológico, mas também como uma das primeiras instituições públicas dedicadas à preservação e exposição do património artístico e cultural nacional.

¹³⁰DIAS, E. 1907, *apud* ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit.*, p. 31.

¹³¹A.H. / A.A.P., Actas da Assembleia Geral, n2, 30/11/1863 *apud* MARTINS, Ana Cristina. Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória: Um Percurso na Arqueologia de Oitocentos. Arqueologia & História: monografias. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 2003, p. 107.

¹³²MAIA, Maria Helena. Património e restauro em Portugal (1825-1880). Lisboa: Edições Colibri, IHA – Estudos de Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Coleção Teses, 2007, p.235.

¹³³MARTINS, Ana Cristina. Museu Arqueológico do Carmo: A Celebração da Memória. In: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2005, p.49.

¹³⁴ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses. op. cit.*, p. 25.

¹³⁵RODRIGUES, Rute Andreia Massano. *Entre a salvaguarda e a destruição: a extinção das ordens religiosas em Portugal e as suas consequências para o património artístico dos conventos (1834-1868)*. Tese de Doutoramento em História, na especialidade de Arte, Património e Restauro, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2017.

De acordo com Possidónio da Silva, o edifício encontrava-se em condições precárias na época, pois “achavam-se já soterrados os 14 degraus de cantaria, que davam ingresso para ela, e o entulho das suas naves subia a tal ponto, que para as desobstruir, foi necessário tirar 8000 carroçadas”.¹³⁶ O fundador ainda destaca a necessidade de construção de “uma espécie de adro”, para separar o belo portal ogival da entrada principal da calçada do Largo do Carmo, que cortava os fustes das colunas do pórtico pela terça parte de sua altura, comprometendo as proporções e o aspecto arquitetônico da edificação religiosa.¹³⁷

Segundo a arqueóloga e investigadora Ana Cristina Martins,¹³⁸ um artigo publicado no periódico Nacional, *Universo Pitoresco*, em 1841, mencionava que as ruínas do Carmo tiveram diversos usos ao longo do tempo. O espaço foi utilizado como quartel da 1ª Companhia da Guarda Municipal, sala de sessões da Sociedade Farmacêutica e escola de instrução primária. Além disso, a igreja serviu como armazém de madeira e até mesmo como local de despejo e depósito de estrume para a mesma Companhia. Apesar de tais usos pouco condizentes com a importância histórica e simbólica do edifício, dificilmente se encontraria outro local no centro da capital capaz de abrigar objetos culturais de grandes dimensões, especialmente monumentais. Acrescia-se a isso o fato de que as ruínas já estavam há muito abandonadas e não havia, até então, um projeto concreto para sua requalificação e reutilização digna.¹³⁹ A aquisição da igreja do Carmo, de acordo com Martins,¹⁴⁰ representou uma das poucas tentativas de impedir a total degradação do edifício. Possidónio da Silva também tinha como objetivo salvar o Carmo da ruína completa, o que só foi viável devido à nacionalização dos bens das ordens monásticas.¹⁴¹

¹³⁶SILVA, J. Possidónio da, 1889, *apud* ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. Guia do Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo, 2019, p. 31.

¹³⁷*Ibidem*, p. 31.

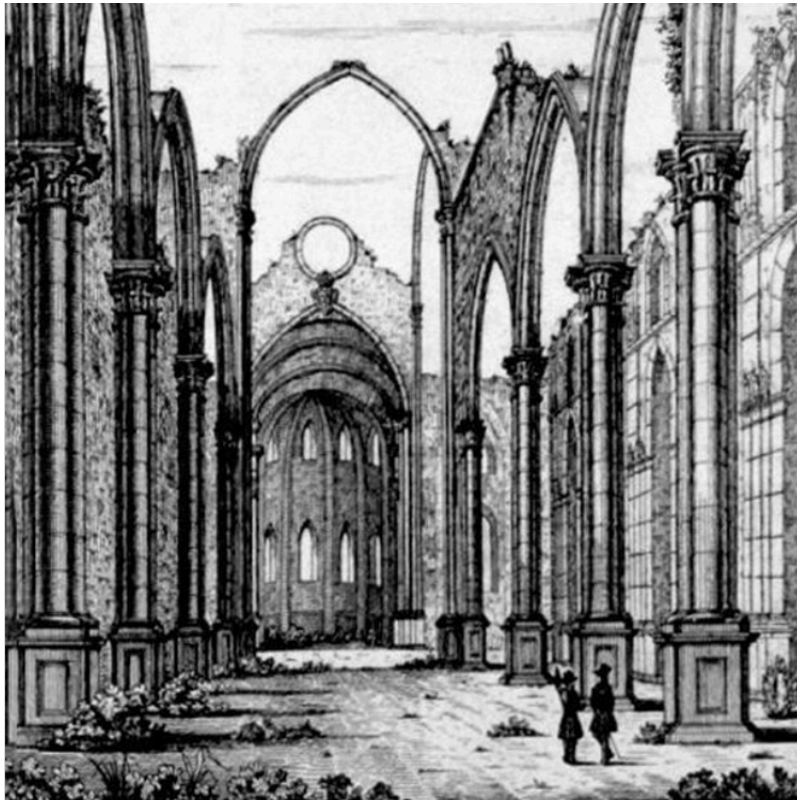
¹³⁸MARTINS, Ana Cristina. *Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória: Um Percorso na Arqueologia de Oitocentos*. Arqueologia & História: monografias. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, 2003, p.107.

¹³⁹*Ibidem*, p. 107.

¹⁴⁰*Ibidem*, p. 108.

¹⁴¹MARTINS, Ana Cristina. *Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória: Um Percorso na Arqueologia de Oitocentos*. *op. cit.*, p. 108.

Figura 4: Ruínas da antiga igreja do Carmo. Ilustração. Séc. XIX. Lisboa. Revista Panorama.



Fonte: Instagram do Museu Arqueológico do Carmo, disponível em:

<https://www.instagram.com/museuarqueologicodocarmo/p/B-POnkVFsNj/> acesso em 20 de fevereiro de 2025.

A fundação da Associação dos Arquitectos Cívicos Portugueses foi acompanhada desde os primeiros momentos por um projeto voltado para a criação de um museu, com o intuito de acolher obras de arte do património português que estavam em risco de destruição. Esse projeto inspirou-se na iniciativa de Alexandre Lenoir em Paris, em 1795, com a abertura do *Musée des Monuments Français* no Ancien Palais du Trocadéro, cujo objetivo era a preservação da arte pública.¹⁴² Possidónio da Silva, após uma prolongada estadia em Paris, onde teve contato com a Exposição Universal de 1867 e a inauguração do Musée des Antiquités Nationales, certamente foi influenciado por essas experiências.¹⁴³ Ao retornar a Portugal, essa vivência internacional passou a moldar a sua visão sobre o museu, levando-o a ampliar significativamente o seu escopo.¹⁴⁴

Na fase inicial, o MAC funcionou essencialmente como um depósito de obras de arte e elementos arquitetônicos provenientes de conventos e igrejas que haviam sido abandonados, vandalizados ou até mesmo demolidos. Essas peças foram resgatadas de uma

¹⁴²ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit.*, p. 31.

¹⁴³*Ibidem*, p.33.

¹⁴⁴*Ibidem*, p.33.

destruição iminente e acumuladas nas naves da antiga igreja, funcionando mais como um repositório de património do que como um museu no sentido tradicional.¹⁴⁵ Nos primeiros cinco anos de sua existência, o Museu Arqueológico do Carmo recebeu algumas das peças mais importantes que ainda compõem seu acervo. Entre elas, destacam-se os túmulos medievais provenientes de conventos de Santarém, que foram demolidos ou abandonados, além dos elementos escultóricos que adornavam o túmulo da rainha D. Maria Ana de Áustria,¹⁴⁶ antes localizados no Panteão da Casa de Bragança.¹⁴⁷

No entanto, após uma estadia prolongada na França, onde teve contato com a Exposição Universal de Paris, em 1867, e com a inauguração do *Musée des Antiquités Nationales*, acredita-se que Possidónio tenha sido influenciado a adotar uma nova concepção para a Associação e o Museu Arqueológico do Carmo em seu retorno a Portugal.¹⁴⁸ Nos anos seguintes, o âmbito da instituição se ampliou, ultrapassando os elementos escultóricos e arquitetônicos. As coleções passaram a incluir uma vasta gama de objetos arqueológicos, etnográficos e até itens de curiosidade, transformando uma das capelas colaterais em um verdadeiro *cabinet de curiosités*.¹⁴⁹ Inicialmente, o museu assumia a função de salvaguarda do património, reunindo elementos arquitetônicos e escultóricos deslocados do seu contexto original. Esses itens encontravam-se dispostos de forma pouco organizada na parte coberta e na nave da antiga igreja, que, por opção, permanece a céu aberto, juntamente com artefatos arqueológicos e etnográficos, réplicas em gesso, maquetes, gravuras, fotografias e até animais empalhados.¹⁵⁰ Na visão de José Arnaud, essa configuração aproximava-se mais de um gabinete de curiosidades setecentistas do que de um museu propriamente dito.¹⁵¹

Figura 5: Sala Joaquim Possidónio da Silva do MAC, atualmente denominada Sala 2, por volta de 1880. Entre os objetos visíveis na fotografia, destacam-se peças que ainda integram o acervo do museu, como a réplica do túmulo de D. Nuno Álvares Pereira, as placas de alabastro com os passos da Paixão de Cristo e estatuetas pré-colombianas.

¹⁴⁵*Ibidem*, p.33.

¹⁴⁶*Ibidem*, p.33.

¹⁴⁷SUCENA, Eduardo. *D. Maria Ana de Áustria: A Rainha Desaparecida*. In: *Arqueologia & História: Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, v. 58/59, 2006/2007, p.184.

¹⁴⁸ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit.*, p. 31.

¹⁴⁹*Ibidem*, p.33.

¹⁵⁰ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses. op. cit.*, p. 23.

¹⁵¹*Ibidem*, p.23.



Fonte: Instagram do Museu Arqueológico do Carmo, disponível em https://www.instagram.com/p/CHfsab0K_58/?img_index=1 acesso em 10 de junho de 2025.

O que eventualmente afastou o MAC de um simples “gabinete de curiosidades” foi a metodologia adotada na exposição de seu já vasto acervo. Em 1873, Estácio da Veiga, museólogo e arqueólogo da Associação, sugeriu a Possidónio da Silva a contratação de “pessoas competentes” para elaborar um catálogo provisório, com o objetivo de tornar as peças mais acessíveis ao público.¹⁵² Essa ação, na época, demonstrou uma abordagem inovadora, visto que o processo de catalogação ainda era incipiente em Portugal. Joaquim de Vasconcelos, historiador e crítico de arte português, por sua vez, propôs que o catálogo fosse ilustrado para promover maior conhecimento do MAC, tanto dentro como fora do país.¹⁵³ Além de listar os objetos expostos, o catálogo deveria indicar a procedência de cada peça e as

¹⁵²MARTINS, Ana Cristina. *Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória: Um Percorso na Arqueologia de Oitocentos. op. cit.*, p. 161.

¹⁵³*Ibidem*, p.161.

condições em que havia sido descoberta, organizando-as por períodos históricos. Esse processo possibilitava a atribuição de números para identificar as peças, o que contribuiria para o estudo e a classificação das mesmas.¹⁵⁴ A elaboração do inventário e do catálogo transformou os objetos em uma verdadeira coleção, inserindo-os em um contexto geográfico, cronológico e cultural. Esse procedimento conferiu aos itens uma nova dinâmica e função simbólica.¹⁵⁵ Pelo catálogo publicado em 1891, é possível delinear que a maioria dos objetos expostos no MAC durante o século XIX pertenciam ao espólio particular de Possidónio da Silva, no qual predominavam os artefatos pré-históricos.¹⁵⁶ Esse dado evidencia a importância do trabalho de Possidónio, cujas coleções formaram a base inicial do acervo.

Os artefatos adquiridos pelo MAC apresentavam um caráter abrangente e multiforme, evoluindo de forma temática, geográfica e cronológica. Nesse contexto, predominavam os objetos medievais e renascentistas, tanto de natureza civil quanto religiosa. Essa diversidade estava associada a interesses de ordem política, refletindo a visão de Possidónio sobre a identidade histórica e cultural portuguesa e seu legado cultural, como um elemento fundamental para a consolidação da memória histórica.¹⁵⁷ O acervo do MAC, do século XIX, não se restringiu apenas a artefatos com predominante importância arqueológica ou artística. Nesse sentido, Possidónio estabeleceu contato com diversas personalidades, incentivando-as a contribuir para o enriquecimento das coleções com exemplares de caráter antropológico.¹⁵⁸

Com a falta de apoio financeiro institucional, Possidónio recorreu ao auxílio de associados e simpatizantes da Associação, além de instituir a cobrança de entrada no museu, que até 1878 era gratuito. Os rendimentos gerados com essa medida tinham como objetivo financiar um empréstimo que permitisse a remodelação do MAC, pois o edifício, já muito apertado, não oferecia mais condições para abrigar o acervo e para garantir a segurança dos frequentadores, além de comprometer a conservação das ruínas do templo. Paralelamente, discutia-se a possibilidade de criar um anteprojeto para cobrir parcialmente as ruínas, mantendo, no entanto, o estilo primitivo do edifício. O restauro integral do espaço já havia sido descartada, pois, segundo a visão de Possidónio, a arte da época não teria capacidade para imitar a grandeza original, sugerindo-se, assim, uma solução de construção mista que permitisse maior economia e brevidade na execução dessa urgente reparação.¹⁵⁹

¹⁵⁴*Ibidem*, p.161.

¹⁵⁵*Ibidem*, p.161.

¹⁵⁶MARTINS, Ana Cristina. *Museu Arqueológico do Carmo: A Celebração da Memória*, op. cit., p. 64.

¹⁵⁷*Ibidem*, p.54.

¹⁵⁸MARTINS, Ana Cristina. *Museu Arqueológico do Carmo: A Celebração da Memória*, op. cit., p. 64.

¹⁵⁹MARTINS, Ana Cristina. *Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória: Um Percorso na Arqueologia de Oitocentos*. op. cit., p. 164.

A abordagem de Possidônio da Silva em relação ao restauro da igreja do Carmo distanciava-se dos conceitos tradicionais, aproximando-se mais de uma ideia de “reparação”. Seu projeto visava não ao restauro integral do edifício, mas à adaptação da antiga igreja para servir como sala de exposições. Nesse sentido, a proposta de Possidônio era de um “museu vivo”, onde se buscava preservar elementos estruturais da arquitetura original, mas sem a intenção de reconstruir a totalidade do monumento.¹⁶⁰ O foco estava na relação entre o edifício e as peças expostas, estabelecendo uma dinâmica entre forma e função, em que a igreja se inseria no contexto urbano da cidade.¹⁶¹ Embora respeitasse a importância histórica e artística do monumento, Possidônio não acreditava na possibilidade de restaurar completamente um edifício à sua forma original, pois entendia que o espírito que o originou não poderia ser recriado. Ele argumentava que qualquer intervenção completa no monumento seria anacrônica, pois desconsideraria o contexto e o significado original da construção. Em vez disso, Possidônio defendia que os monumentos fossem deixados sob a ação de processos naturais de alteração, ao invés de serem idealizados ou restaurados de maneira artificial.¹⁶² Esse pensamento, influenciado por correntes positivistas, também se alinhava às ideias do teórico inglês William Morris, que defendia que a preservação de edifícios históricos não deveria se basear em tentativas de restaurar o passado, mas sim na criação de programas de manutenção contínua.¹⁶³ Para Possidônio, a única forma de garantir a legibilidade da intervenção, quando não fosse possível realizar o restauro arqueológico, seria o uso de materiais construtivos distintos dos originais, deixando claro onde se dava a adaptação.¹⁶⁴

Inicialmente, a abertura do MAC visava garantir a acessibilidade ao público, especialmente à comunidade local. Possidônio dedicou especial atenção às gerações mais jovens, com o intuito de educá-las sobre a importância da preservação dos monumentos e do patrimônio arqueológico. Para isso, ele incentivou visitas de estudo gratuitas ao MAC, convidando diretores de escolas da capital a organizar tais visitas, à semelhança do que era praticado em museus estrangeiros.¹⁶⁵ Essas iniciativas pedagógicas foram reforçadas com o uso de materiais didáticos, como mapas, desenhos, fotografias e maquetes, que facilitavam a compreensão dos visitantes sobre o contexto e significado dos artefatos. Já em 1889, Possidônio decidiu ampliar essas ações, instituindo um sistema de explicações regulares aos domingos para todos aqueles que solicitassem ingressos para esse fim, com a nomeação de

¹⁶⁰*Ibidem*, p.164.

¹⁶¹*Ibidem*, p.164-165.

¹⁶²*Ibidem*, p.166.

¹⁶³*Ibidem*, p.166.

¹⁶⁴*Ibidem*, p.166.

¹⁶⁵*Ibidem*, p.167-168.

uma comissão de quatro sócios para fornecer as explicações.¹⁶⁶ Apesar dessas iniciativas, em 1897 ainda era perceptível a falta de compreensão por parte dos visitantes, devido à insuficiente identificação dos objetos no museu, o que dificultava a realização de um percurso autônomo e pessoal. As ações de Possidónio, além de refletirem sua preocupação pedagógica, também indicavam uma intenção de preparar a associação para um futuro sem sua liderança, dado sua idade avançada e iminente afastamento.¹⁶⁷

É relevante destacar que, durante esse período, ocorreu uma transformação significativa na Associação dos Arquitetos Civis Portugueses (AACP), que, em 1881, passou a se denominar Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses (RAACAP). A proximidade de Possidónio com o rei D. Fernando II de Saxe-Coburgo-Gota (1816-1885), uma figura de destaque na vida cultural oitocentista e protetor da AACP desde a sua fundação, parece ter contribuído para que o rei D. Luís concedesse à associação o título régio. A partir do Alvará Régio de 14 de novembro de 1872, a instituição passou a denominar-se Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses.¹⁶⁸ Inicialmente composta apenas por arquitetos civis, a AACP ampliou seu escopo com a inclusão dos arqueólogos, refletindo uma expansão de suas atividades. A RAACAP não apenas deu continuidade aos esforços voltados à promoção da arquitetura civil, mas também passou a se dedicar à preservação e classificação do património histórico e arqueológico de Portugal. A dimensão arqueológica da RAACAP foi plenamente consolidada apenas com a aprovação dos seus Estatutos, por meio do Alvará de 30 de setembro de 1879, emitido pelo então governador civil de Lisboa, o 2º Visconde de Valmor, Fausto de Queirós Guedes. A análise desses estatutos revela que a RAACAP era composta por arquitetos, arqueólogos e entusiastas da arquitetura e arqueologia, e tinha como objetivo estabelecer um centro de reunião para essas categorias, fortalecer o espírito de confraternização, incentivar o progresso da arquitetura e promover o estudo e a preservação de objetos arqueológicos.¹⁶⁹ Além disso, a RAACAP passou a ter a atribuição de promover investigações arqueológicas e realizar escavações em Portugal, em conformidade com a legislação vigente, o que representou um significativo fortalecimento da sua vertente arqueológica.¹⁷⁰

A transformação das ruínas do Carmo em um espaço dedicado à conservação e estudo do património arquitetónico e arqueológico reflete a crescente conscientização da importância

¹⁶⁶*Ibidem*, p.168.

¹⁶⁷*Ibidem*, p.168.

¹⁶⁸ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. *op. cit.*, p. 18.

¹⁶⁹*Ibidem*, p.20.

¹⁷⁰*Ibidem*, p.20.

da preservação histórica no contexto do século XIX. A concepção do museu por Possidónio da Silva não apenas salvaguardou peças de valor inestimável, mas também estabeleceu uma nova abordagem de “reparação” das ruínas, distanciando-se da ideia tradicional de restauro integral ou estilístico, promovido em França por Viollet-le-Duc. Nesse processo, a instituição desempenhou um papel fundamental na criação de uma consciência pública sobre a importância de conservar os monumentos, transformando o museu em um símbolo de resistência à destruição do património nacional. Como salientado por Sá Vilela, político e jornalista, em 1874:

Ruínas como as do Carmo merecem em todas as nações cultas os cuidados do arqueólogo, o amor do patriota e a cogitação da philosophia histórica do povo, a que pertencem. Não são unicamente abóbadas desfeitas, architraves partidas, pilares derrubados, representando em destruição a arte em outros tempos: são também as memórias da glória dum povo, são o cunho da civilização.¹⁷¹

Ao evidenciar o caráter simbólico e memorial das ruínas, o autor destaca também, como ao fazer isso, o MAC também reafirmou a importância das ruínas como testemunhos vivos da história, integrando-as ao processo de formação da identidade cultural portuguesa.

2.3 A segunda fase do museu: a gestão da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Possidónio da Silva desempenhou um papel crucial na RAACAP, dedicando mais de três décadas à preservação e valorização do património cultural de Portugal. Com o seu falecimento, em 1896, a liderança da instituição foi assumida pelo Conde de São Januário, João de Almeida (1829-1901), destacado militar, diplomata e político no contexto português da época.¹⁷² Sua ascensão à presidência da RAACAP não apenas garantiu a continuidade do trabalho iniciado por Possidónio da Silva, mas também introduziu novas diretrizes e práticas de gestão, com ênfase na consolidação da preservação e na ampliação das ações da associação voltadas à conservação do património histórico e cultural.

¹⁷¹VILELA, Sá. As Ruínas do Carmo. 1874 *apud* MARTINS, Ana Cristina. Museu Arqueológico do Carmo: A Celebração da Memória. In: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Construindo a Memória: As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo, 2005. p. 40.

¹⁷²ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. op. cit., p. 26.

Durante o breve mandato do Conde de São Januário, importantes melhorias foram implementadas no Museu Arqueológico do Carmo. A reorganização do acervo foi uma das principais iniciativas, por meio da primeira tentativa de organização temática do MAC,¹⁷³ com a atribuição de nomes de figuras históricas relevantes a algumas salas do museu, como Possidónio da Silva e Nuno Álvares Pereira.¹⁷⁴ Sob a supervisão do então conservador Gabriel Pereira (1847-1911), figura muito importante para o património nacional, a reestruturação do acervo permitiu que o museu deixasse de ser simplesmente um “museu dos salvados”, no qual o património era preservado apenas para evitar sua destruição.¹⁷⁵ Com isso, o MAC passou a enfatizar seu carácter educativo e pedagógico, promovendo o conhecimento entre seus visitantes. Essa nova abordagem foi refletida na exibição de maquetes, gessos, fotografias, desenhos e gravuras que representavam edifícios e esculturas da antiguidade, além de legendas detalhadas para identificar as peças expostas. Durante a Primeira República, período em que se incentivava fortemente a educação e o ensino como pilares da construção nacional, as visitas guiadas às salas do museu, aos sítios arqueológicos, os cursos de arqueologia e as exposições temporárias reforçaram o papel do museu como agente de disseminação do saber.¹⁷⁶

¹⁷³ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit.*, p. 35.

¹⁷⁴ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses. op. cit.*, p. 28.

¹⁷⁵*Ibidem*, p.30.

¹⁷⁶ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses. op. cit.*, p. 30.

Figura 6: Naves da antiga igreja do Carmo, Séc. XX (inícios).



Fonte: Arquivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Em 1893, o Dr. Leite de Vasconcelos fundou o Museu Etnológico Português, que viria a se tornar o atual Museu Nacional de Arqueologia. Esse movimento de renovação museológica reflete uma transformação no campo da arqueologia e museologia em Portugal no momento. No caso do Museu Arqueológico do Carmo, a partir de 1897, o acervo passou a ser enriquecido com diversas obras de arte de grande qualidade, muitas das quais provinham de antigos conventos e mosteiros que haviam sido afetados por fins militares desde a Lei da Extinção das Ordens Religiosas, em 1834.¹⁷⁷ Essas aquisições enriqueceram consideravelmente o acervo do museu, ampliando sua coleção com peças significativas que representavam importantes marcos da história e da arte religiosa portuguesa. Embora a Lei da Separação do Estado das Igrejas, de 1911, tenha sido uma mudança crucial na relação entre o Estado e as instituições religiosas, não há informações documentadas que indiquem um

¹⁷⁷*Ibidem*, p.31.

impacto direto dessa legislação no enriquecimento do acervo do Museu Arqueológico do Carmo. No entanto, como os bens religiosos estavam sob controle do Estado, é possível que a nova organização política e institucional da República tenha influenciado a forma como o museu se relacionava com a Igreja e seus bens, especialmente em relação à arte religiosa.

O Conde de São Januário também desempenhou um papel significativo no enriquecimento do acervo do MAC ao oferecer, além de valiosos exemplares de cultura egípcia, um vasto conjunto de antiguidades mexicanas e peruanas.¹⁷⁸ Dentre essas peças, destacam-se as duas múmias peruanas que, até hoje, permanecem como elementos emblemáticos da coleção do museu.

Figura 7: Visita do Presidente Manuel Arriaga na Inauguração da Exposição Olisiponense em 1914, que teve como objetivo exibir o património histórico e cultural de Lisboa.



Fonte: Instagram do Museu Arqueológico do Carmo, disponível em:

https://www.instagram.com/museuarqueologicodocarmo/p/CyA6Os_NFSg/?img_index=2 acesso em 20 de fevereiro de 2025.

Nesse período, o MAC passou a assumir uma função pedagógica predominante. O MAC não se limitou a ser um espaço de valorização arqueológica-artística, mas se configurou também como um museu de caráter arqueológico-tecnológico, com foco em artefatos funcionais e técnicos, como ferramentas, utensílios e objetos de produção, que evidenciam o

¹⁷⁸MARTINS, Ana Cristina. Museu Arqueológico do Carmo: A Celebração da Memória. In: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit., p. 58.*

conhecimento prático e tecnológico das civilizações antigas. Esse direcionamento ocorreu devido ao crescente destaque das peças pré-históricas, especialmente as antiguidades nacionais, que passaram a ganhar maior relevância em relação aos artefatos das civilizações pré-clássicas e clássicas, que possuíam uma origem mais externa.¹⁷⁹ Além disso, o museu se consolidou como um espaço essencialmente vocacionado para a visitação pública e para a pesquisa científica, refletindo a nova orientação da instituição.¹⁸⁰

Dentre as ações desenvolvidas, destacam-se as preleções, que foram inicialmente promovidas por Possidónio da Silva e incentivadas por ele, abordando temas como Estereotomia, História da Arte e Arqueologia. Esses cursos não tinham apenas o propósito de elucidar e implementar esses estudos no seio acadêmico português, mas também de sensibilizar o público para a urgência da preservação e divulgação dos monumentos históricos, além de explicar o real significado das peças expostas.¹⁸¹ Essas iniciativas de educação e sensibilização para o património cultural continuaram ao longo do tempo, com o impulso dado ao ensino de arqueologia, que teve o seu marco com a instituição do primeiro curso de arqueologia na década de 1880. Já no século XX, essas ações foram prosseguidas, com destaque para a inauguração de um curso de Arqueologia Pré-Histórica no Museu Arqueológico do Carmo, nos anos 1920.¹⁸² As palestras e conferências realizadas, principalmente sobre arqueologia pré-histórica, também desempenharam um papel fundamental em atrair um grande número de interessados, com destaque para a realização das Jornadas Arqueológicas.¹⁸³

Figura 8: Sala D. Nuno Álvares Pereira do MAC, atualmente denominada Sala 3, por volta de 1920. Foto AH/DGEMN/IHRU.

¹⁷⁹*Ibidem*, p.58.

¹⁸⁰*Ibidem*, p.58.

¹⁸¹*Ibidem*, p.83.

¹⁸²*Ibidem*, p.83.

¹⁸³*Ibidem*, p.83.



Fonte: Instagram do Museu Arqueológico do Carmo, disponível em:
<https://www.instagram.com/p/DAvNqNYKq9/> acesso em 19 de dezembro de 2024.

Para garantir a acessibilidade e continuidade das atividades pedagógicas, o MAC incorporou em suas instalações uma biblioteca voltada para os temas dos objetos expostos. Inicialmente, concebida para consulta exclusiva dos sócios, a biblioteca foi uma iniciativa de Possidónio, mas passou a estar acessível a um público mais amplo à medida que o museu se consolidava como um centro de saber.¹⁸⁴ Assim, o MAC transformou-se não apenas em um centro de pesquisa científica, mas em um espaço essencialmente pedagógico, onde os estudos artísticos e científicos se entrecruzavam.¹⁸⁵ Nesse sentido, é possível perceber como o MAC passou a atrair um público cada vez mais direcionado a estudos especializados, composto principalmente por intelectuais, pesquisadores e estudantes das áreas de história e arqueologia, consolidando-se como um centro de conhecimento. Embora ainda fosse um ambiente frequentado pela sociedade lisboeta, percebe-se uma inserção mais marcante da comunidade científica nacional.

¹⁸⁴*Ibidem*, p.83-84.

¹⁸⁵*Ibidem*, p.85.

Em sua gestão, o Conde de São Januário se viu diante de uma importante questão: como preservar o patrimônio histórico? Nesse contexto, o Conde procurou estabelecer um equilíbrio entre duas correntes de pensamento distintas sobre a preservação de monumentos históricos. Uma das teorias era a defendida por Eugène Viollet-le-Duc, arquiteto francês do século XIX, que acreditava que a reconstrução e refuncionalização das ruínas eram legítimas e necessárias. Para Viollet-le-Duc, quando um monumento estava em ruínas, era importante restaurá-lo ao seu estado original ou até mesmo refuncionalizá-lo, ou seja, reconstruir as partes faltantes para recuperar sua funcionalidade e estética. Essa abordagem visava, assim, preservar a “essência” do monumento, ao mesmo tempo que possibilitava seu uso contemporâneo.¹⁸⁶ Viollet-le-Duc, em sua prática, implementou amplas reconstruções em monumentos como a Catedral de Notre-Dame de Paris, o que influenciou muitos pensadores e arquitetos da época.

Por outro lado, o pensador inglês John Ruskin propunha uma abordagem diferente, que defendia a conservação e musealização das ruínas. Ruskin acreditava que o valor de um monumento histórico não estava apenas no seu estado perfeito, mas também no seu processo de deterioração e desgaste ao longo do tempo. Para ele, as ruínas deveriam ser preservadas em seu estado atual, sem tentativas de restauro ou reconstrução.¹⁸⁷ Isso porque, ao manter as marcas do tempo, elas carregavam consigo a memória histórica e o testemunho da arte e da civilização de épocas passadas. Em sua obra *As Pedras de Veneza*, Ruskin argumenta que a destruição das ruínas, ou a tentativa de restaurá-las de forma artificial, é uma forma de apagar a história e o valor intrínseco dos monumentos.¹⁸⁸

Diante dessas duas abordagens, o Conde de São Januário procurou equilibrar as propostas de reconstrução de Viollet-le-Duc e a conservação proposta por Ruskin. Esse equilíbrio visava, por um lado, atender aos defensores do restauro e refuncionalização das ruínas, mas, por outro, preservar a autenticidade histórica das estruturas e dar a elas um valor simbólico, que fosse ao encontro da ideia de memória coletiva proposta por Ruskin.¹⁸⁹

Em determinado momento, uma comissão de devotos da Igreja do Carmo, que visava restaurar a igreja para o culto, propôs a expulsão da RAACAP e a desmontagem do museu instalado nas ruínas. Essa proposta de reconstituição da igreja com um novo estilo arquitetônico visava a recuperação da função religiosa do edifício, contrastando com o

¹⁸⁶VIOUET-LE-DUC, Eugène. *The Foundations of Architecture: Selections from the Dictionnaire Raisonné*. Translated by Kenneth D. Whitehead. New York: George Braziller, 1990.

¹⁸⁷RUSKIN, John. *The seven lamps of architecture*. London: Smith, Elder & Co., 1849.

¹⁸⁸RUSKIN, John. *The stones of Venice*. London: Smith, Elder & Co., 1851-1853.

¹⁸⁹ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit.*, p. 35.

posicionamento dos defensores da conservação do património histórico, que priorizavam a preservação das ruínas como testemunho de um passado histórico e cultural.

O Conde de Sabugosa, que se destacava como um opositor dessa ideia, sustentava que o restauro de monumentos históricos não deveria envolver o desaparecimento das marcas do tempo ou a introdução de elementos modernos que descaracterizassem o edifício original. Em uma transcrição das atas da RAACAP, ele é citado afirmando que:

Em princípio (afirmou) detesta e abomina todas as restaurações; ignora mesmo o que significa a palavra restauração aplicada a um monumento. Restaurar o que foi destruído por um terramoto ou por um cataclismo, ou por outras causas, não é muito fácil. Mudam as ideias, mudam os homens, mudam as épocas, as crenças, e a ninguém ocorre o pensamento de restaurar o Parthenon de Atenas, ou o Coliseu de Roma. O monumento do Carmo está bastante nesse caso. Ainda que haja arquiteto, arqueólogo ou engenheiro dos mais distintos que se encarregue da sua construção, não é possível de maneira nenhuma tornar-se ao tempo de Nuno Álvares Pereira. O facto de demolir umas ruínas tão lindas no meio da cidade, ruínas que têm tantas tradições como estas e convertê-las em uma igreja moderna, em lugar de constituir uma prova de veneração pela memória do condestável, em vez de representar um sentimento de estética, não passa de um vandalismo.¹⁹⁰

Essa crítica de Sabugosa, registrada nas atas da sessão da RAACAP, reflete uma resistência à ideia de reconstrução, defendendo que a verdadeira preservação deve respeitar a autenticidade e as marcas do tempo, sem tentar retornar a um estado anterior ou impor um novo estilo. Esse episódio foi um dos muitos debates sobre como lidar com o património histórico, particularmente em relação às ruínas que, para muitos, representavam mais do que simples construções físicas, mas símbolos carregados de história e memória cultural.

Um marco importante para a RAACAP ocorreu em 1902 com a criação da Sociedade dos Arquitetos Portugueses. Tal como observa Ana Isabel de Melo Ribeiro, foi sobretudo em resposta às novas exigências da sociedade que os arquitetos portugueses consolidaram uma consciência de classe mais definida, resultado de um processo de crescente especialização da profissão e da necessidade de maior afirmação e organização por parte deste grupo

¹⁹⁰Real Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses. Acta nº 2 da sessão de 5 de maio de 1904, transcrita no Tomo X - nº 1, Quarta série, Boletim da Real Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, Lisboa, p. 16-17. *apud* ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo, 2013. p. 36.

profissional, o que impulsionou a criação desta nova entidade associativa.¹⁹¹ Esse movimento foi motivado por questões relacionadas ao exercício da profissão e por uma intenção de estabelecer um diálogo reivindicativo com o poder político da época.¹⁹² Este evento teve reflexos diretos nos estatutos de 1909 da Associação, que oficializaram a saída dos arquitetos da instituição e promoveram uma alteração significativa na sua designação.¹⁹³ Como resultado, a associação adotou uma nova configuração e passou a ser designada como Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), que se mantém até os dias atuais.

Durante a Primeira República, o Museu Arqueológico do Carmo passou por importantes intervenções e melhorias. Embora tenha representado um considerável progresso em relação aos primeiros tempos, em que o museu se caracterizava como um depósito de esculturas e elementos arquitetônicos, ainda estava distante de uma museografia moderna, que se caracteriza pela seleção criteriosa de peças organizadas de forma cronológica e temática.¹⁹⁴ Ocorreram obras entre 1910 e 1916 que visavam principalmente garantir a conservação do edifício e sua adequação à função museológica. Estas intervenções incluíram o reforço das estruturas do edifício, com a consolidação dos arcos da nave e das capelas absidiais, além da implementação de sistemas para o manejo das águas pluviais.¹⁹⁵ Entre as melhorias visíveis ao público, destacou-se a colocação dos túmulos medievais nas antigas capelas absidiais, uma intervenção significativa que foi considerada o principal avanço no museu durante esse período.¹⁹⁶ No entanto, a museografia externa ainda se assemelhava à do final do século XIX, com os elementos arquitetônicos espalhados de maneira desorganizada pelo espaço, sem uma clara separação ou curadoria.¹⁹⁷

Durante o período do Estado Novo, o MAC passou por uma profunda remodelação, realizada entre 1946 e 1949 pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Essa intervenção foi marcada pela construção de muros que preencheram os vãos dos arcos das capelas, emparedando essas áreas nas laterais da entrada principal. Além disso, houve a

¹⁹¹RIBEIRO, Ana Isabel de Melo. *Arquitectos Portugueses: 90 anos de vida associativa, 1863-1953*. Volume I. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1993, p.16.

¹⁹²*Ibidem*, p.37.

¹⁹³ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. op. cit., p. 46.

¹⁹⁴*Ibidem*, p.50.

¹⁹⁵*Ibidem*, p.49-50.

¹⁹⁶ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. op. cit., p. 46.

¹⁹⁷*Ibidem*, p.51.

integração de diversas peças no suporte arquitetônico, incluindo 14 painéis de azulejos, várias pedras de armas e até uma grande janela proveniente do Mosteiro dos Jerónimos.¹⁹⁸

Embora ainda apresentasse uma certa exclusividade, a AAP demonstrava, de maneira geral, uma maior abertura em comparação a outros centros de atividade arqueológica, como o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, que se destacava por ser bastante mais restrito em termos de acesso e participação.¹⁹⁹ A queda do regime salazarista e a subsequente “primavera marcelista” criaram um ambiente favorável a mudanças significativas na AAP. Esse contexto político e social permitiu uma maior integração de uma nova geração de arqueólogos, que começavam a ingressar na Universidade de Lisboa e a se envolver ativamente nas atividades da associação.²⁰⁰

Ao longo do século XX, o Museu Arqueológico do Carmo passou por transformações, que refletiram tanto as mudanças nas concepções museológicas quanto os desafios enfrentados na preservação do património. A adaptação da instituição às novas correntes científicas e patrimoniais permitiu que o museu consolidasse seu papel como um espaço de estudo, preservação e divulgação arqueológica. Essas dinâmicas, no entanto, continuariam a evoluir nas décadas seguintes, à medida que o MAC se inseria em um contexto museológico cada vez mais globalizado e orientado para novas formas de interação com o público, desafios que serão explorados no próximo capítulo.

2.4 Suspensão das atividades do Museu Arqueológico do Carmo (1995-2001)

Em 1994, José Morais Arnaud assumiu a presidência da AAP e iniciou um esforço para revitalizar o MAC, com o objetivo de modernizar e dinamizar a instituição. No intuito de orientar a remodelação do museu, Arnaud solicitou a um membro da direção, com formação e experiência profissional na área de museologia, a elaboração de um programa museográfico que serviria como base para as intervenções no espaço expositivo. Contudo, após mais de um ano sem retorno, a solução encontrada foi solicitar ao então Instituto José de Figueiredo um parecer sobre as ações de conservação mais urgentes para o acervo do museu, além de consultar o atelier de arquitetura Recupero, especializado em monumentos e museus, para a elaboração de um projeto de remodelação do MAC.²⁰¹

¹⁹⁸ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit., p. 37.*

¹⁹⁹ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses. op. cit., p. 64.*

²⁰⁰*Ibidem*, p.69.

²⁰¹ARNAUD; FERNANDES. *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit., p. 11.*

O projeto proposto por esse atelier focava-se essencialmente na criação de uma estrutura de recepção ao público e na substituição das vitrinas do museu, que estavam em uso há mais de 50 anos, sem iluminação adequada e sem as mínimas condições de segurança.²⁰² O orçamento do projeto encontrava-se dentro das possibilidades financeiras da AAP, sendo percebido como uma solução viável para a época. No entanto, esse projeto não foi unânime entre os membros da direção, que argumentaram que tal intervenção comprometeria irreparavelmente a integridade daquilo que chamavam de “bolha no tempo”, que deveria ser preservada a todo custo.²⁰³ Para esses membros, a modificação proposta significaria a perda da autenticidade histórica do espaço, comprometendo sua identidade, que deveria ser preservada de forma intocada, mantendo o “museu de Possidónio” tal como era. Na sequência de novas eleições, José Morais Arnaud foi reconduzido à presidência da AAP. Sob a sua liderança, acompanhada por uma direção renovada, iniciou-se um novo ciclo de reformas orientado para a remodelação e a dinamização do museu.²⁰⁴

No ano de 1995, a AAP viu-se obrigada a encerrar o MAC ao público para realizar uma série de intervenções voltadas à consolidação estrutural do edifício, devido ao impacto causado pela construção de duas novas linhas do metropolitano no seu subsolo.²⁰⁵ No mês de junho, o início inesperado das obras de escavação do primeiro túnel do metropolitano comprometeu diretamente a estrutura do museu, atravessando o subsolo da nave da antiga igreja do Carmo.²⁰⁶ Diante desse fato e dos efeitos adversos decorrentes da escavação, que não foram devidamente prevenidos devido a uma significativa subavaliação dos riscos envolvidos, a direção concentrou seus esforços na mitigação de possíveis danos estruturais mais graves.²⁰⁷ De fato, após um longo período de imobilismo que perdurou por 45 anos, nos quais foram realizadas apenas pequenas obras de conservação, a execução das obras do metropolitano expôs a estrutura do MAC a elevados riscos.²⁰⁸ Como resultado, a instituição se viu forçada a encerrar o museu ao público em novembro de 1995 e a preparar tanto o edifício da antiga igreja do Carmo quanto o acervo museológico para os impactos da construção das novas linhas do metropolitano.²⁰⁹

²⁰²*Ibidem*, p.11.

²⁰³*Ibidem*, p.11.

²⁰⁴*Ibidem*, p.11.

²⁰⁵ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. op. cit., p. 87.

²⁰⁶ARNAUD; FERNANDES. *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 11.

²⁰⁷*Ibidem*, p.11.

²⁰⁸ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. op. cit., p. 87-88.

²⁰⁹*Ibidem*, p.87.

Após diversas tentativas de diálogo com as entidades oficiais do metropolitano, a questão ganhou maior projeção por meio de uma campanha direcionada à opinião pública. Essa iniciativa contou com o apoio do jornalista Carlos Torres, então redator do jornal *A Capital*, além de importantes figuras da intelectualidade portuguesa. O êxito dessa campanha se deve, em grande parte, à atuação do jornalista, que durante semanas publicou depoimentos de destacados arqueólogos, historiadores e intelectuais em defesa da preservação do edifício histórico do Carmo. Sob pressão do governo do então primeiro-ministro António Guterres, o Metropolitano de Lisboa decidiu assumir as responsabilidades pela proteção das ruínas e do Museu Arqueológico do Carmo.²¹⁰ Como resultado dessa mobilização, António Guterres visitou o local em 9 de fevereiro de 1996, acompanhado por uma ampla comitiva, com o objetivo de avaliar a situação no próprio local.²¹¹

Embora sem reconhecer explicitamente a responsabilidade do Metropolitano de Lisboa pelos danos causados ao edifício, o primeiro ministro anunciou durante a visita que essa empresa pública, em parceria com a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), assumiria a consolidação e reabilitação das ruínas e do Museu do Carmo.²¹² Posteriormente, foi firmado um contrato no qual o Metropolitano de Lisboa comprometia-se a realizar as obras de reparação e consolidação dos elementos estruturais, bem como a impermeabilização das coberturas. Além disso, a empresa assumiu os encargos referentes à desmontagem e remontagem do museu e da biblioteca, bem como quaisquer danos decorrentes das obras de construção e operação das novas linhas do metropolitano.²¹³

Apesar dessas garantias, a execução do projeto enfrentou diversas dificuldades, devido a restrições orçamentárias, o que comprometeu a qualidade da intervenção. Além disso, a administração do Metropolitano demonstrou resistência em financiar e implementar todas as medidas recomendadas pelos especialistas contratados pela própria empresa para avaliar a situação.²¹⁴

A situação agravou-se com a mudança na gestão do Metropolitano de Lisboa. Em agosto de 2000, o novo Conselho de Administração rompeu unilateralmente o contrato firmado com a AAP sem que as obras de consolidação do edifício e a remontagem do museu

²¹⁰*Ibidem*, p.87-88.

²¹¹ARNAUD; FERNANDES. *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo. op. cit.*, p. 12.

²¹²*Ibidem*, p.12.

²¹³*Ibidem*, p.12.

²¹⁴*Ibidem*, p.12.

estivessem concluídas. O impasse não foi resolvido pela via da comissão arbitral, prevista no contrato, o que acabou por trazer dificuldades significativas para a AAP.²¹⁵

Diante desse cenário, a direção da AAP decidiu concentrar todos os seus esforços e recursos financeiros na remontagem do MAC, com o objetivo de reabrir o museu ao público assim que fossem garantidas as condições mínimas para tal. Esse objetivo foi alcançado em junho de 2001, marcando a reabertura da instituição após um longo período de encerramento.²¹⁶ O processo de reabertura foi antecedido por intervenções de grande envergadura na conservação do monumento, que exigiram a desmontagem e a reestruturação completa do MAC. Essas intervenções, conduzidas após tentativas frustradas de negociação com a administração do Metropolitano de Lisboa e mediante forte mobilização da imprensa, foram fundamentais para a recuperação da estrutura e do acervo.²¹⁷ A concretização desse projeto, contudo, só foi possível graças à inclusão da remodelação e dinamização do MAC no Plano Operacional da Cultura, iniciativa criada no âmbito do Ministério da Cultura. O apoio do então coordenador do plano, José Conde Rodrigues, bem como da Direção do Instituto Português de Museus, revelou-se fundamental para a viabilização das intervenções necessárias ao museu.²¹⁸

A reabertura do museu revelou-se um processo desafiador, exigindo um esforço significativo por parte da instituição, que apenas em 2001 conseguiu reinaugurá-lo, já completamente remodelado.²¹⁹ Diante da necessidade de desmontar integralmente o museu, a AAP aproveitou a oportunidade para conduzir uma reestruturação abrangente do espaço expositivo e do circuito museográfico. Sob a orientação do arquiteto Mário Varela Gomes, o novo projeto baseou-se em diretrizes que priorizavam a preservação das peças mais sensíveis à ação dos agentes naturais, realocando-as na área coberta do museu, além de reorganizar a exposição segundo uma lógica cronológica e temática.²²⁰

O período de suspensão das atividades do Museu Arqueológico do Carmo, entre 1995 e 2001, representa um marco decisivo na sua trajetória institucional, evidenciando tanto a fragilidade estrutural do edifício quanto os desafios enfrentados na articulação entre preservação patrimonial, interesses públicos e políticas culturais. Mais do que uma simples interrupção, esse intervalo traduziu-se num momento de profunda reconfiguração do museu,

²¹⁵*Ibidem*, p.14.

²¹⁶*Ibidem*, p.14.

²¹⁷ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. op. cit., p. 88.

²¹⁸ARNAUD; FERNANDES. *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 14.

²¹⁹ARNAUD; PEREIRA. *A Igreja do Carmo de Lisboa*. op. cit., p. 37.

²²⁰*Ibidem*, p.37.

que passou por significativas transformações físicas, museográficas e institucionais. A reabertura em 2001 assinala o início de uma nova fase, marcada por esforços de modernização, valorização do acervo e renovação do discurso expositivo. É justamente esse novo ciclo, iniciado no século XXI, que será analisado no capítulo seguinte, com foco nas estratégias adotadas pelo museu para se afirmar como um espaço dinâmico de mediação cultural, memória e identidade no contexto contemporâneo.

Capítulo III: Da reabertura à reconfiguração: a evolução do Museu Arqueológico do Carmo (2001-2024)

3.1 Projeto de musealização e reformulação do Museu Arqueológico do Carmo

Com base no que foi abordado no capítulo anterior, a reabertura do Museu Arqueológico do Carmo, em 2001, foi precedida por um processo complexo e multifacetado de intervenções estruturais e museográficas. Após os danos causados pela construção das novas linhas, o Metropolitano de Lisboa assumiu, sob forte pressão política e pública, a responsabilidade pela preservação tanto do edifício histórico quanto do acervo do museu, durante a intervenção.²²¹ O processo de intervenção ocorreu em diversas etapas, se iniciando com um inventário preliminar e levantamento fotográfico do acervo, seguido pela desmontagem do museu e pela transferência das peças para a antiga sacristia, área considerada mais segura dentro do edifício. Posteriormente, realizou-se uma escavação arqueológica nas cinco capelas antigas e na nave central, enquanto os alicerces do edifício foram reforçados com a inserção de aproximadamente 150 microestacas ao redor das capelas e do transepto. Além disso, a estrutura dos arcos da nave foi consolidada e escorada, aplicando-se uma camada de impermeabilização sobre a nave e repondo o pavimento de toda a área da antiga igreja, para que posteriormente fosse possível realizar a remontagem do MAC.²²²

Após o rompimento unilateral do contrato assinado em 1996, através do qual o Metropolitano de Lisboa se comprometeria a financiar a remontagem do MAC, a conclusão da intervenção final foi possível graças à intervenção da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.²²³ A AAP também recorreu, em 2001, a fundos comunitários, no âmbito do Plano Operacional de Cultura (POC), com o apoio técnico do então Instituto Português de Museus. Para viabilizar essa ação, a AAP foi obrigada a contrair um empréstimo bancário, o qual foi posteriormente quitado.²²⁴

Nesse contexto de busca por soluções autônomas de financiamento, o MAC retomou em 2001 os eventos de carácter cultural e comercial, garantindo assim a sua autossuficiência financeira, uma vez que, desde 1975, não conta com apoios regulares, autárquicos ou estatais, conforme indica o diretor do museu.²²⁵ Essa condição de independência tem permitido ao

²²¹ ARNAUD, *Memória e Intervenção*, op. cit., p. 88.

²²² *Ibidem*, p.88.

²²³ *Ibidem*, p.89.

²²⁴ *Ibidem*, p.89.

²²⁵ ARNAUD; FERNANDES, *Construindo a Memória*, op. cit., p. 17.

museu, segundo José Arnaud, consolidar-se como um exemplo de gestão associativa bem-sucedida no panorama dos museus portugueses.²²⁶ A esse respeito, a gestão do museu tem se beneficiado de um processo decisório ágil, facilitado pelo fato de que o diretor do museu acumula a presidência da direção da AAP, conferindo-lhe autonomia para desenvolver a sua própria programação cultural. Essa liberdade tem se revelado vantajosa, pois permite a criação de atividades adaptadas às diversas tipologias de público, fundamentais para atrair e fidelizar visitantes e, assim, assegurar a sustentabilidade do museu.²²⁷

No âmbito do POC, uma série de operações foi realizada para a requalificação do MAC. Entre essas ações, destaca-se a limpeza, conservação e restauro de todo o acervo, conduzidos por técnicos especializados no tratamento de materiais como pedra, madeira, azulejos e pintura. Além disso, foi realizado um estudo exaustivo do acervo, com a colaboração de mais de 30 especialistas das mais diversas áreas. Também foi desenvolvido um projeto de luminotecnica, com o objetivo de valorizar o acervo e melhorar o ambiente geral do museu, por meio da instalação de um novo sistema de iluminação, tanto nas peças expostas quanto no próprio edifício.²²⁸

Para melhorar a infraestrutura, uma nova estrutura de recepção foi construída, com dimensões adequadas para atender ao público, e as instalações sanitárias foram remodeladas e ampliadas, tanto para o público quanto para os funcionários e foi criado um espaço de livraria/loja. A intervenção também contemplou a ampliação e requalificação do quadro de pessoal, incluindo a criação do cargo de conservador do museu e criação do seu serviço educativo. Foi realizada a implementação de um novo projeto de musealização, elaborado *pro bono*. E por fim, a remontagem integral do MAC e a publicação de um catálogo das coleções permanentes foram finalizadas.²²⁹

O projeto de musealização foi conduzido pelo arquiteto Mário Varela Gomes, sócio efetivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas Artes. Em resposta à disponibilidade manifestada pelos membros da AAP para colaborar nas obras de reabilitação e reorganização do museu, a direção da associação solicitou a Gomes a elaboração de um plano específico de musealização.²³⁰

²²⁶ARNAUD, *Memória e Intervenção*, op. cit., p. 95.

²²⁷*Ibidem*, p.95.

²²⁸*Ibidem*, p.89-90.

²²⁹*Ibidem*, p.89-90.

²³⁰GOMES, Mário Varela. Projeto de Musealização. In: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2005, p.631.

Apresentado em junho de 2000, o projeto foi posteriormente ajustado durante a execução das obras, refletindo a complexa conjuntura histórica, cultural, técnica e econômica que moldava a instituição naquele momento. Para além desses condicionantes, o processo exigiu ainda significativa criatividade para garantir a adequação do espaço às novas exigências museológicas.²³¹ Com base nesse projeto, foi possível realizar uma remodelação integral das áreas descobertas e cobertas do MAC, tornando-o mais acolhedor para os visitantes e, como destacou José Arnaud, “modernizando-o sem o descaracterizar.”²³²

Desde o início, uma das principais preocupações da equipe foi a de não comprometer o “espírito” original do museu, reconhecido como parte do património histórico e um referencial incontornável para a arqueologia portuguesa.²³³ Reformar uma instituição com mais de um século de existência, sendo o primeiro museu arqueológico do país e um dos mais antigos da Europa, impunha não apenas responsabilidades acrescidas, mas também revelava o potencial de inovação intrínseco a esse tipo de intervenção.²³⁴ Nesse viés, a proposta de musealização procurou encontrar um equilíbrio entre as necessidades contemporâneas de conservação e visibilidade das peças e a preservação da imagem histórica do museu. O desafio consistia em estruturar um discurso museológico coerente e atualizado, mas sem anular a identidade consolidada ao longo do tempo.²³⁵

O objetivo principal do projeto liderado por Gomes não se restringia, portanto, à simples reabertura do museu. Na primeira fase, buscou-se criar condições mínimas de habitabilidade para a coleção e proceder ao tratamento das peças cujo estado de conservação comprometia a sua integridade.²³⁶ No que respeita à organização do acervo, procurou-se preservar o “espírito” idealizado pelos fundadores do MAC, bem como o capital, em termos de imagem, acumulado ao longo de sua história. Todavia, foi considerada essencial a introdução de maior coerência expositiva, estruturando a coleção em grandes núcleos temáticos apresentados em sequência cronológica.²³⁷ A proposta museográfica preservou a natureza de museu arqueológico de coleções, com um perfil eclético e diverso, que remonta à concepção original do MAC.²³⁸ Foi uma escolha deliberada no projeto, por não atribuir ênfase excessiva a dispositivos didáticos ou virtuais, amplamente utilizados em museus

²³¹*Ibidem*, p.631.

²³² ARNAUD; FERNANDES, *Construindo a Memória*, op. cit., p. 14.

²³³ GOMES, *Projeto de Musealização*, op. cit., p. 631.

²³⁴*Ibidem* p.631.

²³⁵*Ibidem* p.631.

²³⁶*Ibidem* p.634.

²³⁷*Ibidem* p.635.

²³⁸*Ibidem* p.635.

contemporâneos, pois, como defende Mário Gomes, “por vezes, ocupam extensivamente as vitrinas e os espaços expositivos em muitos museus, em detrimento da apresentação dos originais.”²³⁹

Por fim, foram promovidas alterações significativas na infraestrutura museológica, com a introdução de novos equipamentos expositivos, visando aprimorar tanto a conservação das peças quanto a sua apresentação ao público.²⁴⁰ O projeto museológico previu a criação de suportes metálicos sólidos, de caráter assumidamente contemporâneo, para a exposição de elementos arquitetônicos, além de vitrines amplas e bem iluminadas, dispostas sobre bases de madeira de diversas dimensões para proporcionar maior destaque às peças. A proposta incluiu ainda a instalação de painéis de sala, legendagem em estantes de pé alto para peças isoladas e a colocação de placas interpretativas no exterior.²⁴¹

Após garantir as condições para o acolhimento de visitantes, a direção do MAC passou a preocupar-se com a constituição de uma equipe com formação adequada, promovendo a contratação de vigilantes, recepcionistas e de um técnico polivalente que acumulasse funções de investigação, conservação, dinamização, promoção e relações públicas, cargo inicialmente assumido por Carla Varela Fernandes²⁴² e atualmente desempenhado por Célia Nunes Pereira.

A reformulação do MAC resultou de um esforço conjunto que articulou rigor técnico, sensibilidade patrimonial e inovação museológica. Mais do que restaurar um espaço expositivo, o projeto visou revitalizar uma instituição marcada por uma história singular, respeitando seu legado e reafirmando sua relevância no panorama museológico nacional. Essa intervenção conferiu ao MAC uma nova vitalidade, sem apagar as marcas do tempo, nem desvirtuar a sua natureza híbrida. A articulação entre a dimensão monumental das ruínas e a função museológica reconfigurada é, aliás, um dos elementos que definem a identidade contemporânea do museu e que será explorado no próximo subtópico, dedicado à análise da dualidade do MAC como monumento histórico e espaço expositivo.

3.2 A dualidade do Museu Arqueológico do Carmo: monumento histórico e espaço museológico

²³⁹*Ibidem* p.635.

²⁴⁰*Ibidem* p.635.

²⁴¹ARNAUD; FERNANDES, *Construindo a Memória*, op. cit., p. 14.

²⁴²ARNAUD; FERNANDES, *Construindo a Memória*, op. cit., p. 16.

O Museu Arqueológico do Carmo constitui um exemplo da articulação entre a preservação do património histórico e a prática museológica contemporânea. Inserido na antiga Igreja do Carmo, em Lisboa, o museu ocupa um edifício de elevada relevância histórica e arquitetónica, cuja trajetória anterior à musealização já foi examinada na seção 2.1, dedicado à evolução da igreja enquanto espaço religioso e simbólico da cidade.

A especificidade do MAC reside na dualidade que o caracteriza: a coexistência de um monumento histórico e de uma instituição museológica no mesmo espaço físico. Esta condição confere-lhe um estatuto ímpar, em que o edifício não atua meramente como contenção do acervo, mas como parte integrante da experiência museológica. A ruína gótica, resultante dos efeitos do terremoto de 1755, é preservada como testemunho material da história de Lisboa, ao mesmo tempo em que desempenha um papel ativo na mediação simbólica e sensorial do percurso expositivo.

Neste contexto, o conceito de dualidade torna-se essencial para compreender tanto os desafios quanto às potencialidades do MAC enquanto espaço híbrido. A sua gestão implica decisões que envolvem simultaneamente a conservação do monumento e a atualização das estratégias museográficas, de modo a garantir a acessibilidade e a comunicação com o público contemporâneo, sem comprometer a integridade patrimonial.

A singularidade da experiência proporcionada pelo MAC advém precisamente dessa fusão entre o edifício e a exposição. Longe de constituir uma limitação, a integração das estruturas arquitetônicas no percurso museológico enriquece a leitura do acervo, criando uma relação de complementaridade entre objeto e contexto. O visitante é assim conduzido por um espaço em que as fronteiras entre museu e monumento se conectam, promovendo uma vivência simultaneamente contemplativa e histórica, em que o edifício se converte num agente narrativo e experiencial.

3.2.1 O edifício como testemunho histórico

O edifício que hoje abriga o Museu Arqueológico do Carmo constitui um testemunho material privilegiado da história de Lisboa e de Portugal. A sua condição de ruína preservada, confere-lhe um valor simbólico e cultural que ultrapassa o seu significado arquitetônico. As estruturas góticas remanescentes, como as arcadas e as abóbadas abertas ao céu, não apenas testemunham a tragédia histórica do terremoto, mas também consolidam uma estética, convertendo a ruína em monumento e em objeto de contemplação.

Mais do que um vestígio da antiga Igreja do Carmo, o edifício que acolhe o Museu Arqueológico do Carmo constitui também um monumento ao próprio terremoto de 1755, elevando-se como uma das mais emblemáticas representações materiais do traumático evento da história lisboeta. A sua ruína, conservada deliberadamente ao longo dos séculos, não apenas remete à memória da igreja que ali existia, mas assume um papel simbólico mais amplo, enquanto testemunho físico da catástrofe que transformou a cidade. Nesse sentido, a Igreja do Carmo transcende sua função religiosa original e passa a incorporar uma dimensão memorial do evento sísmico, tornando-se um marco urbano onde se cristaliza a lembrança coletiva da destruição, da perda e da reconstrução.

A manutenção intencional da ruína como tal, sem a reconstituição total do edifício original, traduz uma opção patrimonial deliberada que valoriza a autenticidade material e a integridade histórica do local. Neste contexto, a Igreja do Carmo deixa de ser apenas um repositório físico de coleções arqueológicas para se constituir como artefato em si mesmo, cuja narrativa histórica é inseparável da sua forma presente. Essa incompletude arquitetónica opera como linguagem visual e histórica, evocando as rupturas do passado e o impacto físico do desastre, tanto como a resiliência da cidade diante da adversidade.

A centralidade geográfica do edifício, situado no coração histórico da cidade, reforça o seu estatuto como lugar de memória. A Igreja do Carmo transformou-se, ao longo do tempo, em um ponto de referência urbano e afetivo, associado não apenas ao seu passado religioso, ou à catástrofe do século XVIII, mas também à trajetória política e social de Lisboa. O Largo do Carmo permanece como um marco simbólico na memória coletiva portuguesa, em razão do papel central que desempenhou durante a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974. Foi precisamente em frente às portas do Museu Arqueológico do Carmo que se deu a rendição do regime do Estado Novo, quando o então primeiro-ministro Marcello Caetano, cercado pelas forças do Movimento das Forças Armadas (MFA), entregou o poder ao general António de Spínola.²⁴³ Este episódio representou o colapso definitivo da ditadura instaurada em 1933 e simbolizou a transição pacífica para a democracia em Portugal. Desde então, o Largo do Carmo consolidou-se como um dos ícones da Revolução dos Cravos, e o edifício do MAC tornou-se uma testemunha histórica de um dos momentos mais determinantes da contemporaneidade portuguesa.

Essa dimensão memorial é também comunicada de forma explícita pela instituição museológica. Logo na entrada do Museu Arqueológico do Carmo, encontra-se uma fotografia

²⁴³MUSEU DO ALJUBE. *25 de abril de 1974*. Lisboa: Museu do Aljube, 2024. Disponível em: <https://www.museudoaljube.pt/2024/04/25/25-de-abril-de-1974/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

histórica da Revolução dos Cravos, ilustrando o momento da rendição de Marcello Caetano, reforçando o papel do edifício como cenário de um dos episódios mais marcantes da história contemporânea portuguesa. A presença dessa imagem integra-se à narrativa museológica e reafirma o caráter político e simbólico do lugar, transformando-o não apenas em espaço de visita, mas em veículo ativo da memória coletiva.

Figura 9: Registro fotográfico da Revolução dos Cravos no Largo do Carmo, em frente à entrada do MAC.



Fonte: Autoria própria, 2025.

Nesse sentido, o espaço adquire um significado que transcende sua função museológica, constituindo-se como um *lieux de mémoire*,²⁴⁴ no sentido atribuído por Pierre Nora: um local onde se cristalizam memórias coletivas, identidades culturais e processos de patrimonialização.²⁴⁵ Para Nora, os lugares de memória não são apenas espaços físicos, mas construções simbólicas que emergem em momentos em que a memória viva começa a se fragmentar, exigindo marcos que permitam a sua ancoragem no tempo.²⁴⁶ O Museu Arqueológico do Carmo exemplifica essa concepção ao concentrar, num mesmo local, diferentes camadas de memória histórica e cultural: a memória religiosa associada à antiga Igreja do Carmo e ao legado de D. Nuno Álvares Pereira; a memória do terremoto de 1755, cuja destruição marcou profundamente a cidade de Lisboa; e, mais recentemente, a memória política da Revolução dos Cravos, que ali teve um dos seus momentos mais emblemáticos com a rendição do regime do Estado Novo.

O valor simbólico do Museu Arqueológico do Carmo vai então além da sua função como repositório de artefatos: ele se posiciona como um marco de resistência, resiliência e transformação, sendo uma testemunha do passado, enquanto oferece uma perspectiva contínua sobre os processos de patrimonialização e musealização. A gestão desse espaço, no entanto, envolve mais do que o cuidado com a sua integridade material; ela exige uma reflexão constante sobre como conciliar as exigências da preservação com as demandas de uma museologia contemporânea que seja inclusiva e acessível. Nesse sentido, o próximo subcapítulo abordará como o Museu Arqueológico do Carmo articula os desafios da preservação com as práticas atuais de gestão patrimonial, explorando a relação entre o passado e o presente, entre a autenticidade e a inovação.

3.2.2 Preservar e expor: gestão patrimonial e musealização contemporânea

A partir dos anos 2001, o Museu Arqueológico do Carmo intensificou um processo de modernização que demandou, de forma simultânea, o fortalecimento de sua função museológica e o aprofundamento do compromisso com a preservação do edifício enquanto

²⁴⁴O conceito de *lieux de mémoire* foi formulado pelo historiador francês Pierre Nora para descrever espaços físicos, simbólicos ou funcionais onde a memória coletiva se cristaliza, especialmente em momentos de ruptura ou transformação histórica. Esses lugares emergem como pontos de ancoragem para identidades culturais e histórias compartilhadas, funcionando como marcos materiais de uma memória que já não é mais vivida diretamente, mas que é evocada, representada e patrimonializada. NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, 1993, p.7-28.

²⁴⁵NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7–28.

²⁴⁶*Ibidem*, p.7-8.

património nacional. Essa responsabilidade dupla, que consiste em conservar um monumento histórico de grande valor simbólico e, ao mesmo tempo, torná-lo funcional como espaço museológico, exigiu da instituição a formulação de estratégias de gestão capazes de equilibrar autenticidade, acessibilidade e inovação.

A antiga Igreja do Carmo, classificada como Monumento Nacional por decreto em 10 de janeiro de 1910,²⁴⁷ está sujeita a regulamentações específicas definidas pelas políticas públicas de preservação patrimonial. Essas normativas, contudo, não eliminam a agência institucional sobre o espaço. Pelo contrário, demandam uma negociação contínua entre o respeito à integridade material do edifício e a adaptação às exigências impostas pela museologia contemporânea. A partir da década de 1990, a gestão patrimonial do MAC passou a integrar intervenções que, além de garantir a estabilidade estrutural da construção, procuraram também repensar seu uso público. A obra de consolidação e requalificação realizada no período de fechamento, entre 1995 e 2001, representou um marco no processo de musealização do espaço.

As intervenções estruturais realizadas nesse período, deram início a um abrangente processo de estabilização estrutural do edifício. Estas obras foram fundamentais não apenas para garantir a segurança do monumento, mas também para assegurar sua continuidade como espaço museológico. O desafio residiu em equilibrar a necessidade de conservação com a manutenção da identidade histórica e simbólica do espaço, sem comprometer a sua integridade visual enquanto ruína.

No contexto desse processo de musealização, o MAC desenvolveu um modelo expositivo cuja proposta não consiste em ocultar ou restaurar integralmente a ruína, mas em integrá-la ativamente à narrativa museológica. Em vez de reconstruir os elementos arquitetônicos perdidos ou simular um estado anterior idealizado, o museu valoriza a própria ausência, adotando uma museografia que estabelece um diálogo direto com o inacabado. Essa abordagem encontra respaldo na concepção de património formulada por Alois Riegl, segundo a qual o “valor de antiguidade” não se define exclusivamente pela idade do objeto, mas sobretudo pela percepção sensível dos efeitos da passagem do tempo em sua materialidade.²⁴⁸

Para Riegl, esse valor é reforçado quando a ação do tempo se torna visível por meio de aspectos como a pátina, o desgaste de formas e a decomposição de elementos

²⁴⁷MUSEUS E MONUMENTOS DE PORTUGAL. Disponível em: <https://www.monumentos.gov.pt/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

²⁴⁸RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: sua história e suas origens*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

arquitetônicos, que atestam a passagem irreversível da história e a atuação das forças naturais sobre a matéria.²⁴⁹ No caso do MAC, a permanência da estrutura em ruína, com suas paredes fragmentadas e abóbadas abertas ao céu, encoraja uma leitura do espaço não como um vestígio incompleto, mas como um artefato carregado de sentido histórico. Riegl ressalta ainda que, à medida que um monumento se degrada, ele pode adquirir um caráter ainda mais expressivo e evocativo, desde que preserve traços reconhecíveis de sua forma original, pois sem essa referência formal a ruína perderia sua capacidade de comunicar o passado.²⁵⁰

A apreciação da ruína, portanto, não é apenas um efeito emocional ou visual, mas envolve uma dimensão cultural e intelectual que reconhece a trajetória do objeto ao longo do tempo.²⁵¹ Nesse sentido, a opção do MAC por conservar a integridade fragmentária da antiga Igreja do Carmo representa não apenas uma estratégia museográfica, mas uma posição crítica em relação ao patrimônio, na medida em que reconhece o potencial expressivo da ruína como testemunho autêntico da passagem do tempo.

A museografia do MAC, nesse sentido, não busca neutralizar o edifício em prol da valorização do acervo, mas estabelece uma interdependência entre espaço e objeto. Os percursos expositivos foram concebidos de maneira a respeitar a topografia da ruína e a incentivar uma leitura sensível do local, permitindo que o visitante interprete as múltiplas camadas históricas presentes tanto nas peças arqueológicas quanto na própria arquitetura.

A condição do MAC enquanto monumento e museu, insere-se num debate mais amplo sobre a gestão de sítios patrimoniais que acumulam também funções museológicas. O caso do Carmo demonstra que a musealização de um espaço histórico não precisa entrar em conflito com a preservação de sua integridade material e simbólica. Pelo contrário, quando conduzida com sensibilidade e rigor, a integração entre museu e monumento resulta em uma experiência rica, dialógica e profundamente enraizada na memória coletiva.

Assim, a atuação do Museu Arqueológico do Carmo na busca por equilibrar a preservação do patrimônio e as exigências da museologia contemporânea reflete uma abordagem eficaz na gestão de espaços históricos. O equilíbrio entre autenticidade material, valorização estética da ruína e funcionalidade expositiva evidencia uma abordagem integrada e sensível ao patrimônio, capaz de honrar o passado sem abdicar das exigências do presente. No entanto, esse percurso não esteve isento de tensões e desafios práticos, especialmente no processo de reabertura ao público após o período de obras. A complexidade dessa etapa será

²⁴⁹*Ibidem*, p.51.

²⁵⁰*Ibidem*, p.53.

²⁵¹*Ibidem*, p.58.

analisada na próxima seção, dedicada aos desafios e estratégias que marcaram a reconfiguração recente do museu.

3.2.3 Desafios e estratégias em sua reabertura

A reabertura do Museu Arqueológico do Carmo em 2001 marca o início de uma nova etapa institucional, pautada por decisões estratégicas voltadas à atualização das infraestruturas museológicas e à consolidação de diretrizes de preservação. Ainda que os pressupostos de valorização da ruína e integração entre acervo e arquitetura já tivessem sido previamente delineados, foi nesse momento que a instituição enfrentou, de forma concreta, os principais desafios operacionais e conceituais decorrentes dessa dualidade. A necessidade de adequar um monumento histórico às exigências de um museu contemporâneo implicou soluções específicas, muitas vezes experimentais, voltadas à mediação entre conservação, acessibilidade e comunicação. A reabertura, portanto, não se limitou à reposição funcional do espaço, mas representou um esforço coordenado de reconfiguração que envolveu decisões técnicas, museográficas e institucionais, formando o perfil atual do MAC.

A modernização do espaço envolveu não apenas intervenções físicas, mas também uma reconfiguração curatorial abrangente. As obras possibilitaram a reorganização dos circuitos expositivos, a qualificação das infraestruturas e a renovação dos serviços de recepção e apoio ao visitante, com o objetivo de assegurar acessibilidade, conforto e uma experiência de visita mais interativa, em consonância com as exigências museológicas contemporâneas.

A adaptação da Igreja do Carmo às funções museológicas implicou a superação de desafios técnicos e museográficos que envolveram a preservação do património histórico e a adequação dos espaços à exposição de objetos e artefatos. Nas áreas cobertas do museu, a inserção de pisos envidraçados permite a visualização das câmaras de enterramento subterrâneas, oferecendo ao visitante uma experiência enriquecedora da arquitetura funerária original e facilitando uma leitura mais aprofundada das camadas históricas do edifício. Contudo, a ausência de cobertura na área externa impõe desafios adicionais, especialmente no que diz respeito à climatização e conservação de materiais mais sensíveis. A exposição direta às condições climáticas influencia as escolhas curatoriais, sendo necessária uma curadoria criteriosa na seleção dos itens expostos.

Figura 10: Sepultura original de D. Nuno Álvares Pereira, localizada na antiga capela-mor, atualmente correspondente à Sala 3 do MAC.



Fonte: Autoria própria, 2025.

Na área externa, destacam-se sepulturas e túmulos pertencentes a figuras medievais, além de fragmentos arquitetônicos e elementos decorativos, como colunas e pedras esculpidas, bem como esculturas. A preservação desses itens é feita com base na resistência dos materiais às condições ambientais, de forma a minimizar os danos causados pela ausência de uma cobertura completa. Dessa forma, a área externa do museu funciona quase como um museu a céu aberto, onde a interação entre os visitantes e os artefatos ocorre em um ambiente diretamente condicionado pelas condições climáticas, oferecendo uma vivência única, porém desafiadora, de contato com a história.

Figura 11: Objetos diversos expostos na Nave Norte do MAC.



Fonte: Autoria própria, 2025.

Paralelamente, essa limitação é convertida em um potencial estético e simbólico, conferindo ao percurso expositivo uma qualidade atmosférica singular. A incidência da luz natural, a monumentalidade das arcadas e a presença do céu aberto transformam a visita em uma experiência visualmente impactante. A interdependência entre o edifício e o acervo cria uma narrativa imersiva, na qual o visitante é convidado a experimentar a materialidade do passado de forma direta e sensorial.

As intervenções mais recentes no espaço procuram aprofundar essa abordagem, incorporando recursos de mediação contemporânea como sinalética acessível, dispositivos digitais de interpretação e exposições interativas, os quais complementam a dimensão sensorial proporcionada pela ruína. Ainda assim, o museu mantém um compromisso claro com a contenção museográfica, evitando a reconstituição excessiva ou a espetacularização do passado.

A experiência do Museu Arqueológico do Carmo destaca-se, no contexto dos museus arqueológicos europeus, pela forma singular com que articula a dimensão patrimonial da ruína com práticas museológicas contemporâneas. Enquanto instituições como o Musée de

Cluny, em Paris, ou o Museu Nacional de Arqueologia de Madrid operam em edifícios históricos adaptados a funções museais, o MAC adota uma abordagem distinta, em que a própria ruína constitui o eixo central da narrativa expositiva. Em vez de sobrepor o espaço arquitetônico com soluções museográficas neutralizantes, como pode ocorrer em contextos semelhantes, o museu lisboeta promove uma experiência ancorada na materialidade do lugar e em sua memória histórica.

Em suas estratégias de comunicação, o MAC enfatiza sua identidade múltipla como antiga igreja, ruína emblemática e marco histórico ligado ao terremoto de 1755. O museu organiza visitas guiadas em várias línguas, com duração média de 30 minutos a 1 hora (a depender da especificidade do público), abordando temas como a origem histórica do edifício, o impacto do terremoto e a diversidade da coleção do MAC.²⁵² Além disso, ocorrem visitas temáticas, com foco específico no espaço como monumento, como a intitulada *Quase Tudo a Guerra Levou*, que propõe uma reflexão sobre as consequências da perda ou destruição do património e questiona se é possível existir culturalmente sem memória material;²⁵³ *As Ruínas do Carmo e o Terramoto de 1755*, que aborda diretamente o impacto do sismo na antiga igreja e na cidade de Lisboa;²⁵⁴ e *As voltas que o Carmo deu – de Igreja a Museu*, que explora as sucessivas transformações do edifício ao longo dos séculos, desde o seu uso como igreja conventual até a sua musealização contemporânea, visita essa que foi acompanhada durante o estágio na instituição.

Essas visitas abordam como o discurso patrimonial é construído em diálogo com a materialidade do espaço e com as camadas históricas que o compõem. A abordagem adotada revela um esforço contínuo de mediação crítica por parte da equipe do museu, articulando história, memória e arquitetura em uma narrativa acessível e reflexiva. Essas iniciativas não apenas valorizam o edifício como ruína-memorial, mas também contribuem para que o público compreenda a resiliência do património edificado e o papel do MAC como espaço de continuidade histórica e reflexão crítica sobre a memória da cidade. Essas iniciativas não apenas pretendem preservar a memória coletiva, mas também tornar o património acessível e relevante para o público que o visita.

Outra estratégia utilizada pelo MAC são parcerias diretamente relacionadas a sua condição de monumento ao terremoto, como sua parceria com o museu Quake – Museu do

²⁵²MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO. *Ação educativa*. Disponível em: https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/accao_educativa.html. Acesso em: 23 abr. 2025.

²⁵³CENTRO NACIONAL DE CULTURA. *Os portugueses e a cultura. Estará o futuro no consumo online?* Disponível em: <https://www.e-cultura.pt/artigo/25168?utm>. Acesso em: 23 abr. 2025.

²⁵⁴AGENDALX. *As Ruínas do Carmo e o Terramoto de 1755*. Disponível em: <https://www.agendalx.pt/events/event/as-ruinas-do-carmo-e-o-terramoto-de-1755/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Terramoto de Lisboa, espaço que se propõe a realizar uma experiência imersiva que recria os eventos sísmicos de 1755. O site oficial do Quake recomenda o MAC como um dos “locais a visitar” em Lisboa, destacando-o como um ponto de interesse relacionado com o tema do terremoto. A interação entre os dois museus também se reflete em visitas educativas combinadas, que têm sido organizadas para promover uma compreensão mais profunda do impacto histórico e cultural do evento sísmico na cidade. Ao integrar o MAC com o Quake, os visitantes podem explorar a relação entre o espaço do Carmo e os efeitos do terremoto, criando uma ponte entre o passado e o presente. Iniciativas como essa, evidenciam como o MAC utiliza sua identidade como monumento do Terremoto de 1755 para enriquecer a narrativa histórica interligada, reforçando a conexão entre passado e presente, e fortalecendo sua presença no panorama cultural contemporâneo de Lisboa.

Uma das estratégias de comunicação marcantes promovidas pelo Museu Arqueológico do Carmo, em articulação direta com o caráter simbólico do monumento, é o espetáculo multimédia *Lisbon Under Stars*, realizado em parceria com o ateliê OCUBO. Criado em 2018 para celebrar o Ano Europeu do Património Cultural, o evento utiliza recursos de videomapping com projeções a 360 graus, música, efeitos visuais e bailarinos virtuais, para narrar mais de seis séculos da história de Lisboa e de Portugal.²⁵⁵ Episódios emblemáticos são recriados visualmente sobre as próprias ruínas da antiga igreja, ativando o espaço arquitetónico como cenário e suporte narrativo. A escolha da Igreja do Carmo como palco não é apenas estética, mas profundamente simbólica, reforçando a identidade do museu enquanto testemunho material da catástrofe sísmica. Com mais de 170 mil visitantes desde sua estreia, o espetáculo tornou-se um vetor de valorização patrimonial e de dinamização cultural, atraindo um público ampliado, inclusive perfis que tradicionalmente não frequentam museus.²⁵⁶ Ao articular memória, arte e tecnologia no próprio corpo da ruína, o *Lisbon Under Stars* reafirma o potencial do MAC como um agente ativo na reinterpretação do património, ampliando as formas de envolvimento do público e consolidando a sua relevância no panorama museológico contemporâneo.

Figura 12: Espetáculo *Lisbon Under Stars*.

²⁵⁵PÚBLICO. *As Ruínas do Carmo iluminam-se a 360° com a história de Lisboa*. Fugas, 14 fev. 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/02/14/fugas/noticia/ruinas-carmo-iluminamse-360-historia-lisboa-1861894>. Acesso em: 23 abr. 2025.

²⁵⁶PÚBLICO. *As Ruínas do Carmo voltam a dar tela à magia de Lisbon Under Stars*. Fugas, 3 mai. 2024. Disponível em: <https://www.publico.pt/2024/05/03/fugas/noticia/ruinas-carmo-voltam-dar-tela-magia-lisbon-under-stars-2089123>. Acesso em: 23 abr. 2025.



Fonte: Público, disponível em:

<https://www.publico.pt/2024/05/03/fugas/noticia/ruinas-carmo-voltam-dar-tela-magia-lisbon-under-stars-208912>

3 acesso em 23 de abril de 2025.

O Museu Arqueológico do Carmo também investe em tecnologia para enriquecer a experiência do visitante e ampliar o acesso ao seu acervo. Um exemplo importante dessa estratégia é a aplicação móvel *Carmo Integrated Analysis*, desenvolvida no âmbito do projeto europeu *Heritage Within*, coordenado pela Universidade do Minho, em colaboração com instituições como o Conselho Superior de Investigações Científicas de Espanha (CSIC), a Universidade Politécnica de Madrid e o Conselho Nacional de Investigação de Itália, com financiamento do programa Europa Criativa da União Europeia.²⁵⁷ Esta ferramenta oferece reconstruções tridimensionais detalhadas da Igreja do Carmo, permitindo aos visitantes visualizar como o edifício era antes de se tornar ruína, além de explorar aspectos arquitetônicos e estruturais invisíveis a olho nu, como o interior das colunas e simulações dos efeitos de um sismo.²⁵⁸ A aplicação representa um esforço claro de digitalização do

²⁵⁷UNIVERSIDADE DO MINHO. *Detalhe do evento*. Disponível em: <https://www.uminho.pt/PT/siga-a-uminho/Paginas/Detailhe-do-evento.aspx?Codigo=58593&>. Acesso em: 23 abr. 2025.

²⁵⁸CULTURA NA IMPRENSA. *Antigo Convento do Carmo em Lisboa revelado em 3D*. 20 dez. 2021. Disponível em: <https://www.culturanaimprensa.apimprensa.pt/antigo-convento-do-carmo-em-lisboa-revelado-em-3d/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

património, promovendo uma compreensão mais profunda do passado e ampliando a acessibilidade ao conteúdo museológico, especialmente para públicos mais jovens ou com dificuldades de mobilidade.

Complementando essa aposta na inovação digital, o MAC também participa do projeto Universal Museum Guide (UMG), uma aplicação móvel desenvolvida pela empresa portuguesa Card4B/Beware. Esta plataforma permite que os museus configurem autonomamente os seus espaços, coleções e exposições, tanto permanentes quanto temporárias, gerando um guia multimédia acessível em smartphones e tablets. A aplicação oferece funcionalidades avançadas, como localização indoor, reconhecimento de imagem e conteúdos multimédia interativos, incluindo áudios, vídeos e descrições detalhadas das obras, proporcionando uma experiência de visita mais fluida e envolvente. Neste projeto, o MAC integrou-se a uma rede de instituições culturais de diferentes tipologias e regiões, como o Oceanário de Lisboa, o Museu da Carris, o Palácio da Bolsa do Porto, a Casa das Histórias Paula Rego, o Centro Português de Fotografia, o Museu do Carro Eléctrico e o Museu do Dinheiro do Banco de Portugal, formando um consórcio que reflete a crescente importância da inovação digital como vetor estratégico de mediação cultural.²⁵⁹

Assim, a reabertura do Museu Arqueológico do Carmo em 2001 não representou apenas uma restauração física, mas uma transformação institucional que reconfigurou a relação entre o espaço histórico e o público contemporâneo. Ao adotar estratégias inovadoras que conciliam conservação e acessibilidade, o MAC reafirma seu compromisso com a preservação e interpretação da memória histórica, sem negligenciar as exigências de um museu moderno. A integração de recursos tecnológicos e a adaptação cuidadosa dos espaços asseguram que, além de preservar a integridade do património, o museu permaneça relevante e envolvente para públicos diversos. A dimensão histórica do edifício não se reduz a uma evocação simbólica, mas é integrada ativamente à estratégia museológica, revelando como o passado continua a moldar a comunicação e as práticas institucionais do MAC. Compreendida a importância simbólica e patrimonial da Igreja do Carmo como parte indissociável da experiência museológica, torna-se fundamental analisar o conteúdo expositivo que esse espaço abriga.

3.3 Acervo, coleções e exposições temporárias

²⁵⁹ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. op. cit., p. 99.

Após compreender a identidade dual do Museu Arqueológico do Carmo, torna-se essencial explorar o seu conteúdo material. A análise do acervo, das coleções permanentes, dos objetos emblemáticos e das exposições temporárias não só revela o perfil institucional da instituição, mas também a evolução das práticas museológicas adotadas desde a sua fundação até o período de reabertura.

O acervo do MAC é um conjunto de grande relevância para a arqueologia portuguesa, refletindo a evolução das práticas arqueológicas e a diversidade de contextos históricos da cidade de Lisboa. Composto por objetos provenientes de escavações arqueológicas, doações particulares e transferências institucionais, o acervo abrange uma vasta cronologia e uma grande diversidade tipológica, que inclui esculturas, lápides, cerâmicas, ourivesaria, elementos arquitetônicos e objetos litúrgicos.

Este conjunto diversificado reflete mais de 150 anos de história institucional do museu. O processo de formação das coleções foi guiado por um espírito de salvaguarda do património histórico, com a incorporação de peças provenientes de escavações, doações e transferências de outros contextos institucionais. O acervo heterogêneo reflete tanto a amplitude temporal quanto a diversidade tipológica, além de evidenciar a ausência, no início, de uma política museológica sistemática.

Além das coleções permanentes, as exposições temporárias têm um papel central na dinâmica do museu, permitindo uma reinterpretação contínua do acervo e a integração de novos enfoques e contextos. Essas exposições são uma plataforma importante para a mediação cultural e a valorização do património. Com a reabertura do museu, a realização de exposições temporárias passou a se consolidar como uma prática regular e estratégica, abordando temas diversos e promovendo a participação ativa do público.

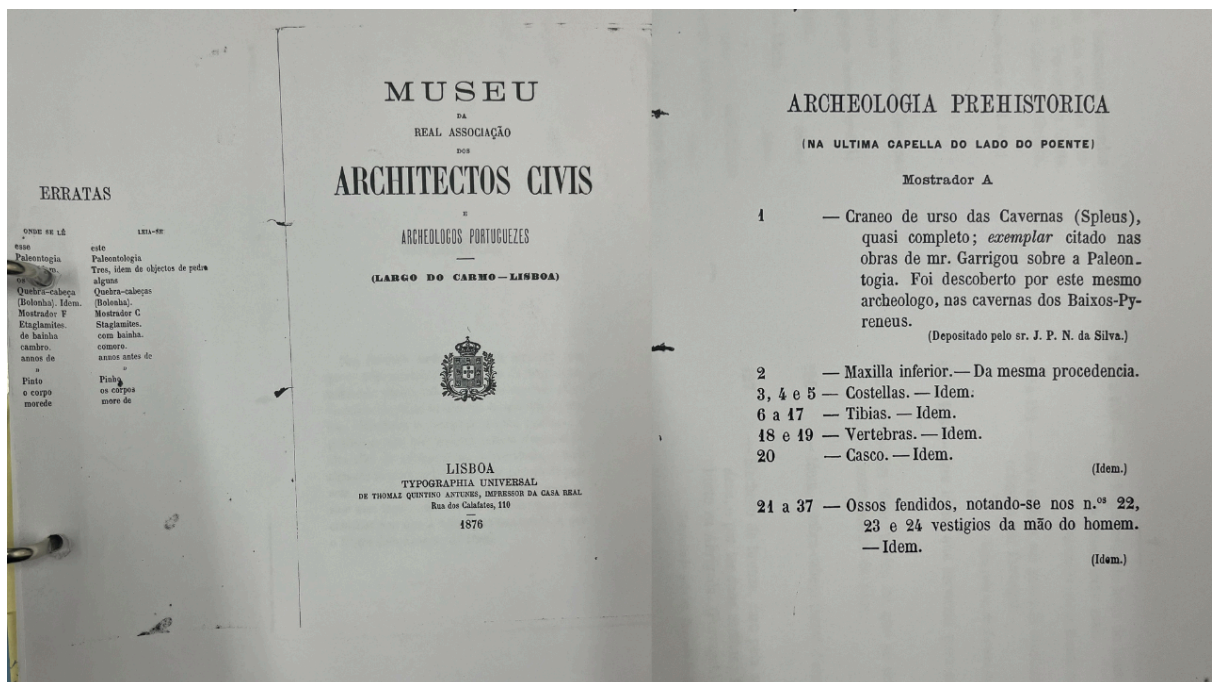
Através da evolução do acervo e da implementação de exposições temporárias, o MAC construiu uma identidade museológica que reflete as mudanças nas práticas arqueológicas e a adaptação a novas abordagens de mediação cultural. Nesse sentido, os próximos tópicos irão aprofundar a composição e a evolução do acervo, destacando itens emblemáticos e atrativos principais, além de explorar o papel das exposições temporárias como elemento central na construção de uma narrativa museológica dinâmica.

3.3.1 Composição do acervo e itens emblemáticos

Até a reabertura do Museu Arqueológico do Carmo, em 2001, não havia um catálogo ou inventário detalhado do acervo museológico. O único registro existente era um pequeno

guia elaborado por António Machado Faria, à época sócio, conservador do Arquivo Histórico e secretário-geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses. A primeira edição foi publicada em 1949 e o guia foi sucessivamente reeditado nos anos seguintes, com novas edições em 1954, 1957, 1961, 1968 e 1975.²⁶⁰ As primeiras tentativas de catalogação limitavam-se à simples listagens das peças pertencentes ao acervo do museu. O primeiro esboço do catálogo, elaborado em 1876, apresenta-se de forma sucinta, com cerca de 60 páginas e incluindo um total de 1.143 peças.²⁶¹ Uma nova versão, publicada em 1891, seguiu o mesmo modelo de listagem, mas com um aumento significativo no número de itens, totalizando 3.900 peças.²⁶² No entanto, esses catálogos se tornaram desatualizados, uma vez que muitas das peças listadas não fazem mais parte do acervo, enquanto novas peças já foram integradas ao longo do tempo, e o destino de algumas delas não é claramente documentado.

Figura 13: Cópia do primeiro catálogo do Museu Arqueológico do Carmo.



Fonte: Acervo da biblioteca do MAC, foto de autoria própria, 2025.

Apesar da Associação contar, na época, com dirigentes com formação acadêmica em museologia e experiência em museus estatais, não foi possível obter a colaboração desses profissionais no projeto de reformulação do MAC. A justificativa apresentada baseava-se em uma ideia purista de que seria necessário preservar “o museu de Possidónio”, um argumento

²⁶⁰ ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 10.

²⁶¹ ARNAUD; FERNANDES. *Construindo a Memória*, op. cit., p. 17.

²⁶² *Ibidem*, p.17.

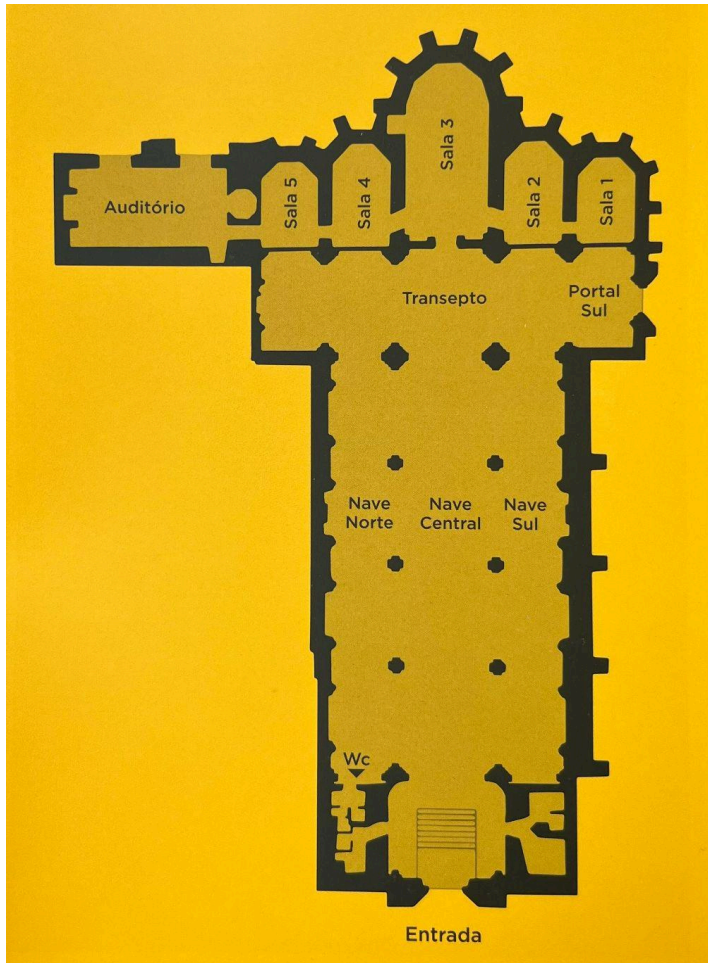
que, contudo, não se sustentava, visto que o espaço já havia passado por diversas remodelações ao longo dos anos, distanciando-se progressivamente da proposta original de seu fundador.²⁶³

Paralelamente ao desenvolvimento do novo projeto museográfico, iniciou-se um trabalho sistemático de inventariação preliminar do acervo, acompanhado por intervenções de conservação e restauro em grande parte das peças, muitas das quais apresentavam um avançado estado de deterioração no momento da sua incorporação ao museu.²⁶⁴ Com o processo de requalificação e reabertura oficial do MAC em 2001, a gestão do acervo passou por uma reformulação significativa. A inexistência de um inventário atualizado, somada à fragilidade material de diversas obras, exigiu a implementação de práticas museológicas mais rigorosas, incluindo a informatização dos registros, a aplicação de protocolos de conservação preventiva e a reorganização dos núcleos expositivos com base em critérios de coerência temática e comunicacional. A planta museológica atualmente em vigor reflete essas transformações, ao dispor as peças de forma a articular a leitura cronológica com a valorização da arquitetura histórica do edifício.

Figura 14: Planta do Museu Arqueológico do Carmo, 2019.

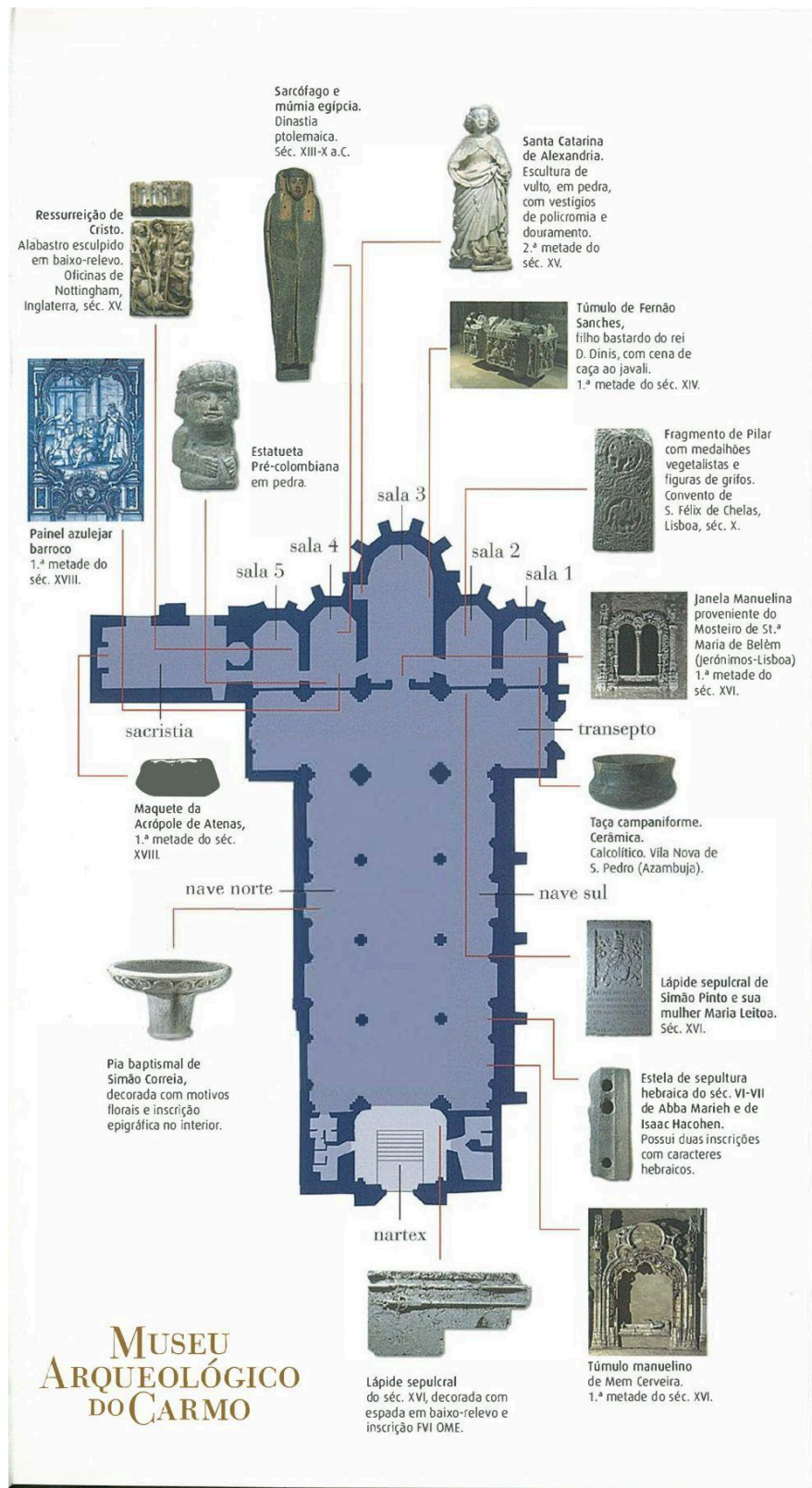
²⁶³ ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 10.

²⁶⁴ ARNAUD; FERNANDES. *Construindo a Memória*, op. cit., p. 14-15.



Fonte: ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo, 2019. Imagem extraída da orelha do livro.

Figura 15: Planta do Museu Arqueológico do Carmo, 2002.



Fonte: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Roteiro da Exposição Permanente: Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2002. Imagem extraída da orelha do livro.

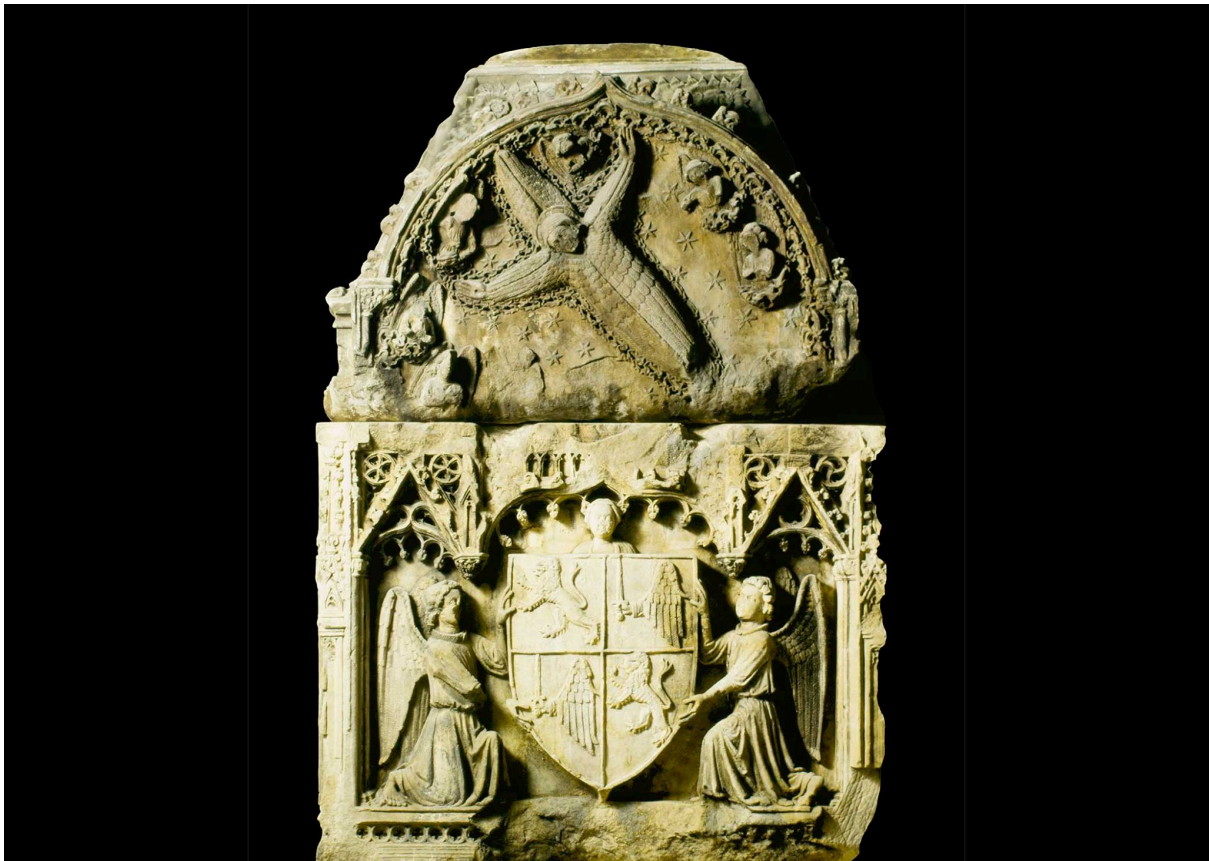
A maioria do acervo do Museu Arqueológico do Carmo teve entrada ainda no século XIX, e deve-se em grande parte à atuação de Possidónio da Silva, e do seu sucessor, o Conde de São Januário.²⁶⁵ Como contributos de Possidónio da Silva, destacam-se a criação da biblioteca histórica do Museu Arqueológico do Carmo, que inclui obras de arqueologia, história da arte, arquitetura, entre outras áreas, constituindo-se como uma parte integrante do museu. A sua gestão propiciou a incorporação de importantes peças de escultura medieval e moderna, como fragmentos de arquitetura, monumentos funerários, painéis de azulejos, brasões e outros itens de interesse histórico-artístico e arqueológico.

Entre as aquisições importantes está o túmulo de D. Fernando I, encontrado no Convento de São Francisco de Santarém, onde, na época, era utilizado como bebedouro para cavalos. Transferido para o MAC em 1875, a arca tumular já apresentava mutilações causadas por atos de vandalismo durante as Invasões Francesas e no contexto da extinção das Ordens Religiosas em 1834. Executado entre 1380 e 1382, o túmulo destaca-se pela inovação iconográfica, com especial ênfase na heráldica das linhagens reais e na elevada qualidade plástica de seus elementos escultóricos.²⁶⁶

**Figura 16: Arca tumular de D. Fernando I. Calcário. C.1380-1382. Inv. N° MAC/Esc.74.
Localizado na sala 3 do MAC.**

²⁶⁵ARNAUD, José. *Roteiro da Exposição Permanente*, op. cit., p. 7.

²⁶⁶ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 93-98.



Fonte: Facebook do Museu Arqueológico do Carmo. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=10159496022011411&set=a.300864656410> acesso em 13 de maio de 2025.

Localizado na mesma sala do MAC, também se destaca o túmulo de D. Fernão Sanches, datado do século XIV, cuja ornamentação escultórica e qualidade artística o tornam uma peça notável da tumulária medieval portuguesa. Proveniente da Capela do Rosário de Nossa Senhora da Oliveira, anexa ao antigo Convento de São Domingos de Santarém, a arca foi incorporada ao acervo do Museu Arqueológico do Carmo em 1866. A transferência foi realizada por Possidónio da Silva, que a encontrou durante uma de suas viagens pelo Ribatejo, com o intuito de resgatar bens patrimoniais em risco de destruição.²⁶⁷

Durante a gestão do Conde de São Januário, destacaram-se as aquisições de uma coleção de cerâmicas e múmias pré-colombianas, que viriam a tornar-se peças de grande valor e representatividade no acervo do museu. Ilustre militar e diplomata, o Conde desempenhou funções na Ásia e nas Américas, reunindo, durante suas estadias no Peru e no México, um conjunto significativo de antiguidades e objetos etnográficos. Essa coleção foi exposta no museu em 1880, tendo como núcleo central duas múmias peruanas, atribuídas ao

²⁶⁷ ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 87-91.

século XVI e associadas à cultura Chancay, acompanhadas de objetos que possivelmente foram enterrados junto a elas. Além desses elementos, a coleção inclui vasos cerâmicos provenientes do Peru e estatuetas de divindades da tradição asteca, oriundas do México.²⁶⁸

Ao lado da coleção pré-colombiana, na sala 4 do museu, encontra-se o sarcófago com múmia egípcia. Segundo o Guia do Museu Arqueológico do Carmo, essa peça destaca-se não tanto pelo seu valor artístico ou científico, mas por testemunhar os primórdios da instituição e da associação que lhe deu origem, num contexto ainda fortemente influenciado pelo espírito dos gabinetes de curiosidades.²⁶⁹ Após uma intervenção recente de conservação, o egiptólogo Luís Araújo atribuiu o exemplar à Época Baixa ou ao período Ptolemaico, classificação que foi posteriormente confirmada por datação por radiocarbono.²⁷⁰

As múmias do MAC são frequentemente apontadas como um dos principais atrativos para o público infantil. Relatos de visitas escolares indicam que essas peças despertam grande fascínio entre os alunos. Em uma dessas visitas, foi destacado que “foram as múmias que mais impressionaram os nossos alunos.”²⁷¹

A presença e a exposição destas múmias, contudo, não são isentas de problematização. Como debatido anteriormente na seção 1.3, os museus de arqueologia encontram-se historicamente inseridos em processos de apropriação, patrimonialização seletiva e construção de narrativas a partir de relações de poder. Embora o Museu Arqueológico do Carmo não tenha constituído o seu acervo por meio de expedições coloniais institucionais, a incorporação de restos humanos provenientes do Peru e do Egito inscreve-se num contexto oitocentista em que a circulação de antiguidades era frequentemente dissociada das comunidades de origem e dos seus significados culturais e funerários. A musealização de corpos humanos, sobretudo quando apresentados como objetos de curiosidade ou como elementos de forte apelo junto ao público infantil, levanta hoje questões éticas relevantes, relacionadas com o respeito pelos mortos, com o consentimento das comunidades descendentes e com os enquadramentos interpretativos adotados. Neste sentido, à luz das discussões contemporâneas sobre descolonização e revisão crítica dos discursos museológicos, importa interrogar de que modo estas peças são contextualizadas, que narrativas são privilegiadas na sua apresentação e se o fascínio que suscitam é acompanhado por uma mediação que problematize as condições históricas da sua recolha e exibição.

²⁶⁸*Ibidem*, p. 119-123.

²⁶⁹*Ibidem*, p. 126.

²⁷⁰*Ibidem*, p. 125-126.

²⁷¹AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CERCAL DO ALENTEJO. As turmas do 7.º e 8.º anos visitaram o Quake – Museu do Terramoto de Lisboa e o Museu Arqueológico do Carmo. 9 maio 2024. Disponível em: <https://agvcercal.edu.gov.pt/site/tag/visita-a-lisboa/>. Acesso em: 13 maio 2025.

A centralidade das múmias enquanto atrativo museológico convoca questões éticas e políticas que não podem ser ignoradas. No caso específico das múmias pré-colombianas do MAC, importa reconhecer que se trata de restos humanos provenientes de contextos coloniais de recolha e circulação de objetos. Conforme argumenta Rui Gomes Coelho, a arqueologia é “intrinsecamente colonial no sentido em que depende de práticas de extração e acumulação, assim como da validação de uma determinada narrativa hegemónica sobre o passado.”²⁷² Ainda que a aquisição das múmias pelo Conde de São Januário se tenha dado no circuito do colecionismo oitocentista, tal prática insere-se num sistema mais amplo de circulação desigual de bens culturais oriundos de territórios marcados pela colonialidade do saber.

O próprio autor utiliza o Museu Arqueológico do Carmo como exemplo para problematizar a naturalização da exposição de restos humanos, referindo-se a práticas expositivas e performativas associadas às múmias enquanto dispositivos de atração pública. Ao questionar o modo como esses corpos são mobilizados no discurso museológico, Coelho chama atenção para o risco de se reproduzir uma lógica de exotização e objetificação do “outro”, particularmente quando a mediação privilegia o impacto visual e emocional em detrimento de uma contextualização crítica.²⁷³ Nesse sentido, a identificação das múmias como atrativo para o público infantil, ainda que compreensível do ponto de vista comunicacional, deve ser analisada à luz dessa herança epistemológica. No ponto de vista do autor, “não há nenhuma razão legítima para a exposição pública de restos humanos quando esta pode ser substituída por narrativas escritas ou faladas, ou por representações gráficas”,²⁷⁴ sublinhando que a musealização de corpos pressupõe uma ruptura com as expectativas funerárias originais, uma vez que “nenhuma pessoa encarou a sepultura com a expectativa de ser extraída, analisada ou exposta”.²⁷⁵

À luz dessas considerações, a presença das múmias no MAC não deve ser entendida apenas como testemunho histórico da formação do acervo ou como recurso pedagógico eficaz, mas também como ponto de inflexão crítico que evidencia as tensões entre tradição museológica, ética contemporânea e demandas por descolonização. Impõe-se, portanto, questionar não apenas a legitimidade da posse, mas também os enquadramentos discursivos que sustentam sua exibição, incorporando no próprio espaço museográfico uma reflexão explícita sobre as condições históricas de recolha, circulação e exposição desses corpos. Esse

²⁷²COELHO, Rui Gomes. Como descolonizar a arqueologia portuguesa? In: ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea (Coord.). *Arqueologia em Portugal 2020: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses / CITCEM, 2020. p.25.

²⁷³*Ibidem*, p. 32.

²⁷⁴*Ibidem*, p. 33.

²⁷⁵*Ibidem*, p. 32.

olhar crítico, iniciado a partir das múmias pré-colombianas, permite também contextualizar a incorporação de múmias egípcias e de outras antiguidades orientais ao acervo do MAC, cuja formação se insere em um panorama europeu marcado pelo fascínio orientalista do século XIX.

Passando às múmias do Egito, é possível situá-las num panorama histórico e cultural específico. A incorporação de antiguidades egípcias e mesopotâmicas ao acervo do MAC insere-se num contexto mais amplo de fascínio orientalista que marcou a cultura europeia oitocentista. Como demonstra Ana Cristina Martins,²⁷⁶ o interesse pelo Antigo Egito intensifica-se em Portugal na segunda metade do século XIX, articulando-se tanto ao racionalismo positivista quanto ao imaginário romântico que via nessas civilizações uma combinação de mistério, monumentalidade e decadência histórica.²⁷⁷ A formação dessas coleções no MAC não resultou de um projeto arqueológico sistemático conduzido pelo Estado português, mas antes de redes pessoais e diplomáticas mobilizadas por Possidónio da Silva, num cenário em que a circulação de moldes, reproduções e objetos originais refletia a dinâmica competitiva entre museus europeus.²⁷⁸

Nesse sentido, a presença de artefatos orientais no MAC deve ser compreendida não apenas como ampliação tipológica do acervo, mas como expressão de um desejo de inserção do museu numa narrativa universal da civilização, alinhada aos modelos internacionais então em consolidação. Como observa Martins, as antiguidades “prestigiam quem as possui, as exhibe e as protege”,²⁷⁹ evidenciando que a musealização desses objetos também respondia a uma lógica de afirmação científica e simbólica. Essa dimensão simbólica da posse e da exibição não se limita, contudo, às coleções provenientes do exterior. A própria história do edifício e do espólio da Igreja do Carmo revela que o acervo do museu foi constituído também por meio de processos de deslocamento, dispersão e recomposição patrimonial no contexto nacional.

Como mencionado na seção 2.1, a autora e conservadora do museu, Célia Pereira, realizou uma investigação para localizar o paradeiro de 50 peças que, originalmente, pertenciam à Igreja do Carmo e que, após o terremoto de 1755, foram deslocadas para diferentes instituições, incluindo outros museus portugueses e igrejas. É importante ressaltar

²⁷⁶MARTINS, Ana Cristina. Coleccionando antiguidades. O Antigo Egito e a Mesopotâmia no Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa, Portugal). In: BRAGE MARTÍNEZ, Lucía; MONTERO FENOLLÓS, Juan-Luis (Orgs.). *El Próximo Oriente antiguo y el Egipto faraónico en España y Portugal: viajeros, pioneros, coleccionistas, instituciones y recepción*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2020. *Monographica Orientalia*, v. 13, p. 271-287.

²⁷⁷*Ibidem*, p. 271-273.

²⁷⁸*Ibidem*, p. 274-276.

²⁷⁹*Ibidem*, p. 283.

que, originalmente, a Igreja do Carmo possuía um espólio artístico consideravelmente mais amplo, o qual foi disperso ao longo do tempo. Embora essas peças tenham sido parte integrante do acervo da igreja, muitas delas nunca integraram o acervo do Museu Arqueológico do Carmo, visto que foram perdidas ou realocadas antes mesmo da fundação e inauguração do museu.

Entre as peças sobreviventes, que pertencem ao antigo espólio da Igreja do Carmo, o Museu Arqueológico do Carmo preserva alguns importantes exemplos de arte sacra, representando figuras centrais da iconografia carmelita. Um dos destaques é o núcleo escultórico composto por quatro grandes esculturas dos evangelistas: São Marcos, São Lucas, São Mateus e São João Evangelista. Essas peças, provavelmente provenientes da capela-mor da igreja, onde testemunhos indicam a presença de esculturas em talha dourada dedicadas a esses santos, estão atualmente expostas na sala 5 do museu.²⁸⁰

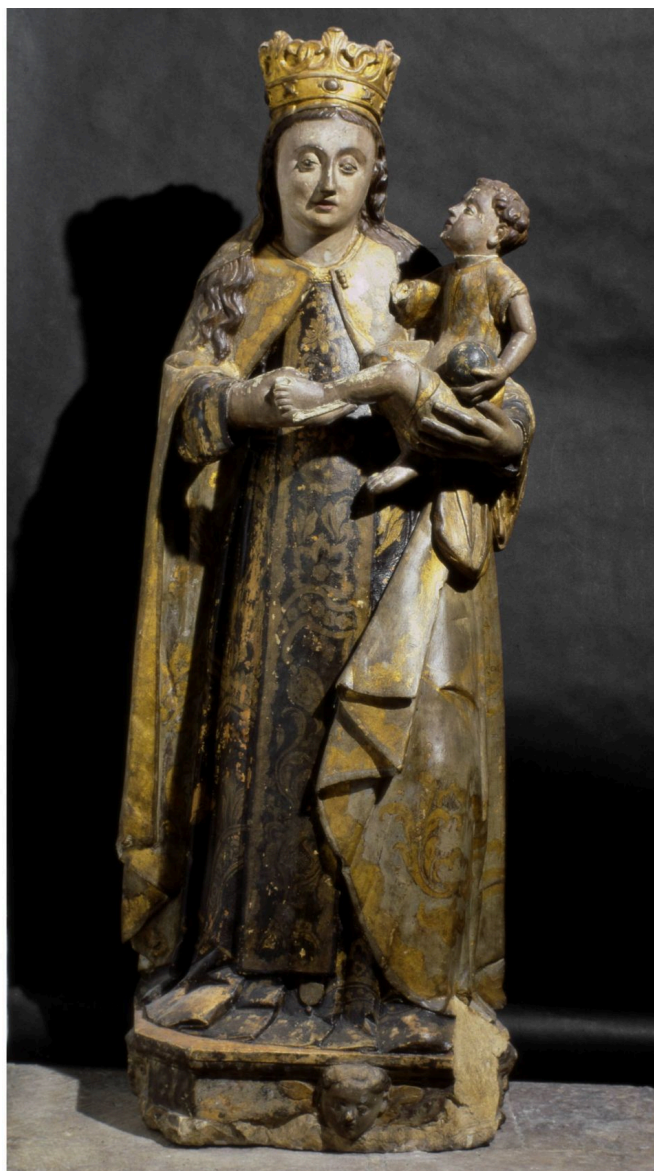
Além disso, a imagem de Nossa Senhora do Carmo com o Menino no colo, uma das raras peças sobreviventes da antiga igreja carmelita, permanece como um símbolo da relação da ordem com a Virgem.²⁸¹ O acervo inclui também imagens de Santo Elias e São João da Cruz, figuras centrais para a espiritualidade carmelita, que, conforme indícios, sobreviveram ao cataclismo de 1755 e ao incêndio subsequente. Essas imagens apresentam marcas de queimaduras nas partes inferiores de suas vestes, confirmando sua relação com o evento.²⁸² Tanto a imagem da Virgem quanto as de Santo Elias e São João da Cruz estão atualmente expostas na sala 3 do museu.

Figura 17: Nossa Senhora do Carmo. Calcário. Século XVI. Inv. N° MAC/Esc.499. Localizada na sala 3 do MAC.

²⁸⁰ ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 129-131.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 103.

²⁸² *Ibidem*, p. 105.



ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo, 2019, p. 104. Foto por José Pessoa.

Antes da criação do Museu de Lisboa, o MAC desempenhou um papel central na preservação dos achados arqueológicos em Lisboa, enriquecendo seu acervo e contribuindo para a formação da identidade do museu, em especial na preservação e exibição de peças de grande valor histórico e cultural.²⁸³ O museu foi responsável por acolher e dar visibilidade a importantes descobertas arqueológicas realizadas na cidade, muitas das quais foram essenciais para a compreensão da história de Lisboa. Além disso, sua atuação contribuiu para a organização e sistematização do património arqueológico de Lisboa, criando um marco no desenvolvimento da museologia e da arqueologia no país.

²⁸³GOMES, *Projeto de Musealização*, op. cit., p. 633.

Uma parte significativa do acervo do Museu Arqueológico do Carmo é composta pelos achados provenientes das escavações de Vila Nova de São Pedro, realizadas entre 1936 e 1966 pela Associação dos Arqueólogos Portugueses.²⁸⁴ Esses vestígios arqueológicos, provenientes de um importante sítio do período Calcolítico e da Idade do Bronze, desempenham um papel fundamental na compreensão da ocupação humana pré-histórica na região de Lisboa e no desenvolvimento das comunidades da época. O conjunto, com cerca de 1200 peças, inclui artefatos em pedra, osso, cerâmica e metal, abrangendo desde utensílios cotidianos até vestígios funerários, que refletem práticas culturais e sociais das populações antigas.²⁸⁵ A coleção resultante dessas escavações encontra-se organizada nas vitrinas da sala 1 do museu, que é predominantemente ocupada por esse conjunto.

O cenotáfio de D. Maria Ana de Áustria, apesar de ser uma reconstituição parcial, é considerado um dos mais notáveis conjuntos escultóricos barrocos do MAC. Originalmente instalado no Hospício de São João Nepomuceno, por vontade da própria rainha, que mantinha forte ligação com a congregação dos carmelitas ali estabelecida, o túmulo era composto por uma arca de mármore negro, assentando sobre dois leões e encimada por *putti* que seguravam a coroa real, acompanhados de alegorias à morte. Das peças originais, esculpidas por Joaquim Machado de Castro, conservam-se os leões e os anjos, que ingressaram no acervo do museu em 1876 e chegaram a ser apresentados na Exposição Universal de Paris. Durante as obras de remodelação do museu, foi encomendada ao escultor Carlos Soares uma réplica da arca tumular em madeira, baseada em desenho do próprio Machado de Castro, permitindo a reintegração dos elementos originais após intervenção de conservação e limpeza.²⁸⁶

Figura 18: Reconstituição do Túmulo original de D. Maria Ana de Áustria. Madeira e mármore. 1781-82. Inv. N° MAC/Esc.84-85. Localizada na sala 3 do MAC.

²⁸⁴ ARNAUD, José. *Roteiro da Exposição Permanente*, op. cit., p. 7.

²⁸⁵ ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 59-61.

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 109-111.



Fonte: ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo, 2019, p. 110. Foto por José Pessoa.

Além desses contributos, destaca-se a intervenção de Fernando Rodrigues Ferreira, cujas ações nas escavações de salvamento do edifício realizadas em 1996 resultaram na identificação da sepultura original de Nuno Álvares Pereira, situada na antiga capela-mor, atualmente correspondente à sala 3 do museu.²⁸⁷ O Condestável faleceu em 1431, na sua cela no Convento do Carmo de Lisboa, e foi sepultado, conforme sua vontade, em campa rasa no presbitério, do lado da Epístola. Posteriormente, em 1548, por ordem de D. João III, seus restos mortais foram trasladados para o lado do Evangelho, considerado mais nobre, onde permaneceram até o terramoto de 1755.²⁸⁸ Durante as escavações também foi encontrado o selo de uma bula papal concedida por Bonifácio IX, conforme mencionado anteriormente na seção 2.1 deste trabalho.

A composição do acervo do Museu Arqueológico do Carmo resulta, portanto, de um processo cumulativo, condicionado por decisões institucionais, iniciativas individuais e circunstâncias históricas específicas. Desde as primeiras incorporações feitas por Possidónio da Silva até as requalificações contemporâneas, o museu consolidou um acervo heterogêneo, que combina peças de relevância arqueológica, artística e simbólica. Os núcleos expositivos atuais não apenas refletem a diversidade temporal e geográfica das coleções, mas também evidenciam o esforço de reorganização museológica empreendido nas últimas décadas, que procurou equilibrar a valorização patrimonial com estratégias de mediação e acessibilidade ao público. O MAC configura-se, assim, como um espaço em constante construção, onde o acervo não apenas preserva memórias do passado, mas também dialoga com o presente e projeta novos sentidos para o futuro da instituição.

3.3.2 Exposições temporárias e sua relevância estratégica

As exposições temporárias tornaram-se um dos pilares da política museológica do Museu Arqueológico do Carmo desde a sua reabertura em 2001. Embora já ocorressem anteriormente, como no caso da *Exposição Olisiponense* de 1914, que procurou apresentar a história de Lisboa por meio de vestígios arqueológicos, artísticos e culturais, essas iniciativas no século XX eram esporádicas e frequentemente limitadas em escopo. Foi apenas no período após 2001 que se consolidou uma prática expositiva regular, com uma programação mais

²⁸⁷ ARNAUD, José. *Roteiro da Exposição Permanente*, op. cit., p. 9-10.

²⁸⁸ ARNAUD; PEREIRA. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. op. cit., p. 83-84.

diversificada, estratégica e alinhada aos objetivos de mediação cultural e valorização patrimonial.

Pensadas como ferramentas para a renovação constante do discurso expositivo, elas têm desempenhado um papel estratégico na dinamização da programação cultural do museu e na ampliação de seu alcance junto a públicos diversos. As temáticas abordadas nas últimas duas décadas revelam uma clara preocupação em articular diferentes temporalidades, escalas geográficas e campos disciplinares. Muitas dessas mostras resultaram de colaborações com universidades, centros de investigação, autarquias e outras instituições culturais, reforçando a vocação do museu como espaço de cooperação e difusão do conhecimento. Desde sua reabertura, estas exposições têm servido como plataformas para explorar novas narrativas, estabelecer diálogos entre o passado e o presente, e reforçar a identidade do museu como um espaço vivo e em constante evolução.

Entre os exemplos mais recentes, destacam-se duas exposições temporárias acompanhadas durante o estágio curricular na instituição, incluindo as etapas de montagem e inauguração. A primeira delas, intitulada *Convento do Carmo, de Moura a Lisboa*, foi aberta ao público em novembro de 2024 no Museu Arqueológico do Carmo, em parceria com a Associação dos Arqueólogos Portugueses e as investigadoras Rute Silva e Vanessa Gaspar, responsáveis pelo projeto arqueológico em curso no Convento do Carmo de Moura. A mostra apresentou uma seleção de peças descobertas nas campanhas de escavação realizadas entre 2021 e 2022, como fragmentos cerâmicos e vestígios do quotidiano, que testemunham a ocupação do espaço antes da fundação conventual e durante a vivência monástica. Embora as peças representem apenas uma amostragem do espólio arqueológico recolhido, elas permitiram aos visitantes vislumbrar a evolução histórica do convento de Moura e a importância deste como Casa Mãe da Ordem do Carmo em Portugal. A exposição estabeleceu um vínculo simbólico com o Convento do Carmo de Lisboa, permitindo ao público reconhecer as continuidades e singularidades na história das fundações carmelitas. Nesse sentido, a mostra reforça a relevância da arqueologia monástica como campo de investigação histórica e patrimonial, ao mesmo tempo em que evidencia o potencial de colaborações entre projetos arqueológicos regionais e instituições museológicas de referência para promover uma leitura ampliada e descentralizada do passado religioso e cultural do país.

No contexto do MAC, esta exposição se alinha perfeitamente à sua missão de preservação e divulgação do património arqueológico, ao integrar descobertas recentes no campo da arqueologia com a interpretação do seu acervo permanente. Ao estabelecer uma relação direta com o Convento do Carmo de Lisboa, um marco histórico do próprio espaço

museológico, a exposição contribuiu para um aprofundamento da narrativa do MAC, ampliando as perspectivas sobre a história religiosa e cultural de Portugal, e enriquecendo a compreensão do papel central do museu na valorização do património religioso e monástico.

Figura 19: Exposição *Convento do Carmo, de Moura a Lisboa*.



Fonte: Instagram do Museu Arqueológico do Carmo, disponível em:

https://www.instagram.com/p/DDCDTOXpcSJ/?img_index=2 acesso em 19 de dezembro de 2024.

A exposição *Por Este Côa Acima!*, também acompanhada durante o estágio curricular, foi desenvolvida em parceria com a Fundação Côa Parque. Inaugurada em 2024, a mostra celebrou os 30 anos da divulgação pública da Arte Rupestre do Vale do Côa, um dos maiores conjuntos de arte pré-histórica ao ar livre da Europa. A exposição trouxe uma seleção de imagens representativas da arte rupestre da região, destacando a riqueza e a complexidade das manifestações artísticas do período Paleolítico. Um dos principais atrativos da exposição foi a recriação de uma cabana paleolítica, na qual os visitantes podiam entrar e experimentar uma reconstrução da vida cotidiana dos primeiros habitantes da região. A cabana foi equipada com itens paleolíticos, como ferramentas de pedra e utensílios utilizados pelas comunidades dessa época. Essa recriação proporcionou aos visitantes uma imersão prática e visual na época pré-histórica, tornando-a em um aprendizado tangível e envolvente. A exposição contribuiu para a renovação das narrativas do museu, incorporando discussões contemporâneas sobre memória, identidade e preservação. Ao trazer à tona a importância da

arte rupestre no contexto cultural português e no cenário global da arqueologia, *Por Este Côa Acima!* não só enriqueceu a programação do museu, mas também fortaleceu sua função educativa e de mediação cultural, consolidando sua posição na valorização do patrimônio pré-histórico.

Figura 20: Reconstituição de uma cabana paleolítica, exposição *Por este Côa Acima!*.



Fonte: Autoria própria, 2024.

A diversidade temática das exposições temporárias reflete a intenção do Museu Arqueológico do Carmo em explorar múltiplas dimensões do património cultural, estabelecendo pontes entre passado e presente. Um exemplo representativo dessa abordagem é a exposição *O Sagrado e o Profano*, do escultor Rogério Timóteo, realizada entre junho e julho de 2024 no Museu Arqueológico do Carmo, que introduziu uma abordagem simbólica e estética centrada na dualidade entre espiritualidade e corporeidade. Composta por esculturas de grande escala em materiais como ferro e resina, a mostra estabeleceu um diálogo sensível entre a escultura contemporânea e o ambiente histórico das ruínas do antigo convento carmelita. A disposição das obras no espaço museológico explora contrastes formais e conceituais entre o sagrado e o profano, contribuindo para uma leitura mais complexa das

tensões simbólicas presentes tanto no acervo do museu quanto na arquitetura que o abriga. Ao apostar numa linguagem artística contemporânea centrada na expressão humana, a exposição ampliou a diversidade do programa expositivo do MAC e reforçou sua vocação para integrar distintas formas de criação, atraindo públicos variados e fortalecendo a conexão entre o passado patrimonial e a produção cultural atual.

Figura 21: Escultura Ícaro de Rogério Timóteo, no Museu Arqueológico do Carmo.



Fonte: Wikipedia. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=20214604>

Acesso em 05 de maio de 2025.

A exposição *Entre-Passados*, do artista Simão Martinez, foi realizada entre novembro de 2022 e fevereiro de 2023. A mostra integrou mais de uma dezena de obras que ativaram um diálogo com os mais de 600 anos de história do edifício, evocando o legado espiritual e simbólico do antigo convento carmelita. As peças, que incluíam elementos escultóricos e audiovisuais, foram concebidas para interagir com a arquitetura conventual e o acervo arqueológico presente no museu, criando uma atmosfera de contemplação que interpelava o visitante a partir de temas como silêncio, fé, ruína e permanência.²⁸⁹ Ao integrar a linguagem

²⁸⁹MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO. *Entre-Passados*. 2022. Disponível em: https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/agenda_cultural/2022/11/entrepassados.html? Acesso em: 5 maio 2025.

da arte contemporânea no espaço museológico, *Entre-Passados* evidenciou o papel estratégico das exposições temporárias na reinterpretação do passado e na renovação da experiência do público, ao mesmo tempo em que reforçou o potencial do MAC como lugar de cruzamento entre memória, criação artística e reflexão patrimonial.

No esforço de ampliar e renovar sua programação cultural, o MAC tem promovido exposições de arte contemporânea que exploram o potencial expressivo do edifício histórico, estabelecendo um diálogo entre as obras apresentadas e a arquitetura que as abriga, integrando-as num contexto artístico renovado. Além disso, ao incorporar exposições de arte contemporânea, o museu amplia a diversidade artística presente no seu programa expositivo e atrai novos públicos, contribuindo para a dinamização e maior acessibilidade do espaço museológico. Com isso, o museu atrai diferentes perfis de visitantes, estimula a valorização da arte contemporânea portuguesa e contribui para a atualização da imagem do seu espaço expositivo.

O MAC também participa de exposições temporárias realizadas em outras instituições, cedendo algumas de suas peças mais emblemáticas. Entre essas colaborações destacam-se a exposição *711* (2012), realizada no Museu Regional de Madrid, bem como as mostras *Freguesias de Lisboa: passado e futuro* (2013), organizada pela Câmara Municipal de Lisboa e apresentada na Praça do Município, e *Arquitecturas – testemunhos islâmicos em Portugal* (2013-2014), realizada no Castelo de São Jorge, em Lisboa, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito do Prémio Aga Khan de Arquitetura. Além disso, o museu contribuiu para a exposição permanente do Lisbon Story Center, disponibilizando as ruínas do Carmo para a filmagem de reconstituições dramatizadas do terremoto de 1755, ampliando a visibilidade do seu acervo e sua presença cultural.²⁹⁰

A participação em exposições temporárias externas reveste-se de importância estratégica para o MAC, na medida em que viabiliza a circulação e divulgação do seu acervo a públicos diversos, para além dos limites físicos do museu, ampliando, consequentemente, seu alcance cultural e sua visibilidade institucional. Estas parcerias fomentam, ainda, o estabelecimento e o fortalecimento de redes colaborativas com outras instituições, promovendo o intercâmbio de saberes e a troca de práticas museológicas. A inserção do acervo em contextos variados contribui para a valorização e reinterpretação das peças.

A estratégia de programação do MAC evidencia uma abordagem curatorial que valoriza tanto a preservação do património quanto a inovação e a contemporaneidade. Ao

²⁹⁰ ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. op. cit., p. 99.

integrar exposições temporárias que dialogam com a coleção permanente e com a arquitetura do espaço, o museu reforça o seu compromisso com a educação patrimonial e com a promoção de uma cidadania cultural ativa. Após sua reabertura, o MAC tem utilizado as exposições temporárias como uma ferramenta central para afirmar sua identidade institucional, reposicionar-se no panorama museológico nacional e ampliar sua relevância cultural. Ao longo das últimas décadas, estas iniciativas permitiram não apenas diversificar as temáticas abordadas e renovar continuamente o discurso museológico, mas também consolidar o museu como um espaço dinâmico, de diálogo interdisciplinar e de aproximação com distintos segmentos do público. A aposta numa programação temporária variada e estrategicamente orientada tem sido fundamental para ativar o potencial do museu como agente de mediação entre passado e presente, entre tradição e inovação, promovendo a valorização do património arqueológico em articulação com os desafios e sensibilidades contemporâneas. Neste contexto, a riqueza do acervo, das coleções permanentes e das exposições temporárias ganha novo alcance quando articulada com as estratégias de comunicação que o museu tem vindo a implementar desde 2001.

3.4 Estratégias de comunicação e divulgação

A partir de 2001, o Museu Arqueológico do Carmo passou por uma transformação estratégica que não se limitou à reorganização de seu acervo ou à requalificação arquitetónica do espaço, mas incluiu também uma reformulação das suas formas de comunicar, interagir e se posicionar perante a cidade e o público. Este momento representa uma importante mudança na trajetória institucional do museu, que passou de uma abordagem predominantemente tradicional e focada na preservação para uma atuação cultural mais ampla, participativa e dinâmica. Com efeito, o MAC passou a ser entendido não apenas como um guardião do passado, mas como um agente ativo no presente cultural de Lisboa, capaz de fomentar o diálogo entre património, investigação, criação contemporânea e participação.

As estratégias de comunicação e divulgação desenvolvidas ao longo das duas últimas décadas têm como base uma compreensão expandida da missão museológica, que incorpora práticas educativas, ações de mediação cultural, parcerias institucionais e uma abertura crescente a públicos diversificados. Por meio da articulação entre inovação comunicativa, reforço da identidade institucional e ampliação dos canais de diálogo com a sociedade, o museu tem conseguido consolidar uma imagem mais acessível, próxima e relevante. A riqueza do acervo, das coleções permanentes e das exposições temporárias ganha novo

alcance quando articulada com estas estratégias, que visam não apenas divulgar o património, mas ativá-lo como ferramenta de aproximação social, reflexão crítica e valorização cultural.

3.4.1 O marco de 2001 e a redefinição institucional

A reabertura do Museu Arqueológico do Carmo em 2001 funcionou como um catalisador para uma série de intervenções integradas, voltadas à reorganização e valorização do acervo, bem como à modernização do espaço expositivo. Logo após essa data, a exposição permanente foi totalmente remodelada: as peças passaram a ser apresentadas em núcleos cronológicos e temáticos, o percurso expositivo recebeu novas vitrines e expositores, a iluminação foi atualizada e diversas peças foram restauradas, conforme detalhado na seção anterior. Essa revisão museográfica não apenas valorizou o conjunto da exposição, mas também aprimorou a experiência do visitante, tornando a leitura do acervo mais clara, atrativa e acessível a públicos variados. Essa renovação também marcou uma virada estratégica na atuação do museu, com a adoção de práticas comunicacionais mais acessíveis e contemporâneas, que contribuíram para ampliar sua visibilidade, fortalecer o vínculo com diferentes públicos e consolidar seu papel na paisagem cultural de Lisboa.

Esse novo posicionamento envolveu não apenas a atualização dos suportes e conteúdos comunicacionais, mas também uma reinterpretação da missão institucional, que passou a valorizar o museu como espaço dinâmico de vivência e valorização do património cultural e educativo. Ao estimular a participação ativa da comunidade e fortalecer o diálogo com outras instituições culturais, o MAC consolidou sua presença nas dinâmicas culturais locais e em redes de colaboração multidisciplinar. A comunicação passou a atuar como ferramenta estratégica tanto para o engajamento social quanto para a sustentabilidade da instituição.

Em um movimento de expansão, implementou-se um conjunto de suportes de divulgação, como a livraria e loja do museu. Esses recursos exercem um papel estratégico na comunicação ao prolongar a experiência do visitante para além da visita propriamente dita. A livraria e a loja disponibilizam publicações especializadas, catálogos e objetos inspirados nas coleções, funcionando como extensões simbólicas do museu e permitindo que o público leve consigo fragmentos da narrativa expositiva, o que reforça o vínculo emocional e intelectual com o acervo. A seleção cuidadosa desses produtos, fruto da colaboração entre curadoria e marketing, garante a coerência com os temas das exposições e consolida a missão educativa da instituição. Do ponto de vista da promoção e divulgação, as lojas de museu ainda

desempenham um papel significativo ao expor o nome, o logotipo e a marca do museu em uma variedade de produtos, contribuindo para o reconhecimento da instituição dentro e fora de suas instalações.

Os roteiros impressos e as brochuras temáticas, ali comercializados, atuam como ferramentas de mediação cultural. Oferecendo percursos de leitura diversificados e interpretações complementares, esses materiais incentivam o visitante a explorar o conteúdo de forma autônoma e reflexiva. Ao servirem também como recursos educativos fora do espaço expositivo, estendem o alcance do conhecimento produzido pelo MAC e fortalecem o processo de aprendizagem informal.

Acompanhando as transformações no panorama museológico, o MAC inaugurou seu site institucional, que se estabelece como uma plataforma multifacetada de mediação digital. Além das informações básicas sobre horários e bilhetes, o portal oferece seções dedicadas à história do museu, às coleções, à loja e ao serviço educativo, onde é possível agendar visitas guiadas em várias línguas e explorar seis séculos de memórias do monumento por meio de caminhos temáticos. Um calendário de eventos mantém o público atualizado sobre exposições, oficinas e conferências, enquanto a *newsletter* garante o envio regular de novidades e materiais exclusivos. Essas *newsletters* funcionam como canais contínuos de comunicação, mantendo os frequentadores informados sobre a programação e reforçando o vínculo com o público habitual, ao mesmo tempo que atraem novos visitantes. Além disso, permitem a partilha de conteúdos educativos, notícias sobre o acervo e convites para eventos, contribuindo para a formação de uma comunidade em torno da instituição. Links para o arquivo digital e para projetos facilitam o acesso a publicações científicas e documentação de pesquisa. Essa presença online integrada ampliou significativamente o alcance do museu, democratizando o acesso ao seu acervo e estabelecendo um canal de diálogo contínuo e interativo com visitantes locais e internacionais.

A partir da década seguinte, com a consolidação das redes sociais como espaços de difusão cultural, o museu expandiu sua presença digital por meio da criação de perfis no Facebook, Instagram e Twitter (atualmente X). Essas plataformas tornaram-se canais privilegiados para o compartilhamento de imagens de exposições, vídeos de bastidores, anúncios de eventos, datas comemorativas e conteúdos educativos, promovendo uma comunicação mais dinâmica, direta e interativa. A aposta nas redes sociais permitiu não apenas ampliar o alcance das ações desenvolvidas pelo MAC, mas também intensificar o diálogo com o público, estimulando o envolvimento da comunidade.

Além disso, o museu utiliza as redes sociais para divulgar publicações científicas e atividades de pesquisa, como por exemplo, os trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto VNSP3000, *Vila Nova de São Pedro, de novo, no 3.º milénio*. Esta iniciativa, promovida pela AAP em colaboração com instituições académicas, visa aprofundar o conhecimento sobre um dos mais emblemáticos povoados calcolíticos do território português. Parte significativa do espólio proveniente das escavações de Vila Nova de São Pedro encontra-se em exposição no MAC, como já abordado na seção 3.3.1, o que fortalece a ligação entre acervo, investigação científica e comunicação pública. Ao partilhar conteúdos sobre este e outros projetos arqueológicos em seus canais digitais, o museu reforça o papel educativo das redes sociais e reafirma sua vocação como espaço de mediação entre o conhecimento especializado e os públicos contemporâneos.

Durante o confinamento de 2020, as plataformas digitais tornaram-se essenciais para a manutenção do vínculo entre o Museu Arqueológico do Carmo e seu público. Embora as atividades presenciais tenham sido suspensas, o museu permaneceu ativo nas redes sociais, utilizando esses canais para partilhar conteúdos educativos, curiosidades sobre o acervo e informações históricas. Essa atuação digital permitiu preservar o contato com os visitantes, mesmo à distância, enquanto preparava o terreno para futuras iniciativas. Nesse contexto, a aposta em projetos como o *Heritage Within*, já abordado na seção 3.2.3, revelou-se especialmente oportuna. O projeto que promove o uso de tecnologias imersivas para revalorizar edifícios históricos e sítios arqueológicos, no caso do Carmo, resultou numa aplicação de realidade aumentada que permite explorar digitalmente o museu. Essa funcionalidade, acessível mesmo de forma remota, ofereceu uma alternativa de visita virtual a igreja durante o período em que o acesso físico esteve restringido.

A inserção do MAC na Rede Portuguesa de Museus (RPM)²⁹¹ em circuitos culturais lisboetas reforçou a sua estratégia de visibilidade e colaboração interinstitucional. A adesão voluntária a essa rede nacional permitiu ao museu participar de programas de cooperação, formação de profissionais e divulgação conjunta de atividades. A RPM, constituída de forma voluntária e gerida pela Direção-Geral do Património Cultural, visa a valorização e qualificação da realidade museológica nacional, o fomento da cooperação institucional, a descentralização de recursos e a promoção do rigor e do profissionalismo nas práticas museológicas. Ainda que desejasse preservar a sua autonomia face ao poder central e local, a

²⁹¹NEVES, J. S.; SANTOS, J.; FERREIRA, L. *Os museus da Rede Portuguesa de Museus em 2022*. Lisboa: Observatório Português das Atividades Culturais, CIES-Iscte, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15847/CIESOPACIC022023>. Acesso em: 19 maio 2025.

direção da AAP, com o apoio da conservadora do MAC, apresentou com êxito a candidatura do museu à RPM, o que permitiu, já em 2003, aceder a apoios pontuais destinados à realização de melhorias não previstas no projeto financiado pelo POC.²⁹²

Ao integrar-se neste sistema, o MAC passou a beneficiar de programas formativos e de intercâmbio de boas práticas, participando em ações de formação de profissionais, workshops de conservação preventiva e grupos de trabalho sobre mediação cultural. Essas iniciativas qualificaram a equipa técnica do museu e criaram oportunidades para desenvolver projetos conjuntos de investigação e exposição, ampliando o alcance das suas atividades para além das paredes do Carmo.

Paralelamente, o museu consolida sua presença em circuitos culturais da cidade de Lisboa, participando anualmente de eventos de grande audiência. No Dia Internacional dos Museus, o MAC já ofereceu visitas guiadas gratuitas, oficinas temáticas e performances ao vivo, atraindo um público diversificado que inclui desde a comunidade académica até famílias e turistas. Durante a Noite Europeia dos Museus, o museu também já promoveu visitas comentadas por arqueólogos. Essas participações anuais reforçam a presença do MAC como uma instituição integrada ao calendário cultural lisboeta.

A reabertura do MAC em 2001 marcou o início de um processo abrangente de renovação institucional, no qual as estratégias de comunicação e mediação cultural assumiram papel central. A adoção de linguagens mais acessíveis, a criação de um serviço educativo dinâmico, o fortalecimento da presença digital e a participação ativa em eventos culturais da cidade evidenciam o esforço contínuo do museu para ampliar sua relevância social e sua capacidade de dialogar com diferentes públicos. Esse compromisso com a comunicação educativa e cultural será aprofundado no próximo tópico, que detalha as ações e projetos desenvolvidos para aproximar o MAC da comunidade e potencializar sua função cultural.

3.4.2 Comunicação educativa e cultural

As estratégias de comunicação educativa e cultural adotadas pelo Museu Arqueológico do Carmo a partir de 2001 têm sido decisivas para reforçar sua presença social e para transformar sua experiência museológica numa vivência participativa, inclusiva e continuamente renovada. O museu tem buscado desenvolver práticas de mediação alinhadas

²⁹²ARNAUD; FERNANDES, *Construindo a Memória*, op. cit., p. 17.

às demandas culturais contemporâneas, promovendo um diálogo ativo e significativo com os diferentes públicos, estimulando sua participação e envolvimento crítico, em vez de limitar-se a formatos expositivos tradicionais e unilaterais.

Um exemplo emblemático dessa reorientação é a Festa da Arqueologia, realizada a cada três anos no MAC e envolvendo uma ampla rede de instituições. Esse evento promove uma experiência cultural e educativa diversificada, com o objetivo de compartilhar com a sociedade os resultados das pesquisas e intervenções desenvolvidas no âmbito da arqueologia nacional. Trata-se de um evento que alia rigor científico e linguagem acessível, num ambiente informal que favorece o encontro entre visitantes, profissionais da arqueologia, investigadores e instituições. Durante a festa, o público além de poder visitar a coleção do museu, pode assistir a palestras, interagir com especialistas e participar de atividades experimentais, que vão desde oficinas manuais até simulações de escavações arqueológicas. A localização privilegiada do evento, num ponto turístico de grande visibilidade, amplia ainda mais o seu impacto como instrumento de divulgação científica e de aproximação entre património e comunidade.

O evento, cuja primeira edição ocorreu em 2010, realizou sua sétima edição de 25 a 27 de abril de 2025, tendo como tema central “Arqueologia da Alimentação.” Inspirada pela máxima de Hipócrates “somos aquilo que comemos”,²⁹³ a programação propôs uma reflexão sobre a evolução dos hábitos alimentares humanos desde a Pré-História até à contemporaneidade. As atividades incluíram oficinas práticas, visitas guiadas e exposições interativas, proporcionando ao público uma experiência imersiva e educativa. Além de exibir seu acervo arqueológico, o Museu Arqueológico do Carmo conduziu uma visita guiada temática intitulada “O que se comia no 3º Milênio: as cozinhas de Vila Nova de S. Pedro”. Esta atividade possibilitou aos visitantes explorar os hábitos alimentares das comunidades do 3º milênio a.C., com base nos vestígios arqueológicos encontrados em Vila Nova de São Pedro.

O evento reuniu diversas instituições acadêmicas e culturais, entre as quais a NOVA FCSH, que apresentou o restaurante pedagógico ArqueoSabores, oferecendo menus temáticos inspirados em diferentes períodos históricos. A UNIARQ (Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa) propôs um jogo interativo em que os visitantes escolhiam os alimentos de um almoço fictício e, a partir dessas escolhas, descobriram a antiguidade de

²⁹³SOMOS aquilo que comemos: Festa da Arqueologia regressa ao Carmo para falar de comida. Timeout Lisboa, 17 abr. 2025. Disponível em: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt/noticias/somos-aquilo-que-comemos-festa-da-arqueologia-regressa-ao-carmo-p-ara-falar-de-comida-041325>. Acesso em: 26 mai. 2025.

cada ingrediente, demonstrando que muitos dos produtos consumidos atualmente têm origens milenares. Já o CIBIO (Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos) participou com materiais didáticos e arqueológicos provenientes de escavações na zona ribeirinha de Lisboa, com destaque para frutos e sementes relacionados ao comércio marítimo, como o cacau e os cocos transportados por grandes embarcações. O Museu da Água, por sua vez, montou uma estrutura que ilustrava o funcionamento de um aqueduto, permitindo aos visitantes compreender de forma visual e prática como a água era transportada de maneira sustentável para abastecer as cidades em diferentes períodos históricos.

Com entrada livre e uma programação diversificada, a Festa da Arqueologia consolida-se como uma iniciativa de referência na promoção da arqueologia junto do público, valorizando o trabalho dos museus e centros de investigação participantes, ampliando a sua visibilidade e aproximando-os da comunidade.

A Festa da Arqueologia exemplifica de forma concreta a prática da arqueologia pública, conforme discutido na seção 1.3, ao propor uma relação horizontal entre especialistas e públicos diversos e ao promover o acesso democrático ao conhecimento arqueológico. Essa iniciativa, inserida no conjunto mais amplo de estratégias de comunicação e mediação do MAC, reflete um compromisso institucional com formas participativas de construção e partilha de saberes. Ao abrir espaço para a interação direta entre visitantes, investigadores e instituições, o museu não apenas difunde conteúdos científicos em linguagem acessível, mas também reconhece o valor das experiências, memórias e curiosidades do público como parte legítima do processo interpretativo.

No campo da arqueologia pública, esse tipo de atuação representa uma mudança de paradigma, na medida em que desloca o foco da simples preservação e exposição de objetos para a promoção de uma relação mais engajada e significativa entre a sociedade e o património arqueológico. As atividades desenvolvidas são pensadas para despertar a curiosidade, gerar envolvimento e provocar questionamentos. Essa abordagem transforma o museu num lugar de encontro e de produção de sentidos, onde o passado é compreendido como um campo aberto à interpretação e ao diálogo com o presente.

Além de ampliar o acesso à informação, essas práticas contribuem para a inclusão social e para o reconhecimento da diversidade de narrativas e de patrimónios. A arqueologia pública, nesse contexto, oferece um enquadramento ético e metodológico que orienta a atuação do museu no sentido da escuta, da participação cidadã e da co-responsabilidade na preservação do passado.

Dando continuidade a esse compromisso com a arqueologia pública, a Oficina do Carmo, que decorreu entre novembro de 2022 e maio de 2023, exemplifica a forma como o museu tem investido em experiências participativas que promovem a aproximação sensorial e intelectual do público com o património. Realizado ao longo de sete sessões mensais, o projeto integrou práticas de arqueologia experimental que permitiram aos participantes recriar técnicas ancestrais de produção de artefactos, como a gravação de placas de xisto com ferramentas líticas, a modelagem de estatuetas em barro, a tecelagem manual e a produção de cerâmica com base em métodos arqueologicamente documentados.²⁹⁴ Desenvolvida em parceria com a Pre&historic Skills, a iniciativa transformou as ruínas do Carmo num espaço de experimentação e aprendizagem, acessível a públicos a partir dos oito anos. Através dessas oficinas, o museu reforça sua vocação educativa e colaborativa, ao estimular formas de envolvimento direto com os processos históricos e materiais, consolidando-se como um agente ativo na construção de uma cidadania cultural ancorada no conhecimento arqueológico e na valorização dos saberes tradicionais.

Desde a criação do seu Serviço Educativo em 2002, o MAC tem vindo a desenvolver um conjunto consistente de iniciativas destinadas a diversificar o público e a aprofundar o envolvimento com o património arqueológico. Direccionadas especialmente a crianças, famílias e grupos escolares, mas também contemplando o público adulto, as atividades propostas articulam conteúdos históricos com práticas lúdico-pedagógicas, transformando a experiência de visita num momento de descoberta ativa. Entre as dinâmicas promovidas estão a investigação de mistérios arqueológicos, a criação de museus imaginários, reconstituições históricas como a vivência do terramoto de 1755 e oficinas temáticas como “Rei por um dia”, em que os participantes exploram o simbolismo do poder ao longo do tempo. A exploração das ruínas, integrada às atividades educativas, estimula a criatividade, a reflexão histórica e o vínculo afetivo com o património desde as primeiras idades.

Para além do público infantojuvenil, há um esforço contínuo para atrair e envolver visitantes adultos de diferentes perfis, com uma programação regular que inclui visitas guiadas em várias línguas, workshops especializados, conferências e encontros com arqueólogos e investigadores. Estas iniciativas reforçam a vocação do museu como espaço de diálogo entre saber científico e público não especializado, ao mesmo tempo que consolidam parcerias com escolas, universidades e outras instituições culturais. Em datas comemorativas, como o Dia Internacional dos Museus, a programação é ampliada com oficinas e percursos

²⁹⁴Oficina do Carmo. Agenda LX. Disponível em: <https://www.agendalx.pt/events/event/oficina-do-carmo/>. Acesso em: 26 mai. 2025.

comentados, fomentando uma relação participativa com a comunidade e incentivando o debate crítico sobre temas patrimoniais.

As estratégias de comunicação educativa e cultural do MAC têm sido fundamentais para consolidar o museu como um espaço vivo de aprendizagem e participação, capaz de articular práticas presenciais e digitais, envolver públicos de todas as idades e valorizar tanto o saber científico quanto os conhecimentos construídos pela experiência social. A realização de eventos de grande alcance como a Festa da Arqueologia, a diversidade de atividades educativas oferecidas e o estímulo à participação ativa dos visitantes evidenciam um compromisso contínuo com a democratização do conhecimento arqueológico e com a formação de uma cidadania cultural crítica e plural. Essas iniciativas, ao promoverem o diálogo entre diferentes públicos e agentes culturais, fortalecem a presença do MAC na rede institucional mais ampla do setor, criando condições propícias para o estabelecimento e o aprofundamento de parcerias estratégicas. Essa dimensão colaborativa será abordada em detalhe na próxima seção, que examina o papel das redes institucionais na ampliação do impacto social e cultural do museu.

3.4.3 Parcerias e redes institucionais

O fortalecimento das parcerias institucionais foi uma das estratégias fundamentais adotadas pelo MAC no processo de reconfiguração de sua atuação após 2001. Ao estabelecer vínculos com universidades, centros de investigação, entidades culturais e o setor empresarial, o museu ampliou não apenas sua capacidade de ação e inovação, mas também sua relevância social e cultural. Essas colaborações possibilitaram o desenvolvimento de projetos conjuntos, a realização de eventos multidisciplinares e o intercâmbio de saberes entre diferentes agentes, contribuindo para a construção de um museu mais aberto e conectado.

Nesse sentido, destacam-se os laços mantidos com instituições de ensino superior e grupos de investigação, que têm favorecido a integração do conhecimento acadêmico às práticas museológicas. A articulação com universidades não apenas enriquece as abordagens expositivas e educativas do MAC, como também oferece um espaço para formação prática de estudantes, estágios e experimentação científica. A participação ativa de investigadores em eventos como a Festa da Arqueologia, criando oportunidades valiosas de diálogo direto entre especialistas e o público geral.

Como parte de sua estratégia de integração territorial e de estímulo à circulação cultural, o MAC idealizou e implementou, em colaboração com outras instituições, o projeto “Passeios com Arte e Ciência.” A iniciativa surgiu de uma proposta do próprio MAC e envolveu oito museus situados entre as zonas das Amoreiras e do Chiado, com acervos distintos, mas complementares. Com apoio da Santa Casa da Misericórdia e do Metropolitano de Lisboa, o projeto oferecia descontos a visitantes que frequentassem dois ou mais museus participantes num prazo de três dias, sendo divulgado por meio de cartazes em transportes públicos e de um desdobrável informativo comum. Além do MAC, integraram a ação o Museu da Água da EPAL, o Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva, o Museu Nacional de História Natural e da Ciência, o Museu de Geologia, o Museu de São Roque, o Museu Nacional de Arte Contemporânea e o Museu da Farmácia. Essa aproximação entre instituições museológicas da área central de Lisboa possibilitou a troca de experiências, a construção de redes de colaboração e a dinamização conjunta da oferta cultural da cidade.²⁹⁵

O MAC e a AAP têm se mostrado constantemente abertos a receber uma diversidade de propostas culturais, promovendo uma programação rica e diversificada que inclui festivais de vídeo, exposições, instalações artísticas, concertos, peças teatrais, bailados e sessões fotográficas. Essas iniciativas, muitas vezes concebidas por outras entidades públicas e privadas, têm contribuído de forma significativa para a dinamização do espaço museológico e seu entorno urbano, atraindo novos públicos e promovendo a fidelização dos visitantes, como evidenciado pela continuidade da participação em eventos organizados em parceria com grupos como os Urban Sketchers, o Centro Nacional de Cultura e a EGEAC.²⁹⁶ A colaboração com essas e outras instituições culturais tem sido fundamental para ampliar o alcance do museu e fortalecer sua presença no panorama artístico e social da cidade.

Além disso, o estabelecimento de parcerias e protocolos prolongados com organizações sediadas no Chiado, como a Faculdade de Belas Artes de Lisboa, o Centro Nacional de Cultura, a Associação para Valorização do Chiado, e empresas de transportes urbanos, entre elas o Metropolitano de Lisboa, a Carris e a CP, tem ampliado a capacidade do museu para promover suas atividades e captar públicos diversificados. O apoio institucional estende-se também a entidades ligadas ao turismo e cultura, como o Turismo de Portugal, a Associação de Turismo de Lisboa, a PT Blue Station e a Associação de Guias e Intérpretes, o que reforça a divulgação e integração do MAC em circuitos culturais mais amplos.²⁹⁷

²⁹⁵ ARNAUD, *Memória e Intervenção*, op. cit., p. 98-99.

²⁹⁶ *Ibidem*, p.96-97.

²⁹⁷ *Ibidem*, p.96-97.

No campo financeiro, o museu tem buscado recursos para projetos pontuais junto a fundações e instituições privadas, destacando-se a Fundação Calouste Gulbenkian, o Banco Português de Investimento (BPI) e a Fundação Millennium BCP.²⁹⁸ Esses vínculos e colaborações são considerados estratégicos para garantir a projeção da dinâmica institucional do MAC e da AAP, devendo ser ampliados tanto em âmbito nacional quanto internacional. Contudo, a associação mantém o cuidado para que os compromissos assumidos com parceiros externos estejam sempre alinhados com os objetivos fundamentais da instituição, preservando sua identidade e autonomia.²⁹⁹

O museu tem também explorado sinergias com o setor criativo e com outras instituições culturais. Um exemplo expressivo desse esforço é a realização de eventos como a Oficina do Carmo, que combinam diferentes linguagens (arqueologia, arte, artesanato, ciência e educação) para oferecer experiências enriquecedoras ao público. Estas ações são possíveis graças a redes de colaboração que mobilizam recursos humanos, técnicos e logísticos de diversas entidades, promovendo uma lógica de partilha e cocriação.

Essas colaborações diversificam-se em diferentes frentes, abrangendo desde o apoio intermunicipal e museológico até a cooperação científica, educativa, cultural e empresarial. Por meio dessas articulações, o museu tem conseguido desenvolver exposições conjuntas, projetos de investigação aplicada, programas educativos, ações de mediação patrimonial e eventos de dinamização cultural, fortalecendo sua integração tanto na vida cultural de Lisboa quanto nas redes profissionais do setor. A seguir, apresenta-se um quadro-resumo com as principais instituições parceiras do MAC entre 2001 e 2024, organizadas por tipo de colaboração predominante:

Quadro 1: Redes de colaboração do Museu Arqueológico do Carmo (2001–2024)

TIPO DE PARCERIA	INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS
Institucional e intermunicipal	<ul style="list-style-type: none"> - Associação Turismo de Lisboa - Câmara Municipal da Amadora - Câmara Municipal de Lisboa - Câmara Municipal de Loures - Câmara Municipal de Mértola (Campo Arqueológico de Mértola) - Câmara Municipal de Sintra

²⁹⁸*Ibidem*, p.98.

²⁹⁹*Ibidem*, p.98.

	<ul style="list-style-type: none"> - Centro de Arqueologia de Lisboa - Direção-Geral do Património Cultural - EGEAC - Junta de Freguesia de Santa Maria Maior - Ministério da Cultura - Santa Casa da Misericórdia - Turismo de Portugal
Museológica e patrimonial	<ul style="list-style-type: none"> - Fundação Côa Parque - Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva - Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas - Museu da Água - Museu da Farmácia - Museu de Geologia - Museu de Lisboa – Teatro Romano - Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu Nacional de Arqueologia - Museu Nacional de História Natural e da Ciência - Museu Municipal Sebastião Mateus Arenque (Azambuja) - Museu de São Roque - Oceanário de Lisboa - Parques de Sintra – Monte da Lua
Científica e educativa	<ul style="list-style-type: none"> - Biopolis - CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos - ESELx - ICAREHB – Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour - Universidade Autónoma de Lisboa - Universidade de Coimbra - Universidade de Lisboa (FBAUL, FLUL, UNIARQ, FMUL) - Universidade do Minho - Universidade Nova de Lisboa (FCSH) - Instituto Politécnico de Tomar - Universidade do Porto
Redes e associações culturais	<ul style="list-style-type: none"> - Associação Portuguesa de Museologia - Associação para Valorização do Chiado - Centro Nacional de Cultura - ICOM - ICOMOS Portugal
Setor educativo e pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> - Associação Portuguesa dos Guias-Intérpretes e Correios de Turismo (AGIC) - Associação de Professores de História (APH) - Escolas Básicas e Secundárias (programas educativos e mediação)

<p>Empresas e setor privado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Associação Mutualista Montepio - Banco Português de Investimento (BPI) - EPAL - Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação Millennium bcp
<p>Eventos, mediação e apoio cultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> - 50x2 – Comemorações oficiais do 25 de Abril - Carris - CP - Direção-Geral das Artes (DGArtes) - GNR – Guarda Nacional Republicana - Lisboa Cultura - Metropolitano de Lisboa - Pre&Historic Skills - República Portuguesa – Cultura - Urban Sketchers - PT Blue Station

O fortalecimento dessas parcerias tem sido crucial para ampliar a capacidade de ação do Museu Arqueológico do Carmo, permitindo-lhe ir além do papel de conservador e expositor para assumir um protagonismo mais ativo na promoção do conhecimento, da criatividade e da cidadania. A diversidade das instituições envolvidas, que inclui órgãos governamentais, municípios, universidades, associações culturais, empresas e entidades dedicadas à mediação e eventos, evidencia a amplitude e o caráter multidisciplinar das redes que o museu integra. Essas colaborações facilitam o desenvolvimento de projetos conjuntos, a realização de eventos como a Festa da Arqueologia, ações educativas e programas culturais que promovem o diálogo entre especialistas e o público geral, fomentando uma museologia cada vez mais participativa e conectada.

A importância estratégica dessas alianças pode ser compreendida à luz de discussões recentes sobre a interdependência entre cultura e economia criativa. Conforme propõem as autoras de *Cultura & Negócios: Fluxos Criativos entre Culturas, Investigação & Empresas*, os museus que cultivam parcerias com diferentes setores tendem a tornar-se mais resilientes, inovadores e socialmente relevantes. Ao integrar-se em redes culturais e empresariais, o MAC amplia sua sustentabilidade econômica, diversifica suas fontes de financiamento e fortalece sua capacidade de resposta às transformações sociais e culturais em curso. A obra sublinha como essas parcerias estratégicas podem impulsionar tanto a viabilidade econômica

quanto à relevância social das instituições culturais, permitindo que os museus se tornem mais sustentáveis e engajados com as dinâmicas contemporâneas.³⁰⁰

Essas colaborações também reforçam a missão do museu como agente de desenvolvimento social, permitindo que ele assuma um papel ativo na promoção do conhecimento, da criatividade e da cidadania. A inserção do MAC em circuitos de cooperação institucional e redes interdisciplinares contribui, assim, para a consolidação de uma museologia mais participativa, comprometida com os desafios contemporâneos e ancorada em práticas colaborativas e de longo alcance.

Desde 2001, o Museu Arqueológico do Carmo consolidou-se como um espaço dinâmico e multifacetado, onde estratégias de comunicação educativa e cultural, combinadas com o fortalecimento de parcerias institucionais, atuam de forma integrada para ampliar sua presença social e potencializar seu impacto cultural. Por meio de práticas de mediação como a Festa da Arqueologia e a Oficina do Carmo, o museu reafirma seu compromisso com a arqueologia pública, valorizando o diálogo horizontal entre especialistas e diferentes públicos, e promovendo uma experiência participativa, crítica e sensorial do património arqueológico. Ao mesmo tempo, o estabelecimento de redes colaborativas envolvendo universidades, centros de investigação, instituições culturais e o setor empresarial tem sido decisivo para viabilizar projetos conjuntos, eventos multidisciplinares e intercâmbios de saberes, conferindo ao MAC maior resiliência, sustentabilidade e relevância social. Essas ações articuladas transformam o museu em um agente ativo na construção de uma cidadania cultural plural, alinhada às demandas contemporâneas e às dinâmicas da economia criativa, que enxerga o património como um campo aberto à participação, ao conhecimento compartilhado e à inovação. Com isso, as estratégias desenvolvidas não apenas ampliaram o alcance do museu, mas também provocaram mudanças significativas no perfil e na experiência dos seus visitantes, aspectos que serão detalhados na próxima seção.

3.5 Público e visitantes: perfis, percepções e impacto das transformações institucionais

As transformações museológicas implementadas no Museu Arqueológico do Carmo e a reestruturação institucional ocorrida após 2001, refletiram-se de maneira significativa nas motivações, no perfil e na experiência do público visitante. Ao longo das últimas duas décadas, a instituição passou a ser frequentada não apenas por um público especializado ou

³⁰⁰SARMENTO, Clara; RIBEIRO, Sandra. *Cultura & Negócios: Fluxos Criativos entre Culturas, Investigação & Empresas*. Porto: Vida Económica, 2018, p.78-80.

com interesses académicos, mas também por visitantes nacionais e estrangeiros com diferentes níveis de familiaridade com a arqueologia e a história. Essa ampliação resulta das diversas estratégias adotadas pelo museu, que incluem a reformulação do discurso expositivo, a diversificação da programação cultural e a modernização dos canais de comunicação.

Esta seção pretende analisar as mudanças no perfil do público com base em dados quantitativos e qualitativos, abrangendo estatísticas de visitação, nacionalidades, faixas etárias e motivações, bem como percepções recolhidas por meio de inquéritos, redes sociais e outras formas de feedback. A análise parte de dados históricos disponíveis em registos anteriores a 2001 e estabelece comparações com informações mais recentes, permitindo traçar um panorama evolutivo ao longo do tempo.

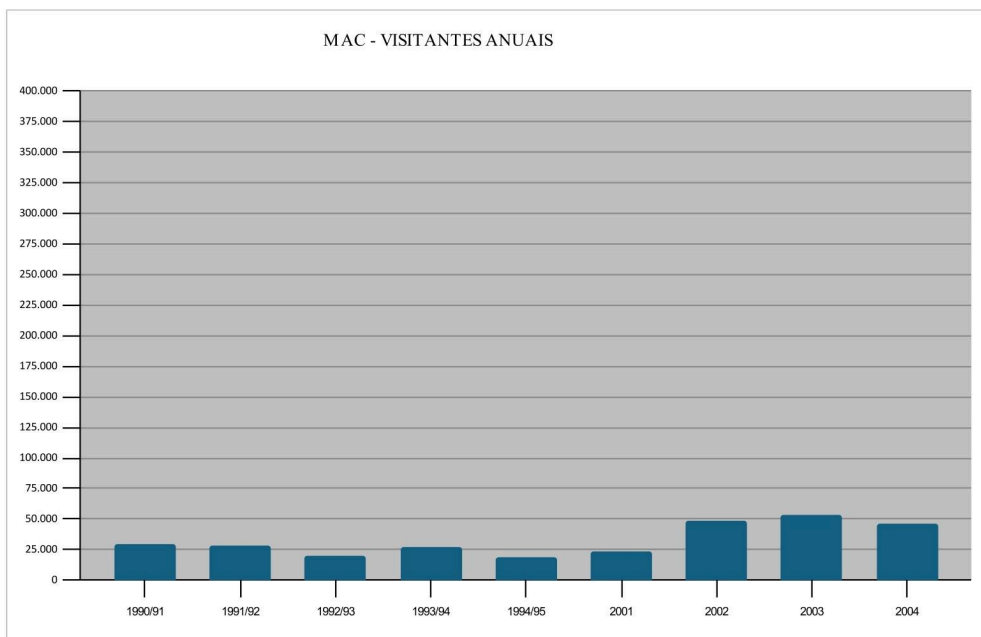
3.5.1 Evolução do público e crescimento de visitantes

A análise do público visitante do Museu Arqueológico do Carmo permite observar transformações significativas ao longo das últimas décadas, com especial destaque para os períodos posteriores à reestruturação institucional de 2001. Este momento de viragem, de reabertura do museu ao público após um encerramento prolongado devido às obras do Metropolitano de Lisboa, marcou o início de uma nova etapa caracterizada pelo alargamento das estratégias de comunicação, diversificação das atividades culturais e ampliação das formas de acolhimento ao visitante. A partir dessa reformulação, o MAC passou a consolidar uma nova posição no panorama cultural de Lisboa, atraindo não apenas um número crescente de visitantes, mas também públicos progressivamente mais diversos quanto à origem geográfica, faixa etária, interesses e motivações.

Apresenta-se a seguir o gráfico com os dados estatísticos de visitação ao MAC no período compreendido entre 1990 e 2024. Para uma interpretação rigorosa da evolução registrada, importa considerar que, até ao encerramento temporário do museu em 1995, os registos anuais da AAP eram apurados com base no ano associativo. Com a reabertura do museu em junho de 2001, passou a vigorar o critério do ano civil como referência. Importa ainda salientar que os dados referentes a 2001 dizem respeito apenas ao segundo semestre do ano, correspondendo ao período posterior à reabertura ao público, que ocorreu em junho.

Figura 22: Estatísticas de visitantes anuais do MAC, 1990-2004.

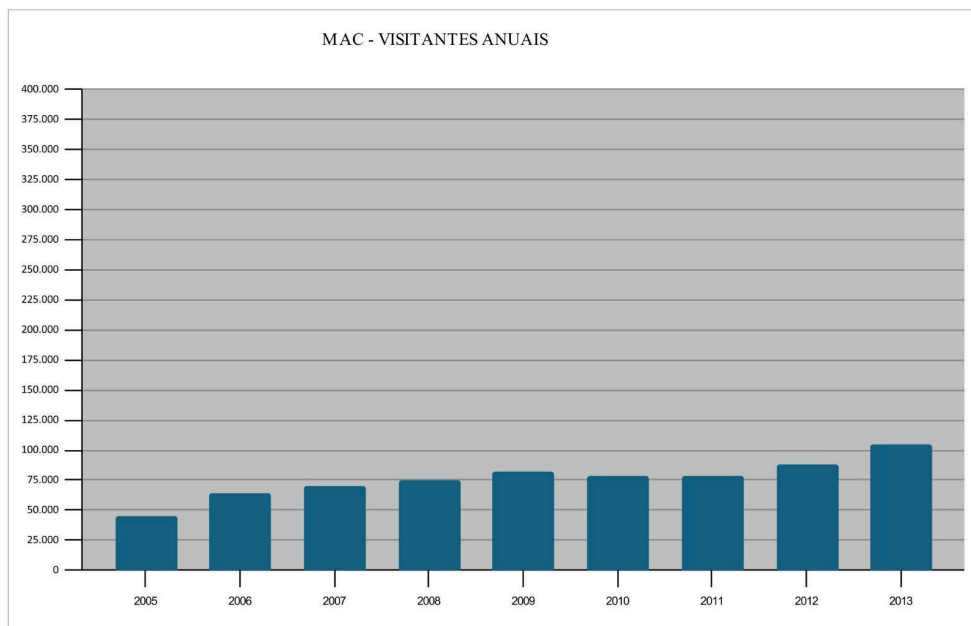
Ano	Quant.
1990/91	30.100
1991/92	27.800
1992/93	19.600
1993/94	27.615
1994/95	19.300
2001	24.180
2002	48.701
2003	54.052
2004	46.358



Fonte: Gráfico fornecido pelo Museu Arqueológico do Carmo, 2024.

Figura 23: Estatísticas de visitantes anuais do MAC, 2005-2013.

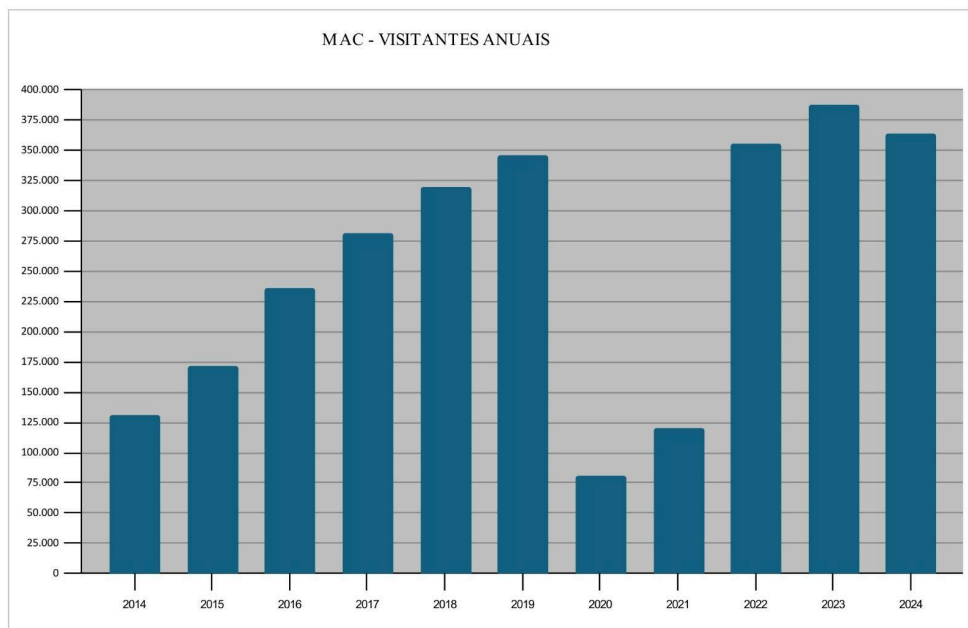
Ano	Quant.
2005	45.589
2006	63.803
2007	69.990
2008	74.852
2009	82.585
2010	79.009
2011	78.011
2012	88.570
2013	104.730



Fonte: Gráfico fornecido pelo Museu Arqueológico do Carmo, 2024.

Figura 24: Estatísticas de visitantes anuais do MAC, 2014-2024.

Ano	Quant.
2014	130.532
2015	171.777
2016	236.151
2017	281.813
2018	320.028
2019	345.835
2020	80.544
2021	120.450
2022	355.063
2023	387.839
2024	363.764



Fonte: Gráfico fornecido pelo Museu Arqueológico do Carmo, 2024.

Entre 1990 e 2024, o Museu Arqueológico do Carmo registou uma evolução significativa no número de visitantes, marcada por momentos de interrupção, recuperação e crescimento sustentado. A década de 1990 apresenta valores modestos, variando entre cerca de 19 mil e 31 mil visitantes por ano, reflexo de um período de menor visibilidade.

Considerando que o museu reabriu ao público apenas em junho de 2001, é possível compreender que este ano ainda apresenta valores reduzidos. A partir de 2002, com a retoma da atividade regular, observa-se um crescimento gradual, ainda que contido, que se mantém até 2011. Durante esse período, os números aumentam de forma constante, ultrapassando pela primeira vez os 80 mil visitantes anuais em 2012 e alcançando os 130 mil em 2014. A partir de 2015, a evolução do número de visitantes torna-se notoriamente mais acentuada, com os valores praticamente a duplicarem num curto intervalo: de 171.777 visitas registadas em 2015, o total salta para 236.151 em 2016.

O ano de 2019 marcou o auge do número de visitantes antes da pandemia, com um total de 345.835 entradas. No entanto, em 2020, a crise sanitária provocada pela COVID-19 resultou numa queda acentuada, com apenas 80.544 visitantes, o que representa uma redução superior a 60% em relação ao ano anterior. Esse crescimento sustentado, que vinha sendo registrado ao longo de quase duas décadas, foi bruscamente interrompido nesse período.

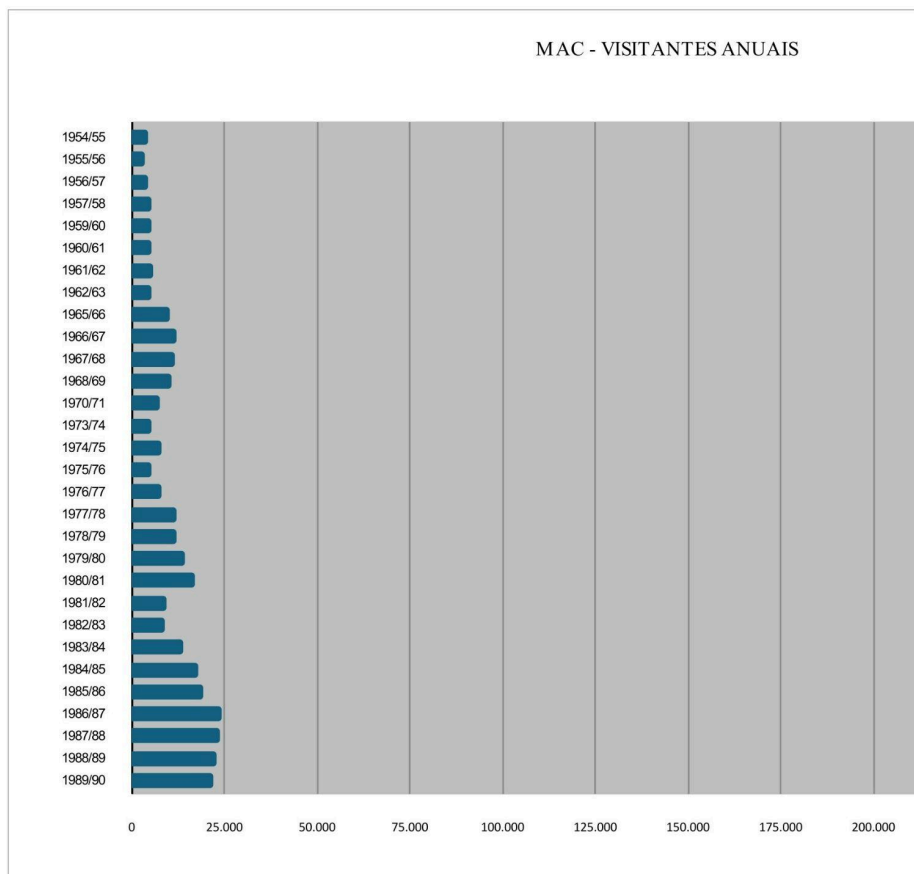
A recuperação deu-se de forma progressiva e, embora em 2021 o número de visitantes tenha permanecido estável devido às restrições sanitárias ainda em vigor, a retoma intensificou-se em 2022, com 355.063 entradas. Em 2023, o museu ultrapassou os níveis pré-pandemia, alcançando um total de 387.789 visitantes. Em 2024, registou-se uma ligeira redução para 363.764 visitantes, o que, apesar da quebra pontual, mantém a tendência geral de crescimento. A descida pode estar relacionada com fatores sazonais, como alterações no calendário turístico ou variações no fluxo de visitantes internacionais, mas sobretudo com uma possível estabilização da procura após o forte impulso verificado nos anos imediatamente após a pandemia. Esse movimento de recuperação, marcado por um retorno entusiástico às atividades culturais, parece agora dar lugar a um novo patamar de equilíbrio, no qual o número de visitantes se mantém elevado, mas menos sujeito a oscilações abruptas.

Com o intuito de oferecer uma compreensão mais ampla da trajetória de crescimento do MAC ao longo do tempo, apresenta-se a seguir um gráfico com os dados de visitação anteriores à década de 1990. Ao contrário das estatísticas mais recentes, estes dados não se encontram informatizados pelo museu e foram reunidos por meio de pesquisa direta nos arquivos da instituição, nomeadamente através da consulta aos relatórios de atividades, ou relatório de receita e despesas, organizados por ano associativo. Embora mais escassos e por vezes irregulares, esses registros permitem traçar um panorama geral da presença de público nas décadas que antecederam a reestruturação institucional do museu, destacando a diferença significativa de escala entre os períodos.

Importa salientar que a ausência de dados precisos em determinados anos se deve às limitações dos próprios relatórios de atividades consultados, os quais, por vezes, não continham registros numéricos detalhados sobre o número de visitantes. Em diversos casos, os documentos apresentavam apenas comentários genéricos como “o número de visitantes do museu tem-se mantido sensivelmente igual ao dos anos anteriores”, “a visita ao museu, muito irregular, manteve-se, em média, constante” ou ainda “a visita ao museu tem sido mesmo muito escassa.” Tais observações, embora indicativas de uma tendência, não oferecem base segura para a quantificação exata do público. Em outros casos, o que se encontra registrado é apenas o movimento da receita obtida com entradas, sem que se explicita o número correspondente de visitantes. Em função dessas lacunas e da ausência de critérios consistentes de apuramento, optou-se por omitir os totais relativos a determinados anos, evitando assim a apresentação de dados imprecisos ou especulativos.

Figura 25: Estatísticas de visitantes anuais do MAC, 1990-2004.

Ano	Quant.
1954/55	4.361
1955/56	3.612
1956/57	4.250
1957/58	5.169
1959/60	5.365
1960/61	5.374
1961/62	5.678
1962/63	5.519
1965/66	10.425
1966/67	12.153
1967/68	11.667
1968/69	10.841
1970/71	7.395
1973/74	5.232
1974/75	8.193
1975/76	5.443
1976/77	8.249
1977/78	12.172
1978/79	12.244
1979/80	14.331
1980/81	16.967
1981/82	9.368
1982/83	9.084
1983/84	13.904
1984/85	18.096
1985/86	19.496
1986/87	24.198
1987/88	23.600
1988/89	23.100
1989/90	22.198



Fonte: Gráfico de autoria própria, montado a partir dos dados disponíveis nos relatórios de atividades, ou relatório de receita e despesas do MAC.

Com base nos dados recolhidos é possível delinear um panorama da visitação entre os anos associativos de 1954/55 e 1989/90, ainda que de forma parcial e com algumas lacunas. O gráfico correspondente ilustra uma trajetória gradual de crescimento, com variações significativas ao longo do tempo, sobretudo a partir da década de 1960. Nos primeiros anos observados, os números mantêm-se relativamente baixos e estáveis, com uma média de cerca de quatro a cinco mil visitantes anuais entre meados da década de 1950 e o início da de 1960. A partir de 1965/66, assiste-se a um primeiro salto expressivo, com valores acima dos 10 mil visitantes, mantendo-se essa tendência ascendente durante boa parte da década de 1970, apesar de algumas flutuações.

Na transição para a década de 1980, observa-se um novo ciclo de crescimento mais acentuado, com os números a ultrapassarem sucessivamente as marcas anteriores: 14.331 em 1979/80, 16.967 em 1980/81 e mais de 18 mil em 1984/85. O auge dessa trajetória ocorreu nos anos associativos de 1986/87 a 1988/89, quando o museu regista valores próximos ou

superiores a 23 mil visitantes, atingindo o pico de 24.198 em 1986/87. Essa progressiva elevação pode ser interpretada como reflexo de um aumento do interesse pela oferta cultural e patrimonial de Lisboa, associado também à estabilização institucional do museu. Ainda assim, mesmo nos anos de maior procura, os números mantêm-se distantes daqueles observados após 2001, revelando uma diferença de escala que ressalta um impacto transformador.

É importante destacar que estes dados, embora fragmentados, permitem reconhecer padrões e tendências que ajudam a contextualizar a evolução posterior. Eles testemunham um percurso de crescimento lento e irregular, marcado tanto por avanços quanto por períodos de estagnação. Ao mesmo tempo, evidenciam que, mesmo antes da reestruturação de 2001, o museu já exercia uma função pública relevante, com uma presença contínua e crescente junto ao público. A leitura do gráfico de períodos históricos, ainda que incompleto, contribui para uma compreensão mais profunda do papel do MAC ao longo do tempo, ajudando a dimensionar o alcance das mudanças promovidas nas últimas décadas.

A comparação entre os dados de visitação do MAC nas décadas anteriores a 1990 e os valores registrados entre 1990 e 2024 permite observar uma evolução marcante na escala, no ritmo e na regularidade do fluxo de público ao longo do tempo. Os dados mais antigos, referentes ao período entre 1954/55 e 1989/90, revelam um crescimento moderado e, em geral, oscilante, com números que raramente ultrapassam os 20 mil visitantes anuais até meados da década de 1980. Mesmo nos anos de maior procura, como em 1986/87, quando se registaram 24.198 entradas, o volume de público era relativamente contido, o que poderia refletir certas limitações estruturais, uma escassez em promoção externa ou uma posição ainda periférica do museu no circuito cultural de Lisboa.

A partir de 1990/91, os números evidenciam uma elevação considerável, com o registo de 30.100 visitantes, o valor mais elevado até então. Ainda assim, o início da década de 1990 manteve uma tendência instável, com quedas abruptas nos anos de 1992/93 e 1994/95, que registaram, respetivamente, 19.600 e 19.300 visitantes. Essa flutuação está associada a um contexto de visibilidade limitada e, sobretudo, ao impacto do encerramento temporário do museu em 1995.

Apesar das dificuldades do contexto, é possível identificar sinais de recuperação já nos primeiros anos após a reabertura. Em 2005, José Arnaud, então presidente da AAP, observava que “foi já possível, apesar da atual crise econômica e da conseqüente diminuição

do afluxo de turistas, aumentar de modo significativo o número de visitantes.”³⁰¹ O reconhecimento, feito ainda num cenário de instabilidade econômica, sugere que as estratégias adotadas pelo museu desde 2001 vinham surtindo efeito positivo na ampliação do seu público.

A abertura a novos públicos, o investimento em comunicação, a internacionalização e o contexto favorável do crescimento turístico de Lisboa parecem ter contribuído para ampliar a capacidade de atração e a visibilidade do Museu Arqueológico do Carmo. A análise comparativa sugere, assim, uma possível mudança de posicionamento, em que o museu passa a integrar de forma mais ativa e reconhecida o panorama museológico da cidade, reforçando seu papel como espaço cultural relevante.

A análise dos dados de visitação revela uma trajetória de crescimento sustentado ao longo das últimas décadas. Embora não se possa estabelecer uma relação de causalidade direta entre esse aumento e as transformações internas do museu, há fortes indícios de que essas mudanças tenham desempenhado um papel significativo nesse processo, sendo essa interpretação corroborada por declarações do próprio diretor do museu, que já reconheceu publicamente a influência das reestruturações na evolução do público. A reorganização do espaço e do acervo, o reforço da programação cultural, a diversificação das atividades educativas, o investimento em comunicação e a intensificação das parcerias institucionais, implementados a partir de 2001, são grandes indicativos de ter contribuído significativamente para o fortalecimento da atratividade do MAC.

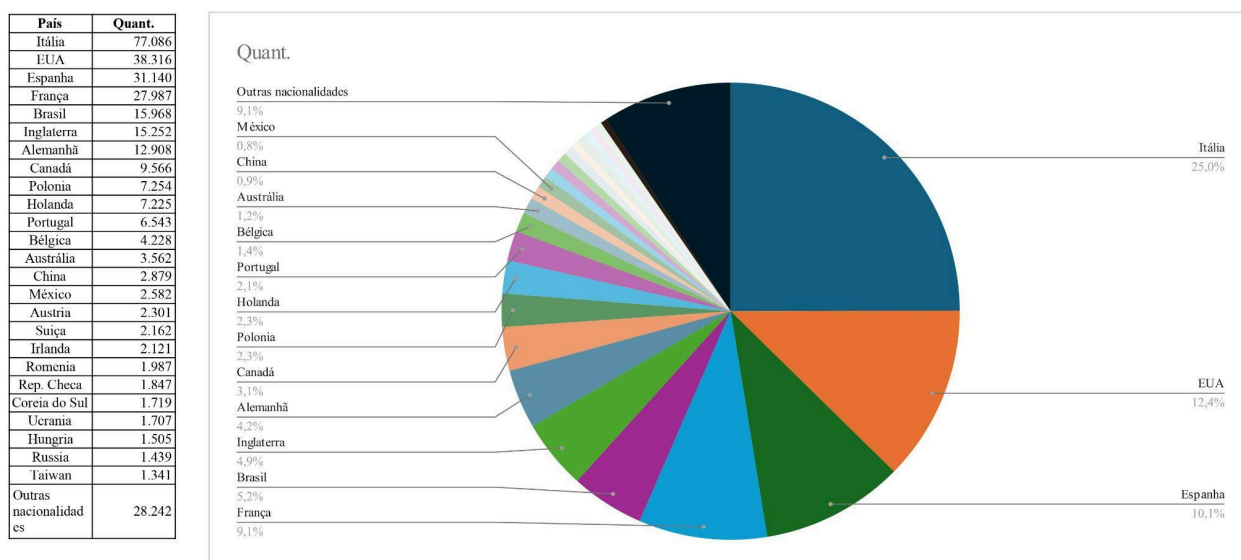
A comparação entre os períodos anteriores e posteriores a essa reestruturação evidencia não apenas o impacto dessas medidas, mas também a consolidação do museu como um polo cultural de referência, com capacidade crescente de recepção e mobilização de públicos. Esse crescimento, contudo, deve ser também interpretado à luz de dinâmicas externas, como a intensificação do turismo em Lisboa, o interesse crescente pelo património histórico e a valorização de experiências culturais. A confluência desses fatores, contudo, reforça o posicionamento do Museu Arqueológico do Carmo no circuito museológico e turístico da cidade, refletindo-se tanto no aumento do número de visitantes quanto na diversidade de seus perfis, tema que será abordado a seguir.

3.5.2 Perfis e origens do público

³⁰¹ARNAUD; FERNANDES, *Construindo a Memória*, op. cit., p. 17.

Para a análise do perfil e das origens do público do MAC, foi realizada uma coleta de dados baseada na nacionalidade dos visitantes, a partir dos registros de bilheteria entre fevereiro e novembro de 2023. Embora esse período não corresponda a um ano completo, oferece uma amostra representativa que permite compreender as dinâmicas gerais relacionadas à nacionalidade dos frequentadores do museu. É importante destacar que o gráfico apresentado contempla apenas as 25 nacionalidades com maior número de visitantes. No entanto, os dados abrangem um total expressivo de mais de 150 países, evidenciando a diversidade geográfica e o alcance global da instituição no contexto museológico lisboeta. A seguir, o gráfico ilustra a distribuição dos visitantes do MAC por nacionalidade:

Figura 26: Nacionalidade de Visitantes (fev-nov 2023)



Fonte: Elaboração própria, com base em dados coletados pela bilheteria do MAC.

A análise da origem dos visitantes ao MAC revela uma predominância clara de turistas internacionais, sobretudo provenientes da Europa e da América do Norte. Entre os países com maior representação, a Itália destaca-se de forma expressiva, totalizando mais de 77 mil visitantes ao longo do período analisado. Os Estados Unidos da América seguem com números igualmente significativos, somando quase 38 mil visitantes, o que também confirma o apelo do museu junto a públicos de fora da Europa. Espanha e França, países vizinhos com fortes laços históricos e culturais com Portugal, também figuram entre os principais emissores, com mais de 27 mil entradas cada um, refletindo tanto a proximidade geográfica quanto a vitalidade do turismo ibérico. O Brasil, com cerca de 16 mil visitantes, destaca-se

como o principal país lusófono representado, evidenciando uma relação afetiva e cultural que continua a manifestar-se no interesse pelo património português.

Em contrapartida, Portugal ocupa apenas a 11.^a posição, com cerca de 6.500 visitantes, representando apenas 2,1% do total de público registrado nesse período. Esse percentual revela-se significativamente baixo diante dos 97,9% restantes, compostos por visitantes estrangeiros, o que evidencia o perfil essencialmente turístico. Tal predominância do público internacional sublinha a relevância do MAC como um ponto de interesse cultural para turistas, mas também destaca um desafio importante: a necessidade de fortalecer sua conexão com a comunidade local.

O predomínio do público estrangeiro reflete, por um lado, a localização privilegiada do museu no centro histórico de Lisboa e sua inserção nas principais rotas turísticas da capital. Por outro, evidencia o apelo estético das ruínas e da museografia integrada ao espaço arquitetónico, frequentemente valorizado nos circuitos culturais internacionais. Em contraste, o número de visitantes de nacionalidade portuguesa permanece relativamente modesto, com Portugal figurando apenas entre as quinze nacionalidades mais representadas. Esse dado pode sugerir uma percepção do museu como um espaço já conhecido ou menos prioritário para o público local, sobretudo entre os residentes da área metropolitana. Também aponta para a necessidade de estratégias mais consistentes de fidelização e captação de públicos nacionais. A comparação entre os dois perfis revela, portanto, não apenas a forte vocação internacional do MAC, mas também a margem de crescimento no fortalecimento da sua relação com o público residente, no quadro mais amplo da democratização do acesso ao património.

Segundo José Arnaud, em *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, o forte impacto do público estrangeiro na dinâmica do MAC tem justificado um investimento contínuo em estratégias de divulgação, tanto a nível nacional quanto internacional. Entre as ações destacam-se as parcerias com o Turismo de Portugal e com a Associação de Turismo de Lisboa, os contactos com agências privadas, a integração em roteiros conduzidos por guias independentes e a distribuição regular de material promocional em hotéis e hostels. Merecem também destaque os esforços para garantir a presença do museu em guias de viagem atualizados, bem como em entrevistas, filmagens e programas culturais televisivos, que frequentemente associam o edifício e a sua coleção a episódios emblemáticos da história portuguesa, como a Batalha de Aljubarrota, o terramoto de 1755 e a Revolução dos Cravos.³⁰²

³⁰²ARNAUD, *Memória e Intervenção*, op. cit., p. 98.

Em conversas com Célia Pereira, conservadora do MAC, foi possível compreender que o público português demonstra maior interesse nos eventos promovidos no espaço do que na visita simples ao acervo. Ela interpreta esse comportamento como uma menor disposição do público nacional em pagar o valor do bilhete de entrada para o museu, que atualmente custa em média 7 euros, contrapondo-se à maior abertura em participar de eventos, mesmo quando o custo é significativamente mais elevado, como é o caso do Lisbon Under Stars, cujo ingresso varia entre 15 e 20 euros. Essa distinção aponta para um desafio e uma oportunidade para o museu, pois enquanto a visita tradicional pode enfrentar barreiras junto ao público local, os eventos culturais oferecem uma via estratégica para engajamento, promovendo a aproximação e valorização do museu como espaço dinâmico para os residentes.

É importante destacar que a coleta de dados utilizada para caracterizar o público do museu concentra-se na nacionalidade dos visitantes, sem discriminar necessariamente se esses indivíduos são residentes em Portugal ou não. Essa distinção gera uma camada adicional de complexidade na análise, pois visitantes estrangeiros residentes no país podem apresentar comportamentos e expectativas distintas daqueles em turismo temporário. Da mesma forma, portugueses que residem fora do território nacional, mas retornam para visitar o museu, também compõem esse universo híbrido. Reconhecer essa nuance permite uma compreensão mais aprofundada dos perfis do público e das dinâmicas de visita, evidenciando a necessidade de estratégias de mediação que considerem tanto a dimensão turística quanto a local, inclusive as diversas formas de vínculo que diferentes grupos estabelecem com o museu.

Esse cenário atual contrasta significativamente com o perfil do público em décadas anteriores. Registros e memórias institucionais indicam que, antes de 2001, o número de visitantes era consideravelmente mais reduzido e predominava um público nacional, composto sobretudo por estudantes universitários, investigadores, professores e profissionais das áreas do património, da arqueologia e da história da arte. A visita ao museu estava, nesse contexto, fortemente associada a interesses académicos e formativos, mais do que a práticas culturais generalizadas ou de lazer.

A partir da primeira década do século XXI, contudo, verifica-se uma reconfiguração progressiva desses perfis, com um aumento consistente da presença de visitantes estrangeiros e a diversificação dos interesses que motivam a visita. Essa mudança acompanha não apenas o crescimento do turismo em Lisboa, mas também um processo de valorização simbólica e

estética do espaço do Carmo, que passou a ser integrado de forma mais expressiva nos circuitos culturais internacionais.

Paralelamente a essas transformações no perfil de nacionalidade dos visitantes, a faixa etária do público também se diversificou, incorporando um número crescente de jovens adultos, famílias e, de modo particularmente expressivo, grupos escolares. A motivação das visitas, antes centrada sobretudo no interesse pela relevância histórica e arqueológica do acervo, passou a abranger também o fascínio pela singularidade arquitetônica das ruínas do convento, pelo impacto visual do espaço e pela sua atmosfera simbólica. Elementos como a cenografia expositiva, os percursos de visita e a programação cultural desempenharam um papel importante na ampliação do apelo do museu, tornando a experiência mais acessível e envolvente para públicos com diferentes níveis de familiaridade com os conteúdos históricos. Conforme apontado em *Construindo a Memória: As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*,³⁰³ o aumento da presença de grupos escolares foi acompanhado pela criação de seis tipos distintos de visita, adaptados a diferentes escalões etários, o que contribuiu significativamente para expandir o alcance e a eficácia das ações educativas promovidas pelo museu.

Embora os dados sistematizados sobre faixas etárias específicas sejam limitados, a estrutura de bilhética vigente em 2024 oferece indícios importantes sobre a diversidade dos públicos acolhidos pelo MAC. A existência de categorias como “bilhete estudante”, “bilhete menores de 14 anos”, “bilhete sénior” e “bilhete reformado” evidencia um esforço consciente de segmentação etária, com preços diferenciados que facilitam o acesso de crianças, jovens e visitantes mais velhos. Complementarmente, bilhetes gratuitos ou com descontos destinados a profissionais, sócios e guias, assim como modalidades integradas a passes culturais e de transporte, como Lisboa Card, Carris e CP, indicam uma estratégia articulada com redes turísticas, educativas e culturais mais amplas. Atividades complementares, tais como ateliers, oficinas temáticas e eventos sazonais, reforçam o posicionamento do museu enquanto espaço cultural que busca diversificar sua audiência e acolher diferentes perfis de visitantes.

A análise dos perfis nacionais, das faixas etárias e das práticas de visita ao MAC revela uma mudança significativa no público que frequenta o museu, destacando o contraste entre os visitantes anteriores a 2001 e os que frequentam atualmente. Observa-se uma clara predominância do turismo internacional, que reflete tanto a localização estratégica do museu na cidade de Lisboa quanto o apelo singular de seu património arquitetónico e arqueológico.

³⁰³ARNAUD; FERNANDES, *Construindo a Memória*, op. cit., p. 17.

Por outro lado, a presença relativamente modesta do público nacional aponta para desafios e oportunidades no fortalecimento do vínculo com a comunidade local, especialmente no que se refere à diversificação dos tipos de visita e à ampliação das estratégias de mediação cultural. A segmentação etária e as iniciativas educacionais revelam um esforço consciente do museu em atender a diferentes perfis e interesses, ampliando o acesso e a relevância do espaço. Para aprofundar essa compreensão, é fundamental avançar para a análise das percepções dos visitantes, aspecto que revela as impressões, expectativas e experiências que orientam a relação do público com o museu, tema central da próxima seção.

3.5.3 As percepções dos visitantes

As percepções dos visitantes do Museu Arqueológico do Carmo constituem um indicador relevante da eficácia das transformações operadas ao longo das últimas décadas, sobretudo no que diz respeito à museografia, à acessibilidade e à experiência sensorial e simbólica da visita. Apesar da ausência de um sistema contínuo de inquéritos de satisfação, esta análise baseia-se em comentários publicados nas redes sociais do museu e em plataformas digitais de avaliação turística.

Importa referir que o único inquérito de satisfação disponibilizado pelo museu para consulta incidia sobre um período curto e estava associado à realização de um evento específico, o que limita de forma significativa a sua representatividade em relação à experiência regular de visita. Por corresponder a um momento pontual, marcado por uma programação diferenciada e por um perfil de público potencialmente distinto do habitual, os dados recolhidos não constituíam uma base suficientemente consistente para sustentar uma análise mais ampla. Nesse sentido, a opção por recorrer a comentários publicados em plataformas digitais revelou-se metodologicamente mais adequada para aferir percepções relativas ao funcionamento corrente do museu.

Plataformas como TripAdvisor, Google Reviews e Booking.com têm-se revelado ferramentas úteis para perceber o impacto da visita ao MAC. As classificações são, em sua maioria, elevadas e elogiam aspectos como a beleza arquitetónica do antigo convento, a serenidade do ambiente, a integração harmoniosa entre ruínas e acervo arqueológico, e a cordialidade da equipa. Muitos visitantes referem-se ao museu como uma descoberta surpreendente no centro de Lisboa, frequentemente descrevendo-o como uma joia escondida, o que evidencia o potencial afetivo da experiência e a sua capacidade de provocar encantamento. O cenário das ruínas a céu aberto é apontado de forma recorrente como um

elemento marcante, capaz de gerar uma resposta emocional que articula fruição estética e reflexão histórica. Em contraste, algumas críticas pontuais destacam a escassez de informações contextuais em certas vitrines, a limitação de recursos digitais interativos e a insuficiência de sinalização em vários idiomas. Essas observações, ainda que minoritárias, indicam margens concretas para o aperfeiçoamento da comunicação expositiva e da mediação interpretativa.

Figura 27: Naves do MAC.



Fonte: Instagram do Museu Arqueológico do Carmo, disponível em:

https://www.instagram.com/museuarqueologicodocarmo/p/CAFb3WSqCC2/?img_index=2 acesso em 20 de fevereiro de 2025.

É também relevante notar que, apesar da predominância de turistas internacionais entre os visitantes, muitos comentários refletem um claro reconhecimento do valor simbólico do museu para a identidade histórica de Lisboa e de Portugal. O fascínio exercido pelas ruínas do antigo convento é frequentemente acompanhado por um interesse espontâneo em torno do terramoto de 1755 e da história da ordem carmelita, o que reforça o papel do MAC enquanto mediador entre a memória urbana e a experiência contemporânea de visita. As percepções expressas pelo público não se limitam à receção da exposição museológica, mas abrangem o modo como o espaço é vivido, interpretado e apropriado pelos visitantes. Entre

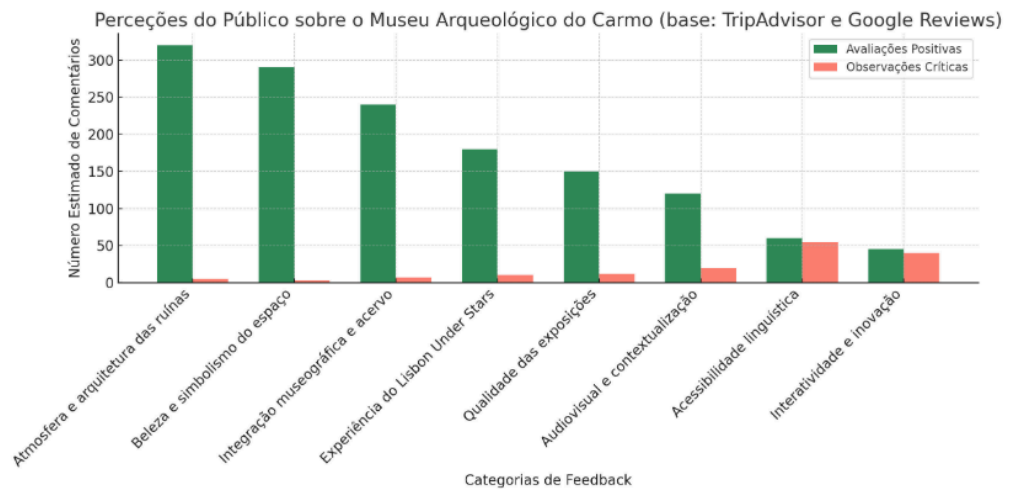
os aspetos mais valorizados, destaca-se de forma recorrente a atmosfera evocativa do convento, em particular a nave principal a céu aberto, mencionada por muitos como uma das imagens mais marcantes da visita. Comentários que descrevem o local como “impressionante”, “poético” ou “inesquecível” evidenciam a força emocional do lugar, que ultrapassa a função expositiva e se inscreve numa experiência estética e sensorial profundamente significativa.

Com o intuito de compreender as percepções do público sobre o MAC, foram elaborados dois gráficos baseados na análise de comentários espontâneos publicados em plataformas digitais. O primeiro gráfico refere-se às avaliações feitas no TripAdvisor e Google Reviews, enquanto o segundo sintetiza interações nas redes sociais do museu, nomeadamente Facebook e Instagram. A amostra utilizada abrange o período entre 2019 e 2024, considerando publicações com alta visibilidade ou número expressivo de interações. A metodologia consistiu na leitura e categorização manual dos comentários, identificando temas recorrentes, como a valorização do ambiente arquitetónico, a simpatia da equipa ou os preços dos bilhetes. As menções foram agrupadas em categorias interpretativas e representadas de forma estimativa, distinguindo percepções majoritariamente positivas de observações críticas. Embora os gráficos não correspondam a um levantamento estatístico rigoroso, eles oferecem uma visualização qualitativa relevante das tendências predominantes nas experiências dos visitantes e da forma como estes se relacionam com os diferentes aspectos da oferta museológica.

A partir dessa leitura interpretativa das percepções do público, torna-se possível identificar padrões de valorização e crítica que ajudam a compreender como o MAC é experienciado e avaliado pelos seus visitantes. Comentários espontâneos publicados em plataformas digitais de turismo, como o TripAdvisor, constituem uma fonte particularmente relevante nesse contexto. Em junho de 2025, o museu contava com mais de 2.900 avaliações nessa plataforma, com uma média de 4,5 em 5 estrelas, o que o posiciona entre os espaços culturais mais bem avaliados da cidade de Lisboa. Esses dados reforçam a importância de considerar tais avaliações como indicadores qualitativos da receção pública e da eficácia da experiência museológica oferecida.

Os gráficos a seguir sintetizam essas tendências, permitindo observar quais elementos do espaço, da programação e da mediação museológica geram maior impacto positivo, bem como as características que suscitam questionamentos ou insatisfação.

Figura 28: Avaliações de visitantes sobre o MAC em plataformas de turismo online (TripAdvisor e Google Reviews), reunidas entre 2019 e 2024.



Fonte: Elaboração própria a partir de amostragem qualitativa de comentários públicos.

Esse gráfico, referente às plataformas de turismo, revela que os aspectos mais valorizados pelo público dizem respeito à atmosfera do lugar, à sua dimensão estética e simbólica e à experiência de contemplação associada à monumentalidade das ruínas. As categorias “atmosfera e arquitetura das ruínas”, “beleza e simbolismo do espaço” e “integração museográfica e acervo” concentram o maior número de avaliações positivas, com volume significativamente superior às observações críticas. Tal distribuição evidencia que a experiência oferecida pelo museu é, em grande medida, percebida como envolvente e esteticamente gratificante. Este padrão de apreciação encontra paralelo em outros espaços patrimoniais de forte apelo visual e histórico, onde a própria ruína, enquanto testemunho do passado e elemento evocador, desempenha um papel central na construção do valor simbólico do local.

Ainda nesse gráfico, chama a atenção a presença da categoria “Lisbon Under Stars”, que, apesar de se tratar de um evento específico, sazonal e com curadoria própria, figura entre os elementos mais positivamente avaliados. Isso indica que muitos visitantes não dissociam a experiência do evento da visita ao museu como um todo. A integração espacial do espetáculo com a estrutura arquitetônica da antiga igreja contribui para essa sobreposição de significados. Sua inclusão nos comentários gerais sobre o museu, portanto, não apenas legitima sua relevância, como também sugere que o evento vem sendo assimilado pelo público como parte integrante da identidade contemporânea do museu.

No entanto, o gráfico também evidencia algumas fragilidades. As categorias que apresentam um maior número proporcional de observações críticas incluem “acessibilidade linguística”, “interatividade e inovação” e “audiovisual e contextualização”. Esses apontamentos indicam a persistência de desafios relacionados à mediação e à comunicação museológica, nomeadamente no que diz respeito à inclusão de visitantes não lusófonos, à oferta de recursos interpretativos acessíveis e ao uso de tecnologias mais envolventes. A escassez de recursos multi-linguísticos, por exemplo, pode limitar a compreensão plena do acervo por parte de turistas estrangeiros, o que afeta diretamente a qualidade da experiência. Do mesmo modo, a ausência de dispositivos interativos ou narrativas audiovisuais mais robustas pode ser lida como sinal de um modelo expositivo ainda centrado na contemplação e menos voltado à participação ativa do público.

Figura 29: Reações e comentários de visitantes ao MAC nas redes sociais (Facebook e Instagram), entre 2020 e 2024.



Fonte: Elaboração própria com base em análise de interações públicas nas plataformas.

O segundo gráfico, por sua vez, organiza as percepções extraídas das redes sociais do museu e revela outros padrões interpretativos. Nesse contexto, os elementos visuais, afetivos e relacionais ganham maior protagonismo. A categoria mais mencionada positivamente é “fotogenia e cenário para fotos”, seguida por “eventos especiais e culturais” e “acolhimento e simpatia da equipa”. Esses dados sugerem que a dimensão simbólica do museu como espaço de sociabilidade e produção de imagens assume grande importância na sua recepção digital. Trata-se de uma forma de apropriação do património mediada pelas lógicas de visibilidade

próprias das redes sociais, nas quais o valor de um espaço está muitas vezes associado à sua capacidade de gerar conteúdos partilháveis e visualmente atrativos.

A ênfase em categorias como “programação educativa e oficinas” e “promoção nas redes e visibilidade” aponta ainda para uma valorização da dinâmica cultural do museu, sobretudo quando articulada com estratégias comunicacionais eficazes. Isso indica que o público reconhece e aprecia os esforços da instituição em manter uma presença ativa nas redes e em diversificar a sua programação. Aqui novamente o Lisbon Under Stars aparece com destaque, demonstrando que seu impacto não se limita ao contexto presencial, mas também se projeta com força no ambiente digital. A qualidade estética do evento, a experiência imersiva que propõe e o modo como é promovido contribuem para que ele se torne altamente compartilhável, o que amplia a visibilidade do museu junto a novos públicos.

Por outro lado, as categorias mais criticadas nas redes dizem respeito a “preços e acessibilidade económica” e, em menor grau, a “interatividade nas publicações”. As críticas associadas ao custo da visita podem refletir percepções de desproporcionalidade entre o preço cobrado e os conteúdos ou serviços oferecidos, sobretudo entre visitantes nacionais ou residentes em Lisboa, que comparam o museu com outras instituições culturais da cidade. Já as observações sobre a interatividade das publicações podem indicar uma expectativa por maior envolvimento do museu com o público digital, seja através de respostas, enquetes, conteúdos participativos ou iniciativas que promovam o diálogo.

Em conjunto, os dois gráficos apontam para uma dupla valorização por parte dos públicos. Por um lado, há um reconhecimento do valor histórico, estético e simbólico do espaço museológico e do seu acervo, aspectos centrais na experiência presencial. Por outro, há uma crescente valorização da dimensão imersiva, relacional e digital da experiência museológica, cada vez mais marcada por eventos especiais, ações educativas e pela comunicação nas redes sociais.

Em síntese, os dados apresentados revelam que, embora a estrutura patrimonial e a museografia tradicional permaneçam como os principais eixos de valorização por parte do público, aspectos ligados à experiência imersiva, à fotogenia do espaço e ao acolhimento institucional assumem um papel cada vez mais relevante na construção da imagem do museu. Paralelamente, às críticas identificadas indicam desafios persistentes no domínio da acessibilidade e da interatividade, os quais devem ser considerados de forma estratégica no planejamento de futuras ações museológicas e comunicacionais.

Embora a análise apresentada não derive de estudos de campo sistemáticos, ela oferece uma perspectiva significativa sobre o modo como o MAC é experienciado e avaliado

por seus visitantes. A recorrência de elogios em múltiplos idiomas e contextos revela não apenas a consistência da experiência oferecida, mas também a capacidade do museu de dialogar efetivamente com públicos diversos. A construção dessa imagem positiva junto ao público internacional evidencia o sucesso de muitas das estratégias adotadas nas últimas décadas, sem, no entanto, ocultar os desafios ainda presentes. Nesse sentido, os dados reunidos constituem não apenas um retrato do presente, mas também uma ferramenta estratégica para o futuro, visto que, sugerem a necessidade de consolidar práticas sistemáticas de escuta ativa e de avaliação contínua, integrando metodologias qualitativas e quantitativas que permitam aprofundar o conhecimento sobre os públicos e aprimorar, de forma sustentada, a experiência museológica.

Reflexões finais sobre a renovação museológica do Museu Arqueológico do Carmo

Ao longo deste trabalho, analisaram-se as transformações museológicas ocorridas no Museu Arqueológico do Carmo entre 2001 e 2024, com especial atenção aos processos de revitalização institucional que marcaram esse período. As mudanças implementadas ao longo das últimas duas décadas revelam um processo contínuo de reconfiguração, marcado por uma tensão produtiva entre a preservação da identidade singular do espaço e a adaptação aos novos paradigmas que vêm redefinindo o campo museológico. Mais do que intervenções pontuais na museografia ou na programação, tratou-se de uma redefinição mais ampla do papel do museu como agente cultural ativo, comprometido com a renovação de seus discursos, práticas e formas de interação com os públicos.

A investigação permitiu compreender como essa transformação contribuiu para reposicionar o MAC como espaço cultural relevante na contemporaneidade lisboeta, ampliando a sua visibilidade, atratividade e capacidade de diálogo com diferentes segmentos da sociedade. Nesse contexto, a reorganização do acervo, a valorização de peças emblemáticas, a diversificação das estratégias de mediação e o investimento em eventos de grande alcance público transformaram significativamente a forma como o museu se apresenta e se relaciona com os seus visitantes.

Essa nova orientação, mais aberta ao diálogo com públicos diversos e com outras instituições culturais, contribuiu para a atualização da imagem do museu. Contudo, é importante reconhecer, que esse processo de renovação não foi linear nem isento de obstáculos. A complexidade de conciliar tradição e inovação, monumentalidade e acessibilidade, continua a exigir um trabalho atento e estratégias institucionais sustentadas.

A partir da análise das mudanças ocorridas após a reabertura do MAC em 2001, constatou-se que o equilíbrio entre preservação e inovação foi atingido por meio da valorização das ruínas e da arquitetura da antiga igreja como parte integrante da experiência museológica, combinada com a incorporação de linguagens expositivas contemporâneas, ações de mediação cultural e eventos que ampliam o diálogo com diversos públicos. Essa articulação não só permite respeitar o valor histórico do espaço, como não restringe a renovação das práticas museológicas.

Os impactos dessa transformação manifestam-se na crescente visibilidade e relevância cultural do MAC, hoje reconhecido não apenas pelo seu acervo e pela força evocativa do espaço, mas também pela capacidade de proporcionar experiências museológicas que articulam memória, contemplação e inovação. Entre os êxitos mais notáveis, destaca-se a consolidação de uma imagem pública centrada na autenticidade do lugar e na harmonia entre ruínas arquitetônicas e acervo expositivo. A experiência de visita, frequentemente descrita pelos visitantes como “mágica” ou “inesquecível”,³⁰⁴ evidencia o êxito da proposta sensorial e simbólica construída em torno da antiga igreja. Essa abordagem tem sido reforçada por uma programação cultural que inclui eventos imersivos, espetáculos noturnos e ações pontuais que exploram o potencial atmosférico do espaço, convertendo-o em plataforma para novas formas de criação artística.

Outro aspecto relevante diz respeito ao equilíbrio entre tradição e inovação. O museu tem procurado afirmar-se como lugar de preservação patrimonial e, ao mesmo tempo, como campo de experimentação e abertura a novas linguagens. Essa dualidade tem impulsionado novas iniciativas, mas também impõe desafios curatoriais e institucionais, exigindo atenção constante para que o valor histórico e arqueológico da igreja e das coleções não se veja reduzido a um simples cenário, e para que a inovação não comprometa a integridade simbólica do lugar.

O fortalecimento de parcerias institucionais e a integração em redes culturais, tanto locais quanto nacionais, constituem também avanços significativos nesse percurso. A colaboração com universidades, centros de investigação e outros museus, assim como a criação de eventos como a Festa da Arqueologia, expressam o compromisso com a circulação de saberes, a ampliação de públicos e o enraizamento do museu na vida cultural da cidade. A expansão das exposições temporárias e a oferta continuada de atividades educativas revelam o esforço deliberado de reposicionar o MAC como espaço de diálogo e aprendizagem para além das suas funções tradicionais de conservação e exposição.

Apesar dos avanços significativos alcançados, é importante reconhecer que alguns desafios seguem presentes, representando oportunidades para fortalecer e consolidar o processo de revitalização. Entre esses aspectos, destaca-se a ausência de uma política sistemática e contínua de avaliação de públicos, que pode restringir o conhecimento aprofundado dos perfis, interesses e expectativas dos visitantes. Embora os comentários em

³⁰⁴Expressões recorrentes identificadas em comentários de visitantes nas páginas oficiais do MAC no Instagram e no Facebook, bem como em plataformas de avaliação como TripAdvisor e Google Maps, consultados entre março e maio de 2025.

plataformas digitais ofereçam informações valiosas sobre a recepção pública, a falta de inquéritos regulares, estudos específicos ou mecanismos estruturados de escuta ativa limita a possibilidade de um planejamento mais participativo e fundamentado em dados concretos. Esse aspecto representa uma oportunidade para aprimorar o desenvolvimento estratégico do museu e favorecer uma adaptação mais eficaz às necessidades reais e demandas dos seus diversos públicos.

Outro ponto crucial refere-se à inovação nas ferramentas de mediação e à incorporação de tecnologias interativas. Embora a presença digital do MAC tenha sido reforçada nos últimos anos, ainda existe margem para o desenvolvimento de estratégias mais participativas e integradas, tanto no plano comunicacional quanto na mediação presencial. A introdução de recursos digitais, como aplicações móveis, conteúdos expandidos acessíveis por meio de códigos QR ou experiências sensoriais complementares, poderia enriquecer a visita e aprofundar a relação dos públicos com o acervo e com o espaço. Da mesma forma, o estímulo à participação ativa nas plataformas digitais, por meio da partilha de experiências, comentários, memórias ou outros contributos, pode fortalecer o vínculo com o museu e favorecer a construção de uma comunidade cultural em torno da sua identidade. A valorização dessas dimensões torna-se particularmente relevante à medida que a experiência museológica se expande para além do espaço físico e passa a integrar formas híbridas de acesso, comunicação e envolvimento.

As críticas relacionadas à acessibilidade linguística, à limitada interatividade e à contextualização das exposições ressaltam a importância de aprimorar as estratégias de mediação museológica, especialmente em um contexto marcado pela diversidade cultural e linguística dos visitantes turísticos, incluindo pessoas com deficiência. A museografia permanente pode beneficiar-se da ampliação das ferramentas interpretativas acessíveis, como a oferta de audioguias multilíngues, materiais em braille e outros dispositivos que facilitem a compreensão e o diálogo entre diferentes públicos. Essas medidas contribuem para tornar a experiência do visitante mais inclusiva, enriquecendo a experiência e fortalecendo o papel do museu como espaço de acolhimento cultural.

Importa sublinhar, contudo, que tais desafios não representam falhas isoladas, mas sim características inerentes ao funcionamento de qualquer museu. Trata-se de um campo em constante construção, onde lacunas, limitações e possibilidades de melhoria fazem parte de um processo permanente de aperfeiçoamento institucional. O desenvolvimento museológico é, por definição, contínuo, cumulativo e sempre em diálogo com as transformações sociais, culturais e tecnológicas do seu tempo.

Essas considerações gerais sobre os avanços e desafios institucionais do MAC encontram eco na forma como o museu tem consolidado sua presença no circuito cultural lisboeta e na evolução do seu perfil. A materialização dessa revitalização é visível tanto na reafirmação da identidade do MAC, centrada na valorização das ruínas e na preservação da atmosfera única do espaço, quanto na ampliação e diversificação dos públicos que o frequentam.

A evolução do perfil do público após 2001 confirma os impactos dessas transformações, com base nos relatórios de atividades e de receitas e despesas do museu para o período anterior a 1990 e nos relatórios estatísticos de visitação entre 1990 e 2024. A análise dos dados disponíveis evidencia um aumento expressivo no número de visitantes, acompanhado por uma maior diversidade de origens, idades e motivações. O museu deixou de ser frequentado predominantemente por um público erudito e passou a acolher grupos escolares, famílias, turistas internacionais e comunidades locais. Esse alargamento decorre da adoção de estratégias de acessibilidade e inclusão, como a adaptação da linguagem expositiva, o desenvolvimento de programas educativos e o uso de tecnologias facilitadoras.

Essa consolidação da identidade e a diversificação dos públicos que o MAC tem alcançado refletem uma trajetória de afirmação e consolidação que se evidencia claramente nas últimas duas décadas. O museu tem se firmado como um espaço patrimonial de forte apelo simbólico, estético e experiencial. A valorização das ruínas enquanto elemento central da visita, a preservação da atmosfera contemplativa da antiga igreja e a manutenção de uma museografia respeitosa em relação ao edifício histórico expressam uma estratégia coerente de afirmação identitária. Essa abordagem, aliada à introdução progressiva de novas linguagens expositivas, eventos imersivos e ações de mediação cultural, permite ao museu ampliar seu público sem descaracterizar sua vocação original.

Assim, a trajetória recente do Museu Arqueológico do Carmo evidencia que a revitalização promovida a partir de 2001 permitiu um reposicionamento estratégico que concilia tradição e inovação, preservação patrimonial e acessibilidade cultural, consolidando o museu como um agente relevante no panorama cultural do século XXI e abrindo caminhos para sua evolução futura. Esse percurso revela uma renovação cautelosa e bem-sucedida, que ampliou o alcance institucional, diversificou os públicos e reforçou a presença do museu na vida cultural da cidade. O MAC implementou medidas concretas de acessibilidade, como a adaptação dos espaços para pessoas com mobilidade reduzida e a oferta de recursos de mediação e informação para diferentes públicos, práticas que se alinham com recomendações internacionais do ICOM e refletem um esforço do museu em acompanhar boas práticas

museológicas reconhecidas internacionalmente. Os avanços obtidos confirmam a relevância do MAC como espaço de memória, contemplação e fruição cultural, ao mesmo tempo que indicam a importância de continuar aprimorando estratégias de gestão cada vez mais participativas, inclusivas e alinhadas às transformações socioculturais em curso. O futuro da instituição depende da continuidade e do aprimoramento da capacidade de equilibrar permanência e mudança, monumentalidade e proximidade, dimensões que, em conjunto, definem a singularidade e o potencial do museu no século XXI.

Referências Bibliográficas³⁰⁵

ARNAUD, José Morais. *Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa, 2013.

ARNAUD, José Morais. Prólogo. In: PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa, 2019, p.13-15.

ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2005.

ARNAUD, José Morais; PEREIRA, Célia Nunes. *Guia do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2019.

BARATA, Beatriz Correia Vicente. *Os Museus de Arqueologia e os Jovens: A oferta educativa para o público adolescente*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2017.

BRAZ, Joana Mendonça de Sousa. *Estágio no departamento do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo*. Dissertação de Mestrado em Museologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2024.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus de arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 6, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996, p. 293-313.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70, 2000.

³⁰⁵As referências e citações bibliográficas neste relatório seguem a norma ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

COELHO, Rui Gomes. Como descolonizar a arqueologia portuguesa? In: ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea (Coord.). *Arqueologia em Portugal 2020: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses / CITCEM, 2020. p. 25-39.

CORRÊA, Diogo Maleitas. Diogo de Çarça e a obra de talha maneirista do Mosteiro dos Jerónimos. In: *O largo tempo do Renascimento: arte, propaganda e poder*. Lisboa: Caleidoscópio, 2008, p. 415-458.

CURA, P.; MARTINS, A., NEVES, C. *Gestos e Técnicas de Vila Nova de São Pedro: workshops de Arqueologia Experimental no Museu Arqueológico do Carmo, em 2019*. Al-madan on-line, 23(1), 2020, p.168-170.

DGPC. Direção-Geral do Património Cultural. *Apresentação*. Disponível em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/instituicao/apresentacao/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 31 mar. 2025.

DGPC. Direção-Geral do Património Cultural. *Legislação*. Disponível em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/patrimonio-cultural/legislacao/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 31 mar. 2025.

DGPC. Direção-Geral do Património Cultural. *Missão*. Disponível em: https://www.patrimoniocultural.gov.pt/instituicao/missao/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 31 mar. 2025.

DINIZ, M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; ARNAUD, J. *Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)*. *Arqueologia & História*, n. 70, p. 203-224, 2020.

DINIZ, M. T. L. C. B.; MARTINS, A.; NEVES, C.; ARNAUD, J. M. (Orgs.). *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular*. Lisboa: UNIARQ; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2024. (Estudos & Memórias, 22).

FERREIRA, Vítor Daniel Pires. *Políticas públicas de património cultural em Portugal: da génese à maioria – uma análise sobre três programas e dezenove anos de intervenções. Sociais e Humanas, Santa Maria*, v. 26, n. 2, mai./ago. 2013, p. 274-290.

GOMES, Mário Varela. Projeto de Musealização. In: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2005, p.630-639.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. *Museums and education: purpose, pedagogy, performance*. Londres: Routledge, 2007.

ICOM – Conselho Internacional de Museus. *Código de ética para museus*. Paris: ICOM, 2017. Disponível em: <https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/ICOM-code-En-web.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2025.

ICOM – International Council of Museums. *Nova definição de museu*. Aprovada em 24 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/>. Acesso em: 16 ago. 2025.

ICOMOS. *Carta de Veneza*. Veneza: ICOMOS, 1964. Disponível em: https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/venice_e.pdf. Acesso em: 31 mar. 2025.

ICOMOS. *The Burra Charter: The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance*. 2013. Disponível em: <https://australia.icomos.org/wp-content/uploads/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31.10.2013.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2025.

JOKILEHTO, Jukka. *Considerations on Authenticity and Integrity in World Heritage Context*. City & Time, v. 2, n. 1, 2006, p. 1-16.

LIMA, Maria Madalena Gonçalves da Costa. *Conceitos e atitudes de intervenção arquitetónica em Portugal (1755-1834)*. 2013. Tese de Doutoramento em História, especialidade em Arte, Património e Restauro, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

MAIA, Maria Helena. *Património e restauro em Portugal (1825-1880)*. Lisboa: Edições Colibri, IHA – Estudos de Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Coleção Teses, 2007.

MARTINS, Ana Cristina. Coleccionando antiguidades. O Antigo Egipto e a Mesopotâmia no Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa, Portugal). In: BRAGE MARTÍNEZ, Lucía; MONTERO FENOLLÓS, Juan-Luis (Orgs.). *El Próximo Oriente antiguo y el Egipto faraónico en España y Portugal: viajeros, pioneros, coleccionistas, instituciones y recepción*. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2020. Barcino. Monographica Orientalia, v. 13, p. 271-287.

MARTINS, Ana Cristina. Museu Arqueológico do Carmo: A Celebração da Memória. In: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2005, p.40-93.

MARTINS, Ana Cristina. Museu Arqueológico do Carmo, exposições temporárias e sociedade civil na I República: uma síntese. in: In ARNALD, J.; DELAVENAY, A. H.; DI PAOLA, M. (eds.) *Historia de los museos, historia de la museología*. Espanha, Portugal, America. Gijón: Ediciones Trea, 2020, p.319-325.

MARTINS, Ana Cristina. *Possidónio da Silva (1806-1896) e o Elogio da Memória: Um Percurso na Arqueologia de Oitocentos*. Arqueologia & História: monografias. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa, 2003.

MARTINS, Ana Cristina. *A Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses e o Museu Arqueológico do Carmo: alguns percursos internacionais (abordagem preliminar)*. Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 2017, p.99-131.

MARTINS, A.; NEVES, C., DINIZ, M.; ARNAUD, J. M. *Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)*. *Arqueologia & História*, v70, 2020, p. 203-224.

MERRIMAN, Nick. Introduction: Diversity and dissonance in public archaeology. In: MERRIMAN, Nick (Ed.). *Public archaeology*. Londres: Routledge, 2004. p. 1-17.

NEVES, J. S.; SANTOS, J.; FERREIRA, L. *Os museus da Rede Portuguesa de Museus em 2022*. Lisboa: Observatório Português das Atividades Culturais, CIES-Iscte, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15847/CIESOPACIC022023>. Acesso em: 19 maio 2025.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7–28.

PEREIRA, Célia Nunes. *A Igreja e o Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389-1755)*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa, 2019.

PEREIRA, Paulo. O Convento e Igreja de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo. In: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2005, p.20-39.

PEREIRA, Paulo. A Igreja e Convento do Carmo: do gótico ao revivalismo. In: *Comemoração dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo em Lisboa*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1989, p. 87-112.

PEREIRA, Paulo. O Convento e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. In: ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (orgs.). *Roteiro da Exposição Permanente: Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo. Lisboa, 2002, p.13-21.

QUIRINO, C.; MARTINS, A.; DINIZ, M.. Arqueologia Pública: A Festa da Arqueologia como Caso de Estudo. In: ARNAUD, José Morais; NEVES, César, MARTINS, Andrea (Eds.), *Arqueologia em Portugal. 2023 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS20 e IA-FLUC, 2023, p.1993-2012.

RIBEIRO, Ana Isabel de Melo. *Arquitectos Portugueses: 90 anos de vida associativa, 1863-1953*. Volume I. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1993.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: sua história e suas origens*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RODRIGUES, Rute Andreia Massano. *Entre a salvaguarda e a destruição: a extinção das ordens religiosas em Portugal e as suas consequências para o património artístico dos conventos (1834-1868)*. Tese de Doutoramento em História, na especialidade de Arte, Património e Restauro, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2017.

RUSKIN, John. *The stones of Venice*. London: Smith, Elder & Co., 1851-1853.

RUSKIN, John. *The seven lamps of architecture*. London: Smith, Elder & Co., 1849.

SARMENTO, Clara; RIBEIRO, Sandra. *Cultura & Negócios: Fluxos Criativos entre Culturas, Investigação & Empresas*. Porto: Vida Económica, 2018.

SMITH, Laurajane; WATERTON, Emma. *Heritage, Communities and Archaeology*. London: Duckworth, 2009.

SOARES, Margarida Maria do Vale Jordão Gonçalves. *A Igreja de Santa Maria do Monte do Carmo de Lisboa: memória e ruína*. Vol. 1. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001.

SOUZA, Carine Silva de. *A coleção do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro no Museu Arqueológico do Carmo: uma proposta de exposição*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2022.

SUCENA, Eduardo. *D. Maria Ana de Áustria: A Rainha Desaparecida*. In: *Arqueologia & História: Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, v. 58/59, 2006/2007, p.184.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the past: power and the production of history*. Boston: Beacon Press, 1995.

UNESCO. *Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage*. Paris: UNESCO, 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/conventiontext/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

UNESCO. *Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage*. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/convention>. Acesso em: 31 mar. 2025.

UNESCO. *Património Mundial em Portugal*. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/statesparties/pt>. Acesso em: 31 mar. 2025.

VERGO, Peter. *The New Museology*. London: Reaktion Books, 1989.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène. *The Foundations of Architecture: Selections from the Dictionnaire Raisoné*. Translated by Kenneth D. Whitehead. New York: George Braziller, 1990.